




**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**  
**UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

**VANUZA DOS SANTOS LIMA**

**DISCURSO OFICIAL E DISCURSO ORDINÁRIO: TECENDO SENTIDOS SOBRE O  
NEGRO NA REDE SOCIAL *FACEBOOK***

**Campo Grande-MS**

**2020**

<b>M</b>	 <p>UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL</p>
	<p>VANUZA DOS SANTOS LIMA</p>
<b>DISCURSO OFICIAL E DISCURSO ORDINÁRIO: TECENDO SENTIDOS SOBRE O NEGRO NA REDE SOCIAL FACEBOOK</b>	<p><b>DISCURSO OFICIAL E DISCURSO ORDINÁRIO: TECENDO SENTIDOS SOBRE O NEGRO NA REDE SOCIAL <i>FACEBOOK</i></b></p>
<b>2020</b>	<p>Campo Grande-MS <b>2020</b></p>

**VANUZA DOS SANTOS LIMA**

**DISCURSO OFICIAL E DISCURSO ORDINÁRIO: TECENDO SENTIDOS SOBRE O  
NEGRO NA REDE SOCIAL *FACEBOOK***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura

Orientadora: Profa. Dra. Aline Saddi Chaves

**Campo Grande-MS**

**2020**

L711d Lima, Vanuza dos Santos

Discurso oficial e discurso ordinário: tecendo sentidos sobre o negro na rede social Facebook / Vanuza dos Santos Lima. – Campo Grande, MS: UEMS, 2020. 137p.

Dissertação (Mestrado) – Letras – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2020.

Orientadora: Profa. Dra. Aline Saddi Chaves.

1. Discurso francesa – Análise 2. Discursos institucionais  
3. Negro Representação discursiva 4. Discursos ordinários

I. Chaves, Aline Saddi II. Título

CDD 23. ed. – 401.41

**DISCURSO OFICIAL E DISCURSO ORDINÁRIO: TECENDO SENTIDOS SOBRE O  
NEGRO NA REDE SOCIAL *FACEBOOK***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Aline Saddi Chaves (Presidente)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

---

Profa. Dra. Arlinda Cantero Dorsa  
Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

---

Profa. Dra. Maria Leda Pinto  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

---

Profa. Dra. Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros – Suplente  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

---

Profa. Dra. Elaine de Moraes Santos – Suplente  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

**Campo Grande-MS, 30 de maio de 2020.**

*À minha amada mãe:  
maior incentivadora e  
propulsora de meus  
sonhos.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu maior ajudador e socorro bem presente, Deus, pois sem Ele nada seria possível, do meu respirar à capacidade intelectual e emocional para desenvolver esta pesquisa. Considero que Deus sempre foi muito carinhoso ao escolher as pessoas que trilhariam comigo a caminhada da vida, dessa forma agradeço:

À minha querida orientadora, Doutora Aline Saddi Chaves, exímio profissional, a quem conheci ainda como aluna especial, ocasião em que, por meio de suas aulas, despertou-me verdadeira paixão pela análise dialógica do discurso. Agradeço por toda liberdade em relação à condução da pesquisa, por aceitar minhas ideias, às vezes, confusas e por dividir comigo esta dissertação, não aprendi apenas conteúdos, mas lições de ética, paciência e verdadeira paixão pelo trabalho desenvolvido na Universidade.

À Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul por disponibilizar a estrutura física, intelectual e administrativa necessária para a consecução desta pesquisa. Agradeço aos profissionais da limpeza pela saudação sempre carinhosa e por deixarem a universidade tão agradável; aos professores por serem acessíveis, educados e dispostos a compartilhar conhecimento; à equipe administrativa pelo suporte, sempre dirimindo minhas dúvidas e auxiliando nos procedimentos administrativos; a toda equipe de coordenação pelo apoio logístico e organização.

À Capes pelo recurso financeiro disponibilizado mediante o fornecimento da bolsa de estudos, incentivo essencial nesse período.

À minha amada mãe que, desde muito cedo, fez-me acreditar que sou capaz, incentivando-me até nas minhas ideias mais loucas; ela sempre me fez sentir que eu poderia fazer qualquer coisa que me propusesse.

Ao meu querido amigo Itamar por sempre me incentivar e inspirar. Agradeço pelo apoio, pelos livros, conselhos, ensinamentos e, principalmente, pela amizade.

À minha querida psicóloga Dani Omine, que foi bem mais que uma terapeuta, pois compartilhamos a paixão pela linguagem. Agradeço ao suporte psicológico e, principalmente, pelas discussões sobre a linguagem e a aproximação Freud, Lacan e Bakhtin.

À minha querida amiga Hellen pelo incentivo, por tentar sanar minhas inúmeras dúvidas, ajudando-me a entender um pouco mais sobre Bakhtin, por sempre me dizer que eu iria conseguir e, principalmente, pelos inúmeros livros; meus companheiros neste processo.

À minha querida amiga Livia que compartilhou comigo do mesmo sonho, passou pelas mesmas fases e sempre me incentivou, ainda que sentisse os mesmos medos. Agradeço pelo companheirismo não apenas no mestrado, mas nas horas de desestressar em contato com a natureza. Agradeço por compartilharmos paixões tão semelhantes.

À minha maior companheira e amiga leal, Larissa, por também sonhar e viver todas as etapas deste sonho comigo, mesmo em áreas distintas, literatura e análise do discurso, amo perceber a forma como sempre estamos juntas. Agradeço pelas horas na biblioteca ou na casa dela estudando, pelas longas conversas recheadas de drama e por toda força e incentivo. Essa amizade é um suporte para mim.

À minha querida amiga Ana Paula por sempre terminar com as minhas crises de drama, pelo incentivo e por todas as vezes que disse ter certeza de que eu conseguiria. Agradeço por sempre estar ao meu lado, pelos conselhos e até pelos puxões de orelha. Essa amizade também é suporte para mim.

À minha querida amiga Letícia que sempre me incentivou em relação ao mestrado. Agradeço ao suporte que me deu quando eu ainda era aluna especial, por ter me recepcionado e mostrado os caminhos na universidade, mais que isso, pela forma como acredita em mim e pela amizade tão especial.

Aos amigos que fiz no mestrado, principalmente, ao Alan, a Nathalia e a Wélida, com eles compartilhei angústias e sonhos, momentos que apenas nós podíamos entender.

Aos amigos os quais cito alguns: Adriely, Carol, Débora, Éverli, Fabiana, Jéssica, Geovana, Gizeuda e Luciane que sempre me incentivam e vibram com as minhas vitórias, demonstrando o verdadeiro sentido da amizade. Agradeço pela compreensão e por não desistirem de mim neste período em que precisei estar reclusa.

Aos amigos trilheiros, equipe Eco da Hora, agradeço pelas aventuras em meio à natureza que me ajudaram a recarregar as energias e ter inspiração para produzir esta pesquisa.

Às amigas Kitty, Isabel e Sandra pelos ensinamentos na área profissional e pela torcida e incentivo.



À querida professora Hisae, amiga e companheira de trabalho, pelo suporte, incentivo, pelas conversas recheadas de sabedoria e, principalmente, pela amizade.

À minha chefe Ângela por incentivar a minha capacitação e crescimento, pela humanidade com que conduz sua equipe, demonstrando ser uma verdadeira líder.

Aos familiares, amigos e colegas que acreditaram em mim, incentivaram-me e compartilharam da minha felicidade, infelizmente, não é possível citar todos, contudo é impossível esquecê-los.

*Chega mais perto e contempla as palavras. Cada uma  
tem mil faces secretas sob a face neutra e te pergunta,  
sem interesse pela resposta pobre ou terrível que lhe  
deres: Trouxeste a chave?*  
*Carlos Drummond de Andrade*

LIMA, V. S. *Discurso oficial e discurso ordinário: tecendo sentidos sobre o negro na rede social Facebook*. f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2020.

## RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo principal analisar a representação discursiva sobre o negro, a partir de um *corpus* constituído por publicações e comentários compartilhados na *fanpage* Quebrando o Tabu, inscrita na rede social *Facebook*. Situando seu quadro teórico na análise do discurso francesa, com a contribuição da abordagem dialógica do discurso e da teoria da enunciação, a pesquisa tem como observáveis mecanismos interdiscursivos variados (designações, discursos relatados, *emoticons*, entre outros) que, segundo nossas hipóteses, atualizam efeitos de sentido de preconceito e discriminação, ligados a uma memória histórica e interdiscursiva que remonta à escravidão. Inicialmente, observamos que o discurso midiático no ambiente digital está organizado em duas instâncias: as instâncias produtoras do discurso dito institucional, relacionado aos veículos de comunicação alternativos (*fanpage*) e oficiais (imprensa); e as instâncias de recepção dos discursos, correspondentes aos usuários da rede social *Facebook* (sujeitos do cotidiano), representantes do discurso ordinário. De um ponto de vista metodológico, selecionamos três acontecimentos sociais que tratam direta ou indiretamente sobre o negro, originalmente publicados na imprensa oficial e divulgados pela *fanpage*, com a finalidade de analisar a representação discursiva sobre o negro a partir do dispositivo comunicacional característico da *fanpage* Quebrando o Tabu. Este é descrito em quatro níveis enunciativos, formados pelo enunciador (*fanpage*), o narrador (publicação da *fanpage* no *Facebook*), o interlocutor (notícia divulgada) e os co-enunciadores (leitores presumidos e reais). Este dispositivo manifesta uma estrutura complexa de gestão das vozes, por meio de um dialogismo explícito, que ecoa discursos anteriores sobre representações sociais ligadas à condição histórica do negro enquanto escravo, desde a época da colonização. Os resultados da pesquisa mostram que o advento da tecnologia digital, e em particular as redes sociais, provocou a aceleração e a divulgação maciça da informação, tornando-se, em consequência, um lugar privilegiado para se observar a construção do sentido pelos sujeitos, legítimos e ordinários. O suporte digital abre espaço, assim, para um novo campo de pesquisa: a análise do discurso digital, caracterizada por um movimento explícito de disputa pelos sentidos segundo o posicionamento adotado pelos sujeitos, ou seja, formações discursivas que se encontram em posição de conflito entre, de um lado, os discursos estabilizados (forças centrípetas) e, de outro, os discursos ordinários (forças centrífugas).

**Palavras-chave:** Análise do discurso francesa. Discursos institucionais. Discursos ordinários. Representação discursiva sobre o negro. *Facebook*.

## ABSTRACT

This research has the main goal to analyze the discursive representation of the black people, from a corpus made up of publications and comments shared on the fanpage *Quebrando o Tabu*, on the social network Facebook. Situating its theoretical framework in the analysis of French discourse, with the contribution of the dialogical approach of discourse and enunciation theory, the research has as observable varied interdiscursive mechanisms (designations, reported speeches, emoticons, among others) that, according to our hypotheses, reveal the effects of prejudice and discrimination, linked to a historical and interdiscursive memory that goes back to slavery. Initially, we observed that media discourse in the digital environment is organized in two instances: the instances that produce the so-called institutional discourse, related to the alternative and official means of communication (fanpage and press, respectively); and the instances of speech reception, corresponding to users of the social network Facebook (everyday subjects), representatives of ordinary speech. From a methodological point of view, we selected three social events that deal directly or indirectly with the black people, originally published in the official press and, then, shared by the fanpage, in order to analyze the discursive representation of the black people from the distinctive communication tool fanpage *Quebrando o Tabu*. The latter is described in four enunciative levels, formed by the enunciator (fanpage), the narrator (publication of the fanpage on Facebook), the interlocutor (released news) and the co-enunciators (presumed and real readers). This tool manifests a complex structure of voice management, through an explicit dialogism, which echoes previous speeches about social representations linked to the historical condition of black people as slaves, since the colonization period. The research results show that the advent of digital technology, and in particular, social networks caused the acceleration and massive dissemination of information, becoming, consequently, a privileged place to observe the construction of meaning by subjects, both legitimate and ordinary. The digital support opens space, therefore, for a new field of research: the analysis of the digital discourse, characterized by an explicit movement of dispute regarding the meanings according to the positioning adopted by the subjects, that is, discursive formations that are in a position of conflict between stabilized discourses (centripetal forces) and ordinary discourses (centrifugal forces).

**Keywords:** French discourse analysis. Institutional speeches. Ordinary speeches. Discursive representation of the black people. Facebook.

## RÉSUMÉ

La présente recherche a pour but d'analyser la représentation discursive sur les Noirs du Brésil, à partir d'un corpus constitué de publications et commentaires partagés sur la fanpage *Quebrando o Tabu*, dans le réseau social Facebook. Située dans le cadre théorique de l'analyse du discours française avec l'apport de l'approche dialogique du discours et de la théorie de l'énonciation, la recherche prend pour observables des mécanismes interdiscursifs variés (nominations, discours rapportés, émoticônes, parmi d'autres) qui, selon nos hypothèses, mettent à jour des effets de sens de préjugé et de discrimination, liés à une mémoire historique et interdiscursive remontant à l'esclavage. Tout d'abord, nous partons du constat que le discours médiatique dans l'environnement numérique s'organise autour de deux instances : les instances de production du discours dit institutionnel puisque référées aux moyens de communication alternatifs (fanpage) et officiels (presse) ; et les instances de réception des discours, liées aux usagers du réseau social Facebook (sujets du quotidien), représentants du discours ordinaire. D'un point de vue méthodologique, nous avons sélectionné trois événements sociaux portant directement ou indirectement sur les Noirs, originellement publiés dans la presse officielle puis relayés par la fanpage, le but étant d'analyser la représentation discursive sur les Noirs à partir du dispositif communicationnel mis en place par la fanpage *Quebrando o Tabu*. Ce dernier est décrit en quatre niveaux énonciatifs, constitués par l'énonciateur (fanpage), le narrateur (publication de la fanpage sur Facebook), l'interlocuteur (information médiatique relayée) et les co-énonciateurs (lecteurs présumés et réels). Ce dispositif fait état d'une structure complexe de gestion des voix par un dialogisme explicite, qui résonne des discours antérieurs sur des représentations sociales et historiques liées aux Noirs du Brésil, remontant à leur condition d'esclaves dès l'époque de la colonisation. Les résultats de la recherche montrent que l'avènement de la technologie numérique, et plus particulièrement les réseaux sociaux a provoqué l'accélération et la diffusion massive de l'information, devenant par conséquent un lieu d'observation privilégié de la construction du sens par les sujets, aussi bien légitimes qu'ordinaires. Le support numérique ouvre ainsi la voie à un nouveau champ de recherche : l'analyse du discours numérique, dont on remarque un mouvement explicite de dispute des sens selon le positionnement adopté par les sujets, c'est-à-dire des formations discursives qui se trouvent en position de conflit entre les discours stabilisés (forces centripètes) d'une part, et les discours ordinaires (forces centrifuges) de l'autre.

**Mots-clés:** Analyse du discours française. Discours institutionnels. Discours ordinaires. Représentation discursive des Noirs du Brésil. Facebook.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Agentes e conexões nas redes sociais .....	62
Figura 2 -	Página inicial do <i>Facebook</i> .....	66
Figura 3 -	Dispositivo comunicacional na rede social <i>Facebook</i> .....	74
Figura 4 -	Esquema de Diana Luz Pessoa de Barros .....	76
Figura 5 -	Gestão das vozes no <i>Facebook</i> .....	80
Figura 6 -	Publicação .....	81
Figura 7 -	Discurso do interlocutor – Notícia .....	82
Figura 8 -	Discurso da instância de recepção (narratário) .....	82
Figura 9 -	Análise I: Publicação.....	85
Figura 10 -	Análise I: Discurso do interlocutor .....	87
Figura 11 -	Análise I: Comentário 1 .....	90
Figura 12 -	Análise I: Comentário 2 .....	90
Figura 13 -	Análise I: Comentário 3 .....	90
Figura 14 -	Análise I: Comentário 4 e 5.....	92
Figura 15 -	Análise I: Comentário 6 .....	92
Figura 16 -	Análise I: Comentário 7 .....	92
Figura 17 -	Análise II: Comentário 8 .....	94
Figura 18 -	Análise II: Comentário 9 .....	94
Figura 19 -	Análise II: Comentário 10.....	94
Figura 20 -	Análise II: Comentário 11 .....	94
Figura 21 -	Análise II: Comentário 12 .....	95
Figura 22 -	Análise II: Publicação .....	98
Figura 23 -	Análise II: Discurso do interlocutor .....	100
Figura 24 -	Análise II: Comentários 1 a 4.....	105
Figura 25 -	Análise II: Comentário 5 .....	108
Figura 26 -	Análise II: Comentário 6 .....	109
Figura 27 -	Análise II: Comentário 7 .....	109
Figura 28 -	Análise II: Comentário 8 .....	111
Figura 29 -	Análise II: Comentário 9 .....	111
Figura 30 -	Análise II: Comentário 10.....	112
Figura 31 -	Análise III: Publicação .....	115
Figura 32 -	Análise III: Discurso do interlocutor.....	118
Figura 33 -	Análise III: Comentário 1 .....	121

Figura 34 - Análise III: Comentário 2.....	121
Figura 35 - Análise III: Comentário 3.....	123
Figura 36 - Análise III: Comentário 4.....	123
Figura 37 - Análise III: Comentário 5.....	124
Figura 38 - Análise III: Comentário 6.....	125
Figura 39 - Análise III: Comentário 7.....	126

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Síntese das fases da Análise do Discurso.....	35
--	----



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAD – Análise Automática do Discurso

AD – Análise do Discurso

DD – Discurso Direto

FB – *Facebook*

FD – Formação Discursiva

FI – Formação Ideológica

FS – Formação Social

QT – Quebrando o Tabu

IO – Imprensa Oficia

OESP – O Estado de São Paulo

UNESP – Universidade Estadual Paulista

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>19</b>
<b>2</b>	<b>CAPÍTULO 1 – A ANÁLISE DO DISCURSO.....</b>	<b>23</b>
2.1	A ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA .....	24
2.2	AS TRÊS ÉPOCAS DA ANÁLISE DO DISCURSO.....	27
<b>2.2.1</b>	<b>Primeira fase - A Análise Automática do Discurso: Maquinaria Discursiva.....</b>	<b>28</b>
<b>2.2.2</b>	<b>Segunda fase - A estrutura da máquina abalada.....</b>	<b>30</b>
<b>2.2.3</b>	<b>Terceira fase - A explosão da máquina: pontos de interrogação e novos procedimentos .....</b>	<b>32</b>
2.3	A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NA ANÁLISE DO DISCURSO .....	36
2.4	IDEOLOGIA E EFEITO DE SENTIDO.....	42
2.5	INTERAÇÃO VERBAL E DIALOGISMO: O CENTRO DA LINGUAGEM EM BAKHTIN .....	47
<b>3</b>	<b>CAPÍTULO 2 - CONSTRUÇÃO DE SENTIDO EM AMBIENTE DIGITAL ...</b>	<b>51</b>
3.1	O DISCURSO EM AMBIENTE DIGITAL.....	51
3.2	GÊNEROS DO DISCURSO EM PERSPECTIVA DIGITAL.....	53
3.3	A CONSTRUÇÃO DO ACONTECIMENTO NA MÍDIA .....	59
3.4	MÍDIAS E REDES SOCIAIS: A COMUNIDADE EM REDE.....	61
3.5	A REDE SOCIAL <i>FACEBOOK</i> .....	66
<b>3.5.1</b>	<b>Quebrando o Tabu (QT) .....</b>	<b>69</b>
3.6	AS INSTÂNCIAS DE PRODUÇÃO E RECEPÇÃO NO <i>FACEBOOK</i> .....	70
3.7	A GESTÃO DAS VOZES NA REDE SOCIAL <i>FACEBOOK</i> .....	76
3.8	DELIMITAÇÃO DO CORPUS E METODOLOGIA DE ANÁLISE.....	81
<b>4</b>	<b>CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS EFEITOS DE SENTIDO SOBRE O NEGRO NA REDE SOCIAL <i>FACEBOOK</i> .....</b>	<b>84</b>
4.1	ANÁLISE I – MÃE “FANTASIA” FILHO DE ESCRAVO PARA O HALLOWEN	85
<b>4.1.1</b>	<b>Eixo de sentido 1 – Não se trata de uma simples fantasia.....</b>	<b>89</b>
<b>4.1.2</b>	<b>Eixo de sentido 2 – O brasileiro precisa estudar.....</b>	<b>91</b>
<b>4.1.3</b>	<b>Eixo de sentido 3 – Nem o Brasil nem os portugueses escravizaram os negros ....</b>	<b>93</b>
4.2	ANÁLISE II – PROFESSOR É CHAMADO DE MACACO E ESFAQUEADO .....	98
<b>4.2.1</b>	<b>Eixo de sentido 1 – A tipificação do crime: racismo ou injúria racial .....</b>	<b>105</b>
<b>4.2.2</b>	<b>Eixo de sentido 2 – Passividade do negro em relação ao preconceito .....</b>	<b>108</b>
<b>4.2.3</b>	<b>Eixo de sentido 3 – Precisamos de consciência humana ou consciência negra? .</b>	<b>111</b>
4.3	ANÁLISE III – MORTE DE MÚSICO NEGRO POR MILITARES .....	114
<b>4.3.1</b>	<b>Eixo de sentido 1 – Negro e pobre são alvos.....</b>	<b>121</b>
<b>4.3.2</b>	<b>Eixo de sentido 2 – Não é questão de ser negro.....</b>	<b>123</b>
<b>4.3.3</b>	<b>Eixo 3 – Racismo e história .....</b>	<b>125</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>128</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>134</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo principal analisar a representação discursiva sobre o negro, a partir de um *corpus* de mídia constituído por publicações e comentários compartilhados na *fanpage* Quebrando o Tabu, inscrita na rede social *Facebook*, considerando que, para além de sua função de difundir informações, as mídias também contribuem para formar um imaginário social, reproduzindo ideologias por meio das quais, como proposto por Orlandi (2015), os indivíduos são interpelados em sujeitos. Nessa perspectiva, Bakhtin (2003, p. 261) defende que “(...) sempre existem enunciados investidos de autoridade que dão o tom, como as obras de arte, ciências, jornalismo político, nas quais as pessoas se baseiam, as quais elas citam, imitam, seguem (...)”.

No decorrer da história, as mídias refletiram um imaginário social em que o povo negro no Brasil, muitas vezes, aparece em situação de inferioridade e marcado por um passado de exclusão e discriminação, decorrente da primeira metade do século XVI, quando tem início o processo de escravização de africanos no Brasil, a partir do tráfico transatlântico. É possível identificar essas construções, que constantemente são atualizadas ou reelaboradas, mediante a observação de como o sujeito de etnia negra é representado em alguns noticiários, telenovelas, filmes, entre outros. Essas representações influenciam tanto a forma de reconhecimento de si quanto na maneira como são reconhecidos pela sociedade.

Com relação ao discurso midiático, Charaudeau (2006) explica seu funcionamento mediante duas instâncias: a de produção e a de recepção; a primeira com o objetivo de fornecer informações, e a segunda enquanto consumidora dessas informações, a qual se manifesta demonstrando o interesse em consumi-las ou não. Partindo dessa observação, interessa a esta pesquisa tanto o discurso daquele que estrutura o acontecimento discursivo que trata sobre o negro<sup>1</sup> (instância de produção), quanto daquele que irá consumi-lo (instância de recepção), também denominados discurso oficial e discurso ordinário, respectivamente, na perspectiva de Silveira (2015).

Dessa forma, mediante uma concepção dialógica e interacionista da linguagem, desdobram-se objetivos mais específicos como identificar na interação desses dois discursos o

---

<sup>1</sup>Utilizamos o termo negro na pesquisa no sentido de etnia, ou seja, o sujeito que pertence à etnia negra.

confronto de vozes que produzem diferentes efeitos de sentido, fazendo transparecer marcas linguísticas depreciativas que denotam exclusão, desigualdade e preconceito, haja vista um imaginário social sobre o negro construído sócio-histórico e ideologicamente pelas classes dominantes e discursivizado nas mídias.

Além disso, submeteremos as análises à concepção dialógica da linguagem, em particular a compreensão de que o signo é ideológico e configura uma arena de luta de classes sociais, evidenciando a questão das forças centrípetas e centrífugas, tal como proposto por Bakhtin (1998), com a finalidade de demonstrar como alguns discursos funcionam como imposição de representações e comportamentos, enquanto outros trabalham incessantemente para desestabilizá-los. Essas relações serão percebidas mediante o posicionamento discursivo tomado pelos sujeitos do cotidiano a partir do contato com os discursos oficiais.

Partimos da hipótese inicial de que, com o advento da tecnologia digital, especificamente das redes sociais dispostas na internet por meio das mídias sociais, o discurso da instância de recepção tornou-se mais acessível, adquirindo, conseqüentemente, maior legitimidade, devido ao acesso facilitado e à possibilidade de os sujeitos do cotidiano se reunir e trocar informações em um mesmo ambiente, no caso desta pesquisa, na rede social *Facebook*. Além disso, essa instância tornou-se mais heterogênea, haja vista que a circulação dos discursos em ambiente digital é mais rápida e intensa, dessa forma a instância de produção dificilmente consegue prever os efeitos de sentido que produz, pois sempre há algo que lhe escapa no fio do discurso, justamente o que interessa ao analista.

Destarte, a rede social possibilita dar voz aos sujeitos do cotidiano, que não são mais apenas passivos na relação com a instância de produção, mas tornam-se coautores dos discursos, provocando uma reviravolta na dinâmica discursiva que ocorre na rede social disposta na internet.

Para a construção das referidas análises, foram mobilizados conceitos da Análise do Discurso de linha francesa; assim, fazem parte do referencial teórico autores da primeira e segunda geração da AD, como Pêcheux (1997, 1997b, 2016), para tratar as condições de produção, ideologia, interdiscursos entre outros. Também foram utilizados conceitos de autores com perspectivas que têm enriquecido a Análise do Discurso nas últimas décadas, como o dialogismo (BAKHTIN, 1998, 2003, 2006), concepção de linguagem desta pesquisa; a ampliação a respeito dos gêneros do discurso e do discurso na *Web* (MAINGUENEAU, 2004, 2017), uma importante ancoragem para as análises; os estudos sobre discurso em

ambiente digital (DIAS, 2018), além da contribuição de Leffa e Araújo (2016), nessa mesma temática.

Destacamos o referencial teórico que nos permite categorizar discurso ordinário e oficial (SILVEIRA, 2015), bem como a categorização de instâncias de produção e recepção da mídia (CHARAUDEAU, 2015). Como contribuição a essas ideias, também nos baseamos na teoria da enunciação (BENVENISTE, 1976), que permite situar os discursos para além do nível da frase.

Esta pesquisa é de caráter exploratório bibliográfico, conforme arcabouço teórico supracitado, dentre outros, realizada na página Quebrando o Tabu, voltada a questões relacionadas aos direitos humanos. Nessa mídia não oficial, será possível observar o discurso do sujeito do cotidiano (discurso ordinário), apresentado em forma de comentários, em interação com discursos institucionalizados (discurso oficial), emanados de instâncias de poder como os jornais *GI*, *O Globo* e *Estadão*, quando compartilhados nessa rede social.

Nesse sentido, o *corpus* constitui-se de três tipos de fonte: a notícia publicada pelos veículos de informação, ou seja, o acontecimento discursivo que trata sobre o negro, compartilhada na rede social *Facebook*; o texto utilizado para difundir esse acontecimento na rede social (publicação/simulacro) e os comentários dos usuários da página *Quebrando o Tabu*, conforme delimitação exposta no segundo capítulo.

Dessa forma, fundamentada nos autores e conceitos supracitados, esta pesquisa está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo tem o objetivo de abordar as principais teorias da Análise do Discurso que servem de base para a pesquisa, percorrendo um caminho pela história dessa disciplina e pelas três fases que marcam seus desdobramentos ao longo do tempo, demonstrando como uma fase é complementar à outra. Também será apresentada a constituição do sujeito da linguagem e discutida a questão da ideologia e do efeito de sentido. Esse capítulo é de suma importância para que o leitor identifique os gestos de interpretação do analista, assim como para trazer ao conhecimento a disciplina teórica que possibilita realizar esta investigação.

No segundo capítulo, o ambiente digital é apresentado, assim como a maneira como o discurso e os gêneros discursivos se portam nesse espaço. Este também será um capítulo destinado ao aprofundamento sobre o *corpus* da pesquisa, pois, além de apresentá-lo, será realizado seu enquadramento no referencial teórico exposto anteriormente. Ressalta-se que o

ambiente digital é um novo campo de estudos para a Análise do Discurso, portanto, apresentar esse ambiente e a forma como o discurso nele se comporta é imprescindível.

O terceiro e último capítulo destina-se à consecução do proposto na pesquisa mediante a análise do *corpus*. Destacamos que, além do arcabouço teórico trabalhado nos capítulos anteriores, neste último capítulo, para embasar as análises, serão abordados aspectos históricos e contemporâneos da história do povo negro no Brasil, considerando que:

Numa formação social determinada, operam o presente, ou seja, os múltiplos enunciados em circulação sobre todos os temas; o passado, isto é, os enunciados legados pela tradição de que a atualidade é depositária, e o futuro, os enunciados que falam dos objetivos e utopias dessa contemporaneidade. (FIORIN, 2006, p. 30)

Desse modo, partimos do pressuposto de que, acessando a história do povo negro no Brasil, será possível analisar as diversas vozes que entrecruzam a construção de sentidos sobre esse grupo social, buscando demonstrar como as palavras significam para diferentes sujeitos ao serem colocadas em diálogo, provocando um embate de vozes sociais em que é possível identificar diferentes posicionamentos em relação aos efeitos de sentido que constituem a representação do negro no Brasil.

Destaca-se a relevância do tema proposto, considerando a possibilidade de demonstrar quais representações têm sido construídas sobre o povo negro no Brasil ao longo da história, como essas representações são recepcionadas pelos sujeitos do cotidiano e quais sentidos e discursos são gerados por meio do discurso oficial, considerando que essas representações constituem um imaginário sobre esse grupo social, além de afetar a forma de reconhecimento que o sujeito negro tem de si, considerando ser interpelado pelas ideologias emanadas desses discursos.

Ressalta-se, ainda, que a possibilidade de pesquisar sobre o olhar daquele que interpreta ou “consume” o acontecimento é algo propiciado pela tecnologia digital, e possibilita dar voz aos sujeitos do cotidiano (consumidores do discurso) que não aparecem apenas como sujeitos passivos, mas construtores de sentidos e participantes do discurso.

Por conseguinte, essa investigação tende a contribuir com o campo da Análise do Discurso, considerando o interesse dessa disciplina pelos discursos que circulam na sociedade, pela polêmica, pelos sentidos nunca únicos e pela relação sujeito, língua e mundo, englobando o contexto sócio-histórico-ideológico, e, ainda, pelo trabalho de investigação realizado em ambiente digital, um nicho ainda novo para a Análise do Discurso, enquadrado em sua terceira fase.

## 2 CAPÍTULO 1 – A ANÁLISE DO DISCURSO

Neste capítulo, é apresentada a trajetória da Análise do Discurso, disciplina teórica que embasa esta pesquisa, disponibilizando conceitos que tornam possível analisar os efeitos de sentido de acontecimentos discursivos midiáticos sobre o negro, publicados no *Facebook*.

Dessa forma, iniciamos o capítulo com o histórico da AD e as problematizações sobre a linguística geral que tornaram imprescindível a abertura desse novo campo de estudo. Serão apresentadas três fases distintas e ao mesmo tempo complementares por que passou a Análise do Discurso, entre construção, desconstrução e reconstrução.

Tendo em vista que o objeto de investigação desta pesquisa são os efeitos de sentido do discurso, serão mobilizados conceitos dessas três fases da AD, que possibilitam explicar a questão do sentido, dentre os quais se destacam as condições de produção e as formações discursivas (FDS).

Ademais, apresentamos o conceito de interdiscurso, a fim de evidenciar o cruzamento que ocorre no interior do discurso, disponibilizando outros discursos que configuram sentidos, além de algumas considerações sobre a constituição do sujeito na Análise do Discurso, visando discutir a relação deste com o discurso, a história e o mundo, o que não pode ser explicado sem que uma parte do capítulo seja destinada às reflexões sobre a ideologia e os efeitos de sentido.

Por fim, serão apresentadas algumas contribuições do Círculo de Bakhtin<sup>2</sup> para o estudo da linguagem, haja vista que a concepção do dialogismo embasa esta pesquisa e, em particular, as análises do *corpus* desta pesquisa, por se tratar da investigação dos efeitos de sentido na relação do discurso ordinário com o discurso oficial em um ambiente como o

---

<sup>2</sup>De acordo com Faraco (2009): Trata-se de um grupo de intelectuais que se reuniu regularmente de 1919 a 1929, primeiro em Nevel e Vitebsk e, depois em São Petersburgo. Era formado por pessoas de diversas formações, interesses intelectuais e atuações profissionais (um grupo multidisciplinar, portanto), incluindo, entre vários outros, o filósofo Matvei I. Kagan, o biólogo Ivan I. Kanev, a pianista Maria V. Yudina, o professor e estudioso de literatura V. Pumpianski, Valentin N. VOLOCHÍNOV, professor com interesses voltados para história e música, Pavel N. Medvedev, formado em direito, com carreira como educador e na área de gestão de cultura e Mikhail Bakhtin, formado em estudos literários. O que unia o grupo era a paixão pela linguagem.

*Facebook*, totalmente heterogêneo, em que é possível identificar diversos tipos de dialogismos, explícitos e implícitos.

## 2.1 A ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA

O termo “Análise do Discurso” aparece pela primeira vez em 1952, no artigo publicado pelo linguista Zellig S. Harris, intitulado “*Discourse Analysis*”. De acordo com Maingueneau (2017), essa publicação ainda não pode ser considerada como fundadora ou precursora da Análise do Discurso, pois se alinha ao estruturalismo, haja vista que Harris utiliza o termo no sentido de promover uma análise textual (de estrutura).

Os anos 1960 são cruciais para a preparação de terreno para a chegada da Análise do Discurso, pois nessa época também aparecem os trabalhos R. Jakobson e Benveniste sobre comunicação e enunciação, respectivamente. Benveniste acrescenta o papel do sujeito falante, aquele que se apropria da língua e enuncia a partir de uma posição. Segundo Brandão (2007), ao estabelecer a relação locutor, enunciador e mundo, Benveniste nos apresenta uma das reflexões que funciona como centro da Análise do Discurso: o enfoque da posição sócio-histórica dos enunciadores.

As proposições de Harris, Jakobson e Benveniste ainda não são suficientes para a emergência da Análise do Discurso, no entanto, já demonstram a necessidade de expansão e do que alguns autores consideram um rompimento com o estruturalismo. Nesse sentido, Orlandi (1986) ressalta que:

Essas duas direções vão marcar duas maneiras diferentes de pensar a teoria do discurso: uma que a entende como uma extensão da linguística (que corresponde à perspectiva americana) e outra que considera o enveredar para a vertente do discurso o sintoma de uma crise interna na linguística, principalmente na área da semântica (que corresponde à perspectiva europeia) (ORLANDI, 1986, p. 14)

Ante o exposto, é perceptível a aproximação de Harris da linguística textual; ao considerar frase e texto, centrando-se na análise desses elementos, e uma pequena abertura propiciada por Benveniste e Jakobson ao abordar questões exteriores à gramática. No entanto, esses estudos ainda são insuficientes para a virada de uma nova disciplina.

Nessa perspectiva, Brandão (2007) ainda cita as contribuições da sociolinguística, da pragmática (atos de fala) e da semântica, que direcionam estudos para a língua em uso,



gerando certo distanciamento do núcleo duro da linguística<sup>3</sup>. Todavia, de acordo com Maingueneau (2017), apenas nos anos 1960 a Análise do Discurso tem destaque e começa a calcificar-se no campo intelectual como uma disciplina tomada pela interdisciplinaridade, tendo em vista a publicação da prestigiada revista *Language* que dedicou a edição n. 13 ao campo da Análise do Discurso.

O título da mencionada revista fazia referência ao artigo publicado por Harris (1952), ao mesmo tempo em que trazia um conjunto de artigos sobre esse tema com visões muito diversas sobre essa nova linha de pesquisa. Vale ressaltar que o responsável por essa edição da revista é Jean Dubois, que enxergava na Análise do Discurso um prolongamento, ou seja, uma evolução da linguística.

Nessa mesma década, a publicação da obra *Por uma Análise Automática do Discurso*, publicada por Michel Pêcheux (1997), é reconhecida como uma das mais influentes para a constituição da Análise do Discurso, citada por alguns autores como a obra fundadora da disciplina. A partir dessa publicação, a AD começa a constituir-se sob a articulação de três domínios disciplinares: a linguística, a psicanálise e o materialismo histórico. Diferentemente de Dubois, Pêcheux não via na linguística um alargamento para a AD, mas tecia uma crítica por essa disciplina não comportar as especificidades da AD, apresentando a necessidade de uma teoria do discurso com capacidade para aliar componentes linguísticos e sociológicos.

De acordo com Mussalim (2012), para Pêcheux, o sentido, objeto da Semântica, escapa às abordagens da linguística, pois a significação/sentido não é da ordem da língua, mas da ordem do discurso e do sujeito, sofrendo alterações conforme suas posições. Assim, Pêcheux traz para seu projeto o materialismo histórico de Althusser e a psicanálise de Lacan.

Nesse sentido, Mussalim (2012) explica que, para Althusser, a ideologia não era apenas uma ideia, mas era material, dessa forma a materialidade da ideologia pode ser encontrada na linguagem. É importante esclarecer que a teoria desse autor sobre a ideologia é formulada após a releitura de Marx e Engels. De acordo com Althusser (1985), a classe dominante gera mecanismos de perpetuação ou de reprodução das condições materiais, ideológicas e políticas de exploração, para manter sua dominação. Dessa forma, entende-se

---

<sup>3</sup>Segundo Mussalim (2012, p. 123), também chamado de núcleo rígido se ocupa do estudo da língua como se ela fosse apenas um conjunto de regras e propriedades formais, ou seja, não considera a língua enquanto produzida em determinadas conjunturas históricas e sociais.

que a ideologia trabalha para manter certos discursos e sentidos dispensados pela classe dominante.

Percebe-se que o surgimento da AD acontece sob forte influência do materialismo histórico e da teoria proposta por Althusser, sem deixar a linguística de lado, mas transpondo seus limites ao atravessar a transparência da linguagem e romper com as fronteiras textuais.

Fechando o quadro epistemológico da Análise do Discurso de linha francesa, Mussalim (2012) apresenta a psicanálise lacaniana, esclarecendo que Lacan parte de uma releitura de Freud e propõe uma psicanálise com base na linguística, abordando a questão do inconsciente e do sujeito, este último migrando de uma visão anterior de homogeneidade para uma visão heterogênea, pois Freud apresenta um sujeito clivado, dividido entre o consciente e o inconsciente. Nesse sentido, Mussalim destaca que, ao fazer uso da linguística, Lacan assume que o inconsciente se estrutura como uma linguagem e uma cadeia de significantes que se repete e interfere no discurso efetivo, dessa forma é:

Como se houvesse sempre sob as palavras outras palavras, como se o discurso fosse sempre atravessado pelo discurso do Outro<sup>4</sup> do inconsciente. A tarefa do analista seria a de fazer vir à tona, através de um trabalho na palavra e pela palavra, essa cadeia de significantes, essas outras palavras desse discurso do outro, isto é, do inconsciente. (MUSSALIM, 2012, p. 119)

Essa relação proposta por Lacan – sujeito, linguagem e inconsciente – é essencial à AD, pois, além de inserir o sujeito na linguagem, diferentemente da proposição de Saussure, apresenta para a AD um sujeito estruturado na linguagem e dividido entre consciente e inconsciente. Com isso, torna-se possível explicar as influências que a ideologia pode gerar no sujeito, que não é opaco nem homogêneo, mas diretamente afetado pelo Outro.

Ante o exposto, cabe a colocação de Orlandi (2015, p. 13), ao evidenciar que a AD, embora se importe com questões gramaticais da língua, tem por objetivo maior analisar o discurso, definido pela autora da seguinte forma: “O discurso é assim a palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”. Portanto, entender a constituição do sujeito e a própria evolução da Análise do Discurso

---

<sup>4</sup>De acordo com Maingueneau (1984, p. 13): “no espaço discursivo o Outro não é nem um fragmento localizável, nem uma criação, nem uma entidade exterior, não é necessário que ele seja atestável por alguma ruptura visível de compacidade do discurso. Ele se encontra na raiz de um Mesmo sempre já descentrado em relação a ele próprio, que não é em nenhum momento focalizável sob a figura de uma plenitude autônoma. Ele é o que sistematicamente falta em um discurso e lhe permite fechar-se em um todo. Ele é esta parte do discurso que foi preciso que o discurso sacrificasse para construir sua identidade. ”

demanda conhecer três fases distintas, e ao mesmo tempo inter-relacionadas, tal como propomos a seguir.

## 2.2 AS TRÊS ÉPOCAS DA ANÁLISE DO DISCURSO

A expressão “Análise do Discurso: três épocas” é o título de um texto escrito por Michel Pêcheux em 1983, pouco antes de sua morte. A partir desse texto é possível perceber que, assim como toda disciplina científica, a Análise do Discurso passou por algumas etapas desde sua concepção, especificamente por três fases, a que chamaremos: construção, desconstrução e reconstrução (Maldidier, 2011). Com início em 1969, na França, essa disciplina nasce no auge do estruturalismo, tecendo uma forte crítica a esse paradigma, por sua incapacidade de explicar a língua em uso, ou seja, o discurso. Apesar da crítica tecida na primeira fase, a AD acaba tendendo para o estruturalismo ao propor a maquinaria do discurso, ou seja, uma máquina autodeterminada e fechada, como veremos adiante.

Na segunda fase, a concepção de maquinaria começa a explodir, mediante a noção de formação discursiva, tomada de empréstimo de Michel Foucault. Nessa concepção, a máquina tende a ser invadida e não mais fechada, e novas noções, como a de interdiscurso, passam a fazer parte da teoria. Entretanto, isso ainda não é suficiente para desfazer totalmente a questão da maquinaria e do sujeito assujeitado, que não tem liberdade de dizer algo diferente do imposto pela maquinaria discursiva.

Chegando à terceira fase, fica evidente a explosão da maquinaria discursiva e a hipótese de uma heterogeneidade discursiva que conduz o sujeito à construção de seu discurso, assim, uma das maiores mudanças nessa fase é a maneira de enxergar o sujeito do discurso e as relações de força que ocorrem no interior dos enunciados.

Adiante, cada fase será especificada, lembrando que uma é incapaz de excluir totalmente a anterior, sendo que o movimento é apenas de reconstrução, tendo em vista que a AD não é uma disciplina pronta e acabada, tampouco, fragmentada, mas está em constante processo evolutivo.

### 2.2.1 Primeira fase - A Análise Automática do Discurso: Maquinaria Discursiva

A primeira fase da Análise do Discurso, conhecida como Análise Automática do Discurso (AAD-1)<sup>5</sup>, traz a noção de maquinaria discursiva, estabelecendo que, assim como na língua (*langue*), há um sistema que rege o discurso.

Essa fase, que compreende o período de 1969 até meados de 1975, é marcada pela publicação do texto *Análise Automática do Discurso* (AAD-69), de Michel Pêcheux (1997). Nessa obra, o autor apresenta uma crítica em relação à linguística da época e discorre sobre a necessidade de um deslocamento teórico ou “mudança de terreno”, para que se possa buscar a compreensão do que ele denomina *discurso*. Vale ressaltar que 1960 foi o ano do apogeu do estruturalismo, no entanto Pêcheux acreditava que:

O deslocamento conceitual introduzido por Saussure consiste precisamente em separar essa homogeneidade cúmplice entre a prática e a teoria da linguagem. A partir do momento em que a língua deve ser tratada como um sistema, deixa de ser compreendida como tendo a função de exprimir sentido: ela torna-se um objeto do qual uma ciência pode descrever o funcionamento. (PÊCHEUX, 1997, p. 62)

Portanto, para Pêcheux, ao sistematizar a língua, a linguística deixou descoberta outra área, a linguagem, ou seja, a prática da língua. O autor explica que, antes da teoria proposta por Saussure, que tem origem com a obra póstuma *Curso de Linguística Geral*, o estudo da língua acontecia por meio da análise de textos, mediante a investigação de duas questões: a da prática escolar, chamada de compreensão do texto, e a da atividade do gramático, isto é, modalidades normativas ou descritivas. Aliando semântica e sintaxe, buscava-se responder a questões sobre os sentidos do texto.

Dessa forma, Pêcheux (1997) ressalta que a ciência clássica da linguagem pretendia ser ao mesmo tempo “ciência da expressão e ciência dos meios dessa expressão”, no entanto, com o advento da linguística geral, esse grande projeto reduziu-se à compreensão do sistema-língua<sup>6</sup>. Com isso, Pêcheux (1997, p. 70) aponta algumas complicações: a) A exclusão da fala no inacessível da ciência linguística; b) A exclusão das instituições “não semiológicas para fora da zona de pertinência da ciência linguística.

---

<sup>5</sup> Esse é também o nome da obra de Michel Pêcheux, considerada por muitos como a obra fundadora da Análise do Discurso de linha francesa.

<sup>6</sup> Utilizaremos sistema-língua para nos remetermos ao estudo da língua sistematizado por Saussure, ou seja, ao estudo da língua enquanto um conjunto de regras gramaticais de uso.

Pêcheux (1997, p. 71-72) explica as consequências dessas exclusões, sendo que em (A) existe um sujeito falante como *subjetividade em ato*, ou seja, um sujeito livre e dono do próprio dizer, capaz de, acessando o sistema-língua que é colocado à sua disposição, fazer escolhas sobre o que e como dizer. Todavia, Pêcheux não acredita nesse *status* de sujeito, pois, na primeira fase da AAD-69, o autor acreditava no sujeito-estrutura, assujeitado às condições de seu dizer (meio social e contexto amplo e imediato). A consequência apontada em (B) diz respeito à distinção da língua enquanto instituição social das outras instituições, pois Saussure acaba sendo afetado pelo que chama de ilusão do não-sociológico.

Diante dessas percepções, e principalmente da crítica tecida ao corte linguístico efetuado por Saussure (língua vs fala), o que denota uma homogeneidade da língua e neutralidade do sujeito, para Pêcheux, torna-se imprescindível a abertura de um novo campo, assim como aponta:

(...) não é certo que o objeto teórico que permite pensar a linguagem seja uno e homogêneo, mas que talvez a conceptualização dos fenômenos que pertencem ao “alto da escala” necessite de um deslocamento da perspectiva teórica, uma “mudança de terreno” que faça intervir conceitos exteriores à região da linguística atual. (PÊCHEUX, 1997, p. 73)

Embasado nesses argumentos, Pêcheux inicia a primeira fase da AAD-69, com uma concepção ainda alicerçada no estruturalismo, supondo a existência de uma máquina autodeterminada e fechada sobre si, responsável pela estrutura de todo dizer. A existência da máquina supõe que não há sujeito livre, como suposto por Saussure, mas um sujeito assujeitado às condições de seu dizer. Pêcheux descreve a primeira fase da Análise do Discurso da seguinte maneira:

AD-1 é um procedimento por etapa, com ordem fixa, restrita teórica e metodologicamente a um começo e um fim predeterminados, e trabalhando em um espaço em que as máquinas discursivas constituem unidades justapostas. A existência do outro está, pois, subordinada à existência do mesmo. (PÊCHEUX, 1997, p. 313)

Levando em consideração essas características, na primeira fase da Análise do Discurso, optou-se por analisar discursos mais estabilizados, como o discurso político. Segundo Mussalim (2012, p.130), “pressupõe-se que tais discursos sejam produzidos a partir de condições de produção mais estáveis e homogêneas”.

## 2.2.2 Segunda fase - A estrutura da máquina abalada

Mussalim (2012, p. 131) destaca que, na segunda fase da Análise do Discurso (AD-2), a noção de máquina estrutural fechada começa a explodir, o que contribui para esse fato são os estudos do filósofo Michel Foucault sobre as formações discursivas:

Foucault (1969-2004), em seu livro *Arqueologia do Saber*, define discurso como um conjunto de enunciados que provém de um mesmo sistema de formação, ou ainda, para especificar melhor, define discurso como sendo constituído por um número limitado de enunciados para os quais se pode definir um conjunto de condições de existência. (MUSSALIM, 2012, p. 131)

Dessa forma, Foucault inaugura uma metodologia em que é possível analisar as condições de existência de um discurso; um sistema chamado formação discursiva, em que um conjunto de regras determina os discursos – regras sociais, históricas, geográficas, econômicas, entre outras. Assim, torna-se possível analisar, por meio de certas regularidades, como em alguns momentos históricos certos enunciados foram possibilitados, enquanto outros não.

As formulações de Foucault trazem novas formas de pensar a máquina discursiva proposta por Michel Pêcheux. A partir da reelaboração desse conceito na Análise do Discurso, a máquina, considerada fechada, passa a ser vista pelo viés das formações discursivas, que podem ser atravessadas por interdiscursos, ou seja, os discursos são constituídos por meio da relação estabelecida com outros discursos. Orlandi (2015) assevera sobre essa diferença, como é possível verificar a seguir:

[...] É preciso não pensar as formações discursivas como blocos homogêneos funcionando automaticamente. Elas são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações (ORLANDI, 2015, p. 42)

A heterogeneidade das formações discursivas se dá pela relação que um discurso estabelece com outro, mesmo quando contrários. Em uma dada formação discursiva, é possível encontrar vários discursos diferentes que concorrem para configurá-la. Todavia, o conceito foucaultiano de FD é reformulado por Pêcheux pelo viés do materialismo althusseriano. Pêcheux relaciona a formação discursiva com a formação ideológica e a formação social, constituindo, assim, uma tríade. Sobre essa questão, o autor destaca:

[...] as formações ideológicas de que acabamos de falar comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma herança, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura,

isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes. (PÊCHEUX, 1988, p.166)

Dessa forma, o sentido expresso por determinada formação discursiva sempre estará relacionado a posições ideológicas que irão determiná-los, e essas posições emergem de conflitos de classes, ou seja, formações sociais. É evidente que há uma mudança na maneira como a Análise do Discurso vislumbra a questão do sentido, antes autodeterminado por uma “máquina” fechada e homogênea, na qual apenas certos discursos eram possíveis, depois determinado por formações discursivas que estabelecem o que pode e deve ser dito mediante uma heterogeneidade marcada pelo atravessamento de outras FDs, o que se convencionou chamar de interdiscurso:

É definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retoma sob forma de pré-construído o já dito, que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. (ORLANDI, 2015, p. 29)

Corroborando com esse pensamento, Mussalim (2012, 139) enfatiza que o interdiscurso diz respeito aos outros discursos que atravessam uma FD em relação de confronto ou aliança, configurando sentido e formatando um discurso. A autora destaca que há um sistema de paráfrase, considerando que discursos já ditos são retomados e reformulados no interior de uma FD.

Para Orlandi (2015, 34), a paráfrase representa o retorno aos mesmos espaços do dizer, ou seja, expressar aquilo que em algum momento já foi dito, no entanto, todas as vezes em que toma a palavra, o sujeito tem a impressão de ser o primeiro a proferir aquele discurso, situação extremamente necessária para que o indivíduo possa ser interpelado em sujeito pela linguagem e a ideologia. Assim, conforme destaca Orlandi (2015, p. 34), as palavras são “sempre as mesmas, mas ao mesmo tempo, sempre outras”.

Para que o sujeito tenha essa impressão de ser a origem do dizer, é necessário que haja um processo, tratado em Análise do Discurso como “esquecimento”. Segundo Pêcheux (1997), é possível distinguir dois tipos de esquecimentos: o esquecimento número 2, que se refere à enunciação, e o número 1, que é ideológico. Em relação ao esquecimento número 2, Orlandi (2015, p.32) destaca que o dizer sempre pode ser outro, ou seja, há inúmeras possibilidades para um dizer, todavia o indivíduo tem a impressão de que seu discurso pode ser dito apenas daquela maneira. Para a autora, trata-se da ilusão referencial.

Essa impressão, que é denominada impressão referencial, nos faz acreditar que há uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo, de tal modo que pensamos que o que dizemos só pode ser dito com aquelas palavras e não outras, que só pode ser assim. (ORLANDI, 2015, p. 33)

Dessa forma, de acordo com Orlandi (2015), é criada uma impressão de realidade do pensamento, como se houvesse uma linha direta entre pensamento e discurso, dispensando as influências exteriores à formação discursiva da qual emana o dizer. No entanto, esse esquecimento é parcial, ou seja, semiconsciente, pois, ao elaborar o dizer, são criadas famílias parafrásticas e em alguns momentos o indivíduo acessa essas famílias para especificar melhor o que deseja dizer.

Por outro lado, o esquecimento número 1 faz parte do inconsciente, diz respeito à maneira como o sujeito é afetado pela ideologia sem que se dê conta disso, refletindo o que na Análise do Discurso é chamado de sonho Adâmico, ou seja, a impressão de assim como Adão, ser o primeiro a proferir certas palavras com controle sobre o sentido; entretanto, essa impressão não passa de uma ilusão, haja vista que:

Na realidade, embora se realizem em nós, os sentidos apenas se representam como originando-se em nós: eles são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é por isso que significam e não por nossa vontade. (ORLANDI, 2015, p. 33)

A autora ainda destaca que esse esquecimento é estruturante e necessário para que a linguagem funcione e para que haja a constituição dos sujeitos, as palavras significam remetendo-se a palavras já ditas.

Até aqui, percebe-se que da primeira fase para a segunda fase, houve um grande deslocamento teórico, que acabou desestruturando a maquinaria discursiva fechada e homogênea, pelo reconhecimento da existência de formações discursivas, que são porosas, ou seja, capazes de serem atravessadas por discursos externos. Assim, a maneira como o sentido é constituído na Análise do Discurso também muda, acarretando mudanças na forma como se compreende a constituição do sujeito. Todos esses apontamentos prenunciam a terceira fase, quando esses conceitos são expandidos.

### **2.2.3 Terceira fase - A explosão da máquina: pontos de interrogação e novos procedimentos**

Na terceira fase da Análise do Discurso, que teve início em meados de 1983, acontece o que os autores chamam de explosão da máquina discursiva, um processo que teve início na segunda fase, com o desenvolvimento do tripé formação ideológica-formação social-formação



discursiva. Pêcheux (1988, p. 315), expressa os primeiros apontamentos para essa fase em seu artigo “Análise do Discurso: três épocas”, em que, ao dissertar sobre o que chamou de AD-3, expõe uma série de questionamentos a respeito de sua própria teoria, destacando o primado do outro sobre o mesmo.

Com isso, Pêcheux expõe a crise pela qual a Análise do Discurso passava, enfatizando a necessidade de construir novas hipóteses e novos percursos, uma vez que a máquina fechada se demonstrava porosa. Dessa forma, a ideia de homogeneidade discursiva que caracterizava a máquina fechada e autodeterminada começa a ser reconfigurada e o primado do outro sobre o mesmo é reconhecido, conforme se observa na colocação de Pêcheux:

O desenvolvimento atual de numerosas pesquisas sobre os encadeamentos intradiscursivos – “interfrásticos” – permite à AD-3 abordar o estudo da *construção* dos objetos discursivos e dos acontecimentos, e também dos “pontos de vista” e “lugares enunciativos no fio intradiscursivo”. Alguns desenvolvimentos teóricos que abordam a questão da heterogeneidade enunciativa conduzem, ao mesmo tempo, a tematizar, nessa linha, as formas linguísticas-discursivas do discurso do outro [...]. (PÊCHEUX, 1988, p. 316)

Nesse novo momento da Análise do Discurso (AD-3), Pêcheux volta-se para as novas pesquisas sobre as discursividades, com enfoque para a perspectiva de Authier-Revuz (1982) sobre a heterogeneidade discursiva, que evidencia o primado do outro sobre o mesmo, considerando que, para essa autora, um discurso nunca é homogêneo.

De acordo, Charaudeau e Maingueneau (2016, p. 261), “entre os fatores de heterogeneidade, atribui-se um papel privilegiado à presença de ‘outros’ – isto é, atribuíveis a outra fonte enunciativa”. Nesse sentido, Authier-Revuz (1982) demonstra esses outros discursos introduzindo uma divisão demarcada entre heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva.

O primeiro tipo de heterogeneidade diz respeito a outro discurso localizável no fio do discurso de forma marcada (discurso direto ou indireto, discurso relatado, aspas, glosas que indicam a não correspondência do enunciador com o que é dito...), ou não marcada (discurso indireto livre, alusões, ironias, pastiche...). Em relação à heterogeneidade constitutiva, conforme Charaudeau e Maingueneau (2016, p. 261), há o domínio do interdiscurso, então o discurso se constitui por meio do outro e do debate com a alteridade, sem traços visíveis e demarcados.

De acordo com Mussalim (2012), na terceira fase, o objeto de análise da AD passa a ser o espaço de trocas entre formações discursivas, ou ainda, o interdiscurso, que passa a ter um papel quase central na teoria, conforme destaca Maingueneau:

O discurso só adquire sentido no interior de um imenso *interdiscurso*. Para interpretar o menor enunciado, é necessário relacioná-lo, conscientemente ou não, a todos os tipos de outros enunciados sobre os quais ele se apoia de múltiplas maneiras. (MAINGUENEAU, 2017, p.28)

Nessa nova perspectiva, é estabelecido o primado do interdiscurso sobre o discurso. Assim, como afirmado, na citação de Maingueneau, o discurso passa a ser vinculado ao interdiscurso e apenas por intermédio da relação entre discursos/FDs é possível buscar analisar os sentidos dos enunciados.

Mediante essa nova concepção, outras epistemologias são agregadas à Análise do Discurso, como é o caso das ideias do Círculo de Bakhtin a respeito do dialogismo, inaugurada no campo do discurso por Authier-Revuz (1982), que amplia o conceito de dialogismo<sup>7</sup> do Círculo de Bakhtin, com sua tese sobre a heterogeneidade discursiva, uma vez que a heterogeneidade constitutiva é uma forma de dialogismo amplo, não demarcado, enquanto a heterogeneidade mostrada são dialogismos demarcados.

É nítido que a Análise do Discurso, em sua terceira fase, constrói um movimento de questionamento e acolhimento de outras teses, considerando que já não era possível sustentar a máquina discursiva diante de sua incessante desestabilização, conforme destaca Maldidier:

Trata-se também de sair das vias comuns da Análise do Discurso, dos textos eleitos por ela (o famoso discurso político, “discurso doutrinário” ligado historicamente na França à estrutura de certos partidos políticos), para ir em direção a outras formas discursivas: aquelas dos discursos não legítimos, das ideologias dominadas, a ruminação dos discursos cotidianos, o conversacional e o carnavalesco; trata-se de enfrentar a diversidade do arquivo, de trabalhar sobre os traços da memória e, principalmente, sobre essa “memória da história” que atravessa o arquivo não escrito dos discursos subterrâneos (MALDIDIER, 2011, n.p.)

Ante o exposto por Maldidier, é evidente a questão da abertura para novas discursividades, assim como o relevante papel da memória discursiva nesse novo momento, considerando que no discurso há um já-lá, ou seja, o discurso é sustentado por uma memória de outros discursos o que está intrinsecamente relacionado ao interdiscurso.

---

<sup>7</sup> Vide item 1.5

Essas noções apresentadas na terceira fase são basilares para esta pesquisa, uma vez que o que se investiga é justamente esse interdiscurso que cruza os enunciados sobre o povo negro no Brasil, demonstrando um já-lá, ou seja, um interdiscurso legado pela história e pela memória que deixa em evidência marcas de preconceito e discriminação em relação a esse grupo social. Dessa forma, no decorrer das análises, o leitor poderá vislumbrar a conexão desta pesquisa com momentos históricos marcantes que repercutem nos discursos contemporâneos, considerando que o discurso é uma linha ininterrupta da comunicação.

Ademais, a fim de sintetizar as três épocas da Análise do Discurso, apresentamos a seguir um quadro em que procuramos demonstrar de forma resumida um panorama sobre essas três fases.

Tabela 1 - Síntese das fases da Análise do Discurso

1ª FASE - MAQUINARIA DISCURSIVA (1969-1975)	
Concepção de discurso	É um procedimento por etapa, com ordem fixa, restrita teórica e metodologicamente a um começo e um fim predeterminados
Concepções teóricas	Condições de Produção Língua x Sujeito x História O discurso é homogêneo Sujeito estrutura/sujeito assujeitado Crítica à teoria saussuriana
<i>Corpus</i>	Textos institucionais, doutrinários e religiosos, em particular os aparelhos ideológicos de poder: polícia, judiciário, família, igreja, mídia, escola, política...
Filiações teóricas	Saussure – relido por Pêcheux Marx – Relido por Althusser Freud – Relido por Lacan Althusser
2ª FASE - A ESTRUTURA DA MÁQUINA ABALADA (1975-1982)	
Concepção de discurso	A máquina que era fechada passa a ser vista pelo viés das formações discursivas, que podem ser atravessadas por interdiscursos, ou seja, os discursos são constituídos por meio da relação estabelecida com outros discursos.
Concepções teóricas	Formação discursiva; Memória discursiva; Formação ideológica; Relações de poder; O discurso é menos homogêneo; Esquecimentos 1 e 2 (Já dito); Inicia o conceito de enunciado. Sujeito ideológico – histórico e social Interdiscurso nasce na 2ª Fase

<i>Corpus</i>	Não há muita alteração no <i>corpus</i> de análises, permanecendo o estudo daqueles de primeira geração. No final desta fase, começam a ser estudados <i>corpus</i> menos homogêneos, como os de publicidade.
Filiações teóricas	Focault Authusser Pêcheux Lacan
<b>3ª FASE - A EXPLOSÃO DA MÁQUINA: PONTOS DE INTERROGAÇÃO NOVOS PROCEDIMENTOS (a partir de 1982)</b>	
Concepção de discurso	Nessa nova concepção, outras epistemologias são agregadas à AD, como é o caso das ideias do Círculo de Bakhtin sobre o dialogismo, ao conceber a linguagem como uma linha ininterrupta de cruzamentos discursivos; Authier-Revuz que demarca a presença do outro no discurso, por meio de sua teoria da heterogeneidade; Maingueneau que amplia a questão de interdiscurso e dos dêiticos, entre outras proposições; Charaudeau e a relação do discurso com a política e a mídia, dentre outros autores.
Concepções teóricas	Discurso marcado pela heterogeneidade e pelo dialogismo
<i>Corpus</i>	A terceira fase explica os desdobramentos contemporâneos da AD, em que há abertura para inúmeros <i>corpora</i> como os de publicidade, mídia, aqueles disponibilizados em meios digitais, entre outros, sem abandono dos anteriores.
Filiações teóricas	Maingueneau Charaudeau Bakhtin Authier-Revuz E os demais autores que têm trabalhado o tema atualmente.

Fonte: Elaboração da autora a partir das informações do item 2.2 e seus subitens.

É importante destacar que, com o avanço da Análise do Discurso, avançou também a concepção de sujeito; dessa forma, no próximo tópico, trataremos sobre como o sujeito da linguagem foi se constituindo, tendo como ponto de partida a linguística-geral de Ferdinand Saussure até o advento da Análise do Discurso, assunto de suma importância para o desenvolvimento desta pesquisa, considerando que o sujeito negro e o sujeito do cotidiano ocupam o centro desta investigação.

### 2.3 A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NA ANÁLISE DO DISCURSO

Para explorar a noção de sujeito, é necessário esclarecer que não será objeto desta pesquisa o sujeito psicológico da filosofia ou aquele da psicanálise, apesar de ressaltadas as influências deste último para a constituição do sujeito da linguagem no contexto da Análise do Discurso. Dessa forma, por meio da observação da evolução dos estudos sobre a língua/linguagem na perspectiva das ideias linguísticas, propomos percorrer a evolução do conceito de sujeito da linguagem.

Nesta pesquisa, a referida evolução será delimitada a partir do advento da linguística enquanto ciência, o que ocorre com a publicação, em 1916, do livro *Curso de Linguística Geral*, obra póstuma atribuída a Ferdinand Saussure, e conhecida pelo famoso corte epistemológico realizado por seu autor, ao separar a *língua* da *fala*, conforme se observa na citação a seguir:

É necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem. De fato, entre tantas dualidades somente a língua parece suscetível de uma definição autônoma e fornece um ponto de apoio satisfatório para o espírito. (SAUSSURE, 2010, p. 17)

Para o autor, diante de dois caminhos interdependentes e ao mesmo tempo distintos, é necessário escolher um deles a fim de conceber a ciência chamada por ele de linguística geral, tendo em vista que o conjunto completo da linguagem – língua, fala e tudo que as engloba – apresenta-se de forma heterogênea, o que dificulta a sistematização do objeto a ser estudado cientificamente, como explicam Paveau e Sarfati:

Efetivamente a linguística será útil se ela fornecer ferramentas de observação suficientemente gerais e precisas para ser utilizada por todos aqueles que estão interessados na língua. Saussure quer, portanto, ultrapassar a comparação conjuntural das línguas particulares, como fazem os especialistas da gramática comparada em sua época, para estudar a estrutura geral da língua. (PAVEAU E SARFATI, 2006, p. 65)

Ante o exposto, é possível observar a necessidade de um objeto específico, pode-se dizer concreto, que demonstre linearidade e ordem, ou seja, um objeto passível de ser sistematizado. Mediante essa escolha, Saussure isola uma parte importante da linguagem e dela afasta o sujeito dos estudos linguísticos, situando-o apenas como depositário do sistema.

Para Saussure (2006), a língua é parte essencial do estudo da linguagem, é social e independe do indivíduo; já a fala é individual, um ato da vontade e inteligência de cada indivíduo. Essas constatações saussurianas aproximam o sujeito da fala, deixando claro que esse não seria o objeto de estudos da linguística geral.

Dessa forma, a língua (sistema) ocupa um espaço privilegiado nos estudos do autor, o que não quer dizer que haja uma exclusão do sujeito, mas um afastamento da questão da subjetividade, que acarretaria dificuldades para a sistematização proposta. Tal asserção pode ser observada na metáfora do xadrez, apresentada por Saussure:

(...) a língua é um sistema que conhece apenas sua ordem própria. Uma comparação com o jogo de xadrez fará compreendê-lo melhor. Nesse jogo é relativamente fácil distinguir o externo do interno; o fato de ter ele passado da Pérsia para a Europa é de ordem externa; interno ao contrário, é tudo

quanto concerne ao sistema e às regras. Se eu substituir as peças de madeira por peças de marfim, a troca será indiferente; mas se eu reduzir ou aumentar o número de peças, essa mudança atingirá profundamente a “gramática” do jogo. (SAUSSURE, 2006, p. 32-33)

Portanto, o estabelecimento de uma linguística interna, objeto de estudo de Saussure, e uma linguística externa, tida por esse autor como não essencial, provoca a dispersão da questão da subjetividade, que pode ser percebida na relação língua, sujeito e mundo, que no contexto proposto por Saussure é algo externo à linguística geral, tendo em vista que a língua (sistema) independe do indivíduo, o qual a recebe de forma passiva, construindo marcas em seu cérebro, para, em momento oportuno, externar esse conjunto de signos, efetivando a comunicação.

A questão da subjetividade é retomada na linguística por intermédio do que se convencionou chamar de linguística enunciativa, nascida de uma crítica à linguística da língua, tendo em vista o interesse em estudar o que Saussure chamou de externo e acessório, ou seja, a fala (*parole*) e a situação real de comunicação.

Para o desenvolvimento da teoria da enunciação, é mister trazer ao centro dos estudos aquele que utiliza a língua e a coloca em funcionamento, pois, para Benveniste (1976), a enunciação é colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização. Nessa fase, o sujeito estreia na linguística pela abordagem enunciativa. Importa salientar que ainda não se trata do sujeito do discurso, uma vez que a abordagem de Benveniste fundamenta sua teoria no nível linguístico dos enunciados, para verificar as marcas de subjetividade na língua. Paveau e Sarfati analisam a questão do sujeito nessa nova perspectiva:

A abordagem enunciativa da linguagem implica também uma teoria do sujeito, já que são suas marcas de inscrição no enunciado que constituem o objeto do trabalho do linguista. Enquanto as abordagens estruturalistas e gerativistas ignoram a questão do sujeito, o ponto de vista enunciativo o coloca no centro da linguística. (PAVEAU E SARFATI, 2006, p. 176)

Benveniste (1976) assevera que não é possível separar o homem da linguagem, pois esta não é um instrumento, mas algo inato no ser humano; é na linguagem e pela linguagem que o homem se torna sujeito. Partindo desse pressuposto, o autor defende que o sujeito está na língua, ressaltando a utilização dos pronomes pessoais “eu e tu”, pois, ao tomar a língua em seu ato de utilização, tem-se um *eu* que se dirige a um *tu*, que se torna *eu* num movimento de reciprocidade e diálogo. Assim:

Os próprios termos dos quais nos servimos aqui, “eu e tu”, não se devem tomar como figuras, mas como formas linguísticas que indicam a pessoa. É notável o fato - mas, familiar como é, quem pensa em notá-lo? - de que

entre os signos de uma língua de qualquer tipo, época ou região que ela seja, não faltam jamais <sup>8</sup> os pronomes pessoais. Uma língua sem expressão da pessoa é inconcebível. (BENVENISTE, 1976, p. 287)

Portanto, os enunciados podem apresentar marcas da enunciação e do sujeito, ou seja, por meio dos pronomes, por exemplo, é possível perceber que existe um *eu* que se utiliza da língua sempre em relação a um alocutário, no caso, o pronome *tu*. Além dos pronomes, Benveniste destaca outras marcas linguísticas, chamadas de dêiticos, as quais comprovam a existência do sujeito e a relação do enunciado com a situação de enunciação, que, como classifica Paveau e Sarfati (2006): “é o conjunto dos parâmetros que tornam possível a comunicação”. Dessa forma, os dêiticos indicam marcações que remetem ao espaço, tempo e às pessoas da enunciação. O mecanismo da dêixis também é explorada por autores como Ducrot, Maingueneau e Fiorin, que a expandem e elucidam em seus estudos.

Para a constituição do sujeito na Análise do Discurso, é preciso ter certo distanciamento do chamado núcleo duro da linguística<sup>9</sup> para observar um sujeito que está na língua e é afetado por ela, também esse sujeito em relação com o mundo, o histórico, o ideológico e o Outro. Orlandi (2015) elucidada que a discursividade é inaugurada com a interpelação do sujeito pela ideologia, ou seja, pela relação com a história e com a língua. Para Orlandi (2015, p. 47), essa relação permite que “as palavras colem com as coisas”, haja vista que permite o próprio discurso, fato explicado pela autora:

[...] a interpelação em sujeito pela ideologia traz necessariamente o apagamento da inscrição da língua na história para que ela signifique produzindo o efeito de evidência do sentido (o sentido lá) e a impressão do sujeito ser origem do que diz, efeitos que trabalham ambos a ilusão da transparência da linguagem. (ORLANDI, 2015, p. 48)

Dessa forma, a ideologia aparece como responsável pela construção do sujeito e dos sentidos, por meio da ilusão citada, que é resultado dos esquecimentos expostos no tópico anterior, que trata da segunda fase da Análise do Discurso. Assim, há um sujeito ideológico, diretamente afetado pela ideologia, conforme explica Pêcheux:

---

<sup>8</sup>Pode acontecer somente que, em certas línguas, em certas circunstâncias, esses "pronomes" sejam deliberadamente omitidos; é o caso na maioria das sociedades do extremo oriente, onde uma convenção de polidez impõe o emprego de perífrases ou de formas especiais entre certos grupos de indivíduos, para substituir as referências pessoais diretas. Esses grupos, no entanto não fazem mais que sublinhar o valor das formas evitadas; é a existência implícita dos pronomes que dá o seu valor social e cultural aos substitutos impostos pelas relações de classes. (BENVENISTE, 1976, p. 287)

<sup>9</sup> Núcleo duro (Mussalim)

[...] Interpelação, ou assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico, de tal modo que cada um seja conduzido, sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade, a ocupar o seu lugar em uma ou outra das duas classes sociais antagonistas do modo de produção. (PÊCHEUX, 1997, p. 167)

Por meio dessa citação, é possível observar uma das primeiras proposições sobre o sujeito na Análise do Discurso, que aparece como um sujeito que não é livre para dizer o que quer, mas que, como explicitado anteriormente, é um indivíduo assujeitado à ideologia, que o autor relaciona às condições de produção e à formação discursiva na qual esse sujeito está inserido. Essa formulação sobre o sujeito relaciona-se à primeira fase da Análise do Discurso, em que Pêcheux apresenta sua teoria sobre a maquinaria discursiva, capaz de determinar o discurso dos sujeitos sempre em relação com a história e com as formações social, ideológica e discursiva.

Nessa perspectiva, esse sujeito ideológico, interpelado pela ideologia, também é um sujeito histórico, pois os sentidos a que têm acesso são constituídos sócio-historicamente e o afetam de acordo com a sua vivência e com as condições de produção de seu discurso, tanto a questão ideológica quanto a histórica passa despercebida pelo sujeito que pensa ser origem do que diz, dizendo pela primeira vez palavras que, na realidade, significam historicamente. Brandão disserta sobre esse sujeito histórico:

A noção de história é fundamental, pois, porque marcado espacial e temporalmente, o sujeito é especialmente histórico. E porque sua fala é produzida a partir de um determinado lugar e de um determinado tempo, a concepção de um sujeito histórico articula-se outra noção fundamental, a de um sujeito ideológico. (BRANDÃO, 2007, p. 59)

Portanto, essas noções sobre o sujeito caminham juntas, haja vista que não há sujeito sem ideologia, assim como não há ideologia sem história e ambas inexistem sem o sujeito. Mediante essa relação, é formulado na AD o conceito de memória discursiva, responsável por trazer à tona discursos já enunciados, como se o discurso fosse uma linha contígua inscrita na história. Brandão (2007) ressalta que não se trata de uma memória psicológica, mas histórica, e que enunciar é sempre se colocar em relação a um já-dito.

Entretanto, além de o sujeito ser histórico e ideológico, pela ótica da AD, ele também é um sujeito do inconsciente, uma concepção herdada dos estudos de Lacan. A esse respeito, Mussalim (2012) explica que, para a psicanálise lacaniana, o inconsciente se estrutura como uma linguagem, construindo sua teoria por meio da observação da teoria dos signos e do



critério diferencial de Saussure. Para Lacan, a constituição do sujeito ultrapassa a questão diferencial. Mussalim explica que:

O sujeito dessubstanciado não está onde é procurado, ou seja, no consciente lugar onde reside a ilusão do “sujeito centro” como sendo aquele que sabe o que diz, aquele que sabe o que é, mas pode ser encontrado onde não está, no inconsciente (critério do lugar vazio). Assim, a identidade do sujeito lhe é garantida pelo Outro. (MUSSALIM, 2012, p. 120)

Dessa forma, o sujeito é constituído por meio da relação com o Outro, ou seja, a expressão do discurso torna-se possível nas relações estabelecidas com outros discursos, construídos historicamente. Com essa concepção de Lacan, chamada de critério relacional, o sujeito deixa de ser o centro de todo dizer, como proposto por Benveniste, pois o discurso não emana dele, mas de outros discursos, tendo em vista que esse sujeito não é homogêneo, mas atravessado, clivado, cindido e dividido entre a relação com o outro e o seu inconsciente, conforme explica Orlandi:

O sujeito da linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia. (ORLANDI, 2015, p. 20)

Na contramão dessa concepção de sujeito, o Círculo de Bakhtin, tendo a interação verbal e o dialogismo como centrais da linguagem, apresenta um sujeito que não está completamente assujeitado:

O sujeito Bakhtiniano não está completamente assujeitado aos discursos sociais. Se assim fosse, negar-se-ia completamente a concepção de heteroglossia e de dialogismo, centrais na obra do filósofo. A utopia Bakhtiniana é poder resistir a todo processo centrípeto e centralizador. No dialogismo incessante o ser humano encontra o espaço de sua liberdade e de seu inacabamento. Nunca ele é submetido completamente aos discursos sociais. A singularidade de cada pessoa no “simpósio universal” ocorre na interação viva das vozes sociais. (FIORIN, 2006, p. 28)

É esse sujeito que nos interessa, nem totalmente assujeitado e nem dono do seu dizer, mas completamente dialógico e atravessado pelo Outro, uma vez que é esse sujeito que encontramos nas redes sociais, sujeitos que, apesar de sofrer certo assujeitamento, tem uma voz capaz de desconstruir discursos cristalizados em um movimento interacional e dialógico, que produz diferentes efeitos de sentido, conforme será abordado no próximo tópico.

## 2.4 IDEOLOGIA E EFEITO DE SENTIDO

Para Pêcheux (1997), o discurso em si é um efeito de sentido entre interlocutores, e esse sentido é construído por intermédio da formação ideológica na qual o sujeito está inserido:

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados (PÊCHEUX, 2009, p. 146)

Nessa perspectiva, trazendo a proposição de Althusser para a AD, explicada anteriormente, Pêcheux propõe que uma formação ideológica está inserida em uma formação social que representa posições de classe em conflito, e cada formação ideológica constitui uma formação discursiva que, como vimos, estabelece aquilo que pode e deve ser dito em seu interior. Ainda de acordo com Pêcheux (2009, p. 146-147), “as palavras adquirem sentido em referência a essas posições, isto é, às formações ideológicas e discursivas nas quais essas posições se inscrevem”.

Nessa perspectiva, a ideologia fornece sentidos como se tudo o que é enunciado emanasse de um já-dito que, conforme Pêcheux (2009, p. 151), refere-se a um “pré-construído (sempre-já-aí), que fornece a realidade e o seu sentido sob a forma de universalidade”, ou seja, os sentidos e interpretações de um enunciado são disponibilizados pelas formações discursivas como se fossem universais quando, na realidade, são regulados por aquela FD. Corroborando essa questão, cabe citar Orlandi, que explica esse movimento de sentidos fornecidos pela FD:

Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso a formação ideológica. (ORLANDI, 2015, p. 43)

Dessa forma, no interior das formações discursivas, ocorrem dois movimentos que concorrem para a consecução de sentidos: a paráfrase e a polissemia. Eni Orlandi discorre sobre esses conceitos no livro *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*, entre outros escritos, demonstrando a tensão existente no discurso entre o mesmo e o diferente, haja vista que, para a referida autora, a tensão entre paráfrase e polissemia faz parte do funcionamento da linguagem.

Esclarece Orlandi (2015) que a paráfrase é aquilo que se mantém no discurso, isto é, um enunciado funciona como se estivesse referenciando outro que aparece de forma parafraseada ou dissimulada. Esse movimento provoca diferentes efeitos de sentido, haja vista que o interlocutor da mensagem formulará sua interpretação de acordo com o conhecimento que tiver do discurso que está sendo referenciado. É importante ressaltar que, na maioria das vezes, o sujeito locutor não tem a percepção desse retorno a discursos já ditos, o que é explicado pelos esquecimentos já mencionados nesta dissertação.

Nessa perspectiva, é mister salientar que, por intermédio desse movimento de paráfrase, torna-se possível explicar o porquê de um mesmo discurso provocar diferentes efeitos de sentido, como por exemplo, discursos sobre o negro em que, muitas vezes, são retomados discurso construídos no passado que aparecem eivados de preconceito e discriminação. Em amparo a essa afirmação, cabe a citação a seguir:

Se toda vez que falamos, ao tomar a palavra, produzimos uma mexida na rede de filiação dos sentidos, no entanto, falamos com palavras já ditas. E é nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam. (ORLANDI, 2015, p. 36)

Dessa forma, evidencia-se que o discurso faz parte de uma rede de discursos já-ditos que, quando proferidos, podem acionar diferentes efeitos de sentido, que podemos relacionar, também, ao conceito de polissemia que, de acordo com Orlandi (2015), diz respeito a um deslocamento em que, mesmo havendo o retorno a um já-dito, os sentidos tornam-se outros, derivando para outros sítios de significação. Assim, a polissemia acaba funcionando como condição de existência dos discursos, pois possibilita que discursos e sujeitos possam ser outros, justificando a necessidade do dizer e abrindo espaço para a criatividade.

Nesse viés, paráfrase e polissemia são movimentos fundamentais no interior de uma formação discursiva em que, mesmo em um discurso novo, sempre haverá algo que se mantém. Orlandi (2015) relaciona tais movimentos à produtividade e criatividade, utilizando como exemplo as telenovelas, em que há uma forma (produtividade) que se mantém em praticamente toda telenovela; no entanto, a criatividade é proporcionada, assim a mesma telenovela é assistida diversas vezes, a criatividade (polissemia) ocorre quando o já produzido é colocado em conflito, instituindo algo diferente.

Apesar de aberto um espaço à criatividade e ao deslocamento de significação, ressalta-se que o discurso não deixa de ser marcado pela ideologia que lhe fornece sentidos. Sobre essa questão, é relevante evocar o pensamento de Bakhtin/Volochínov (2006), ao afirmar que

todo signo é ideológico por natureza, ou seja, não existe discurso, nem mesmo consciência sem que haja ideologia, a realidade e as possibilidades de discursos são apresentadas ao sujeito pela ideologia. Bakhtin ainda ressalta que:

Um signo não existe apenas como parte de uma realidade: ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 30)

Essa afirmação vai ao encontro do que tem sido trabalhado neste tópico, haja vista que é possível relacionarmos a avaliação ideológica proposta nessa citação à formação discursiva na qual o sujeito está inserido. Bakhtin destaca que existem diferentes domínios de signos – religioso, científico, jurídico –, em que cada um desses campos constrói diferentes formas de realidade. Reforçando essa ideia, Bakhtin/Volochínov (2006, p.107) traz mais uma percepção sobre a questão do sentido: “o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto. De fato, há tantas significações possíveis quanto contextos possíveis”.

De forma similar, Pêcheux (1997) aborda a questão do contexto referindo-se às condições de produção. Para esse autor, o discurso é proferido a partir dessas condições de produção, as quais interferem diretamente na constituição dos sentidos. Exemplificando, podemos citar um político que se pronuncia em certo período histórico, do interior de um partido que defende causas específicas; essas condições condicionam o dizer desse sujeito, que não seria o mesmo dizer de um político da oposição.

Nessa perspectiva, Pêcheux (1997) afirma que o sujeito enuncia de lugares determinados na estrutura social: o lugar de professor, aluno, pai, mãe, esposo, esposa, patrão empregada, etc. Esses lugares são designados por inúmeras formações imaginárias, as quais, alicerçadas em ideologias e fatores sociais, apresentam uma representação da imagem que o sujeito cria mediante o seu próprio lugar e do lugar do outro.

De forma análoga, Orlandi (2015) discorre sobre as condições de produção, esclarecendo que compreendem sujeito, situação e memória. Ainda, a referida autora considera as condições de produção em sentido estrito e amplo, ou então, contexto imediato e amplo. No primeiro contexto, são levados em conta o momento e as circunstâncias da enunciação, assim como os sujeitos (posição) que enunciam; o segundo relaciona-se à maneira como a história e a formação social afetam a constituição de sentidos por meio do acionamento da memória discursiva que retoma discursos já-ditos.

Vale ressaltar que, de acordo com Orlandi (2015), existem certos fatores que possibilitam o funcionamento das condições de produção, um deles é a relação de sentidos, concernente à noção de que um discurso sempre está relacionado com outros discursos, nas palavras da autora “um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis” (ORLANDI, 2015, p.37). O segundo fator é chamado de antecipação, explicado pela autora como a capacidade do locutor de se colocar no lugar do interlocutor, antecipando os sentidos que serão produzidos por meio de suas palavras. Pêcheux (1997) esclarece que em todo processo discursivo há a suposição por parte do emissor das representações do receptor, ou seja, o emissor, acessando as representações imaginárias que lhe dão suporte sobre a posição ocupada pelo receptor, define as estratégias de seu discurso.

Por derradeiro, Orlandi (2015) apresenta o último fator, as relações de força que são concernentes ao fato de que os sentidos emanam do lugar ou posição ocupados pelo sujeito. A autora exemplifica essa questão ao comparar o lugar de fala do professor em relação ao lugar de fala do aluno, demonstrando que o discurso do primeiro tem mais validade que o discurso do segundo, considerando que as relações existentes em nossa sociedade se apresentam de forma hierarquizada, sustentadas pelo poder que emana desses lugares, legitimando e credibilizando os dizeres. Vale salientar que essas representações são projeções e não a forma de inscrição física do sujeito na sociedade. Orlandi (2015, p. 42) sustenta que se trata de um mecanismo imaginário, conforme expõe a seguir:

O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não “brota” do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas em uma sociedade como a nossa por relações de poder. A imagem que temos de um professor, por exemplo, não cai do céu, ela se constitui nesse confronto do simbólico com o político em processos que ligam discursos e instituições. (ORLANDI, 2015, p. 42)

No que tange às ideias apresentadas, é possível afirmar que as condições de produção comportam o que é material, institucional e o mecanismo imaginário. Todos esses fatores fornecem representações para a constituição de sentidos relacionados ao locutor, ao interlocutor e ao objeto do discurso. Cabe ressaltar que esses sentidos são flexíveis, capazes de mudar de acordo com a formação discursiva na qual o sujeito se inscreve. Dessa forma, em *Análise do Discurso*, conforme colocado por Brandão (2007, p. 109) “não existe um sentido *a priori*, mas um sentido que é construído, produzido no processo de interlocução, por isso deve ser referido às condições de produção”.

Considerando o exposto, é pertinente a reflexão sobre os sentidos construídos sócio-histórico e ideologicamente a respeito do negro, haja vista que a posição ocupada antes pelo sujeito negro no Brasil era a de escravo, e essa posição trazia consigo inúmeras projeções sobre a função do negro na sociedade: inferior, serviçal, menos inteligente, entre outras representações. Tais projeções evidenciam o caráter político-ideológico do discurso, pois essa construção de sentidos sobre o que é ser negro foi instituída por uma classe que buscava dominar esse grupo da sociedade. Reforçando essa ideia, cabe citar Filho:

O negro escravo era um “outro” inventado (história, natureza, caráter, inteligência, força física, predisposição sexual, etc.) pelas elites, na medida em que representado por ela; o negro do quilombo e o da favela também são inventados – e, como se sabe, toda invenção do “outro” é uma negação do “outro” – (...). (FILHO, 2010, n.p.)

Nessa perspectiva, ressalta-se que o discurso é uma linha ininterrupta da comunicação, assim, o que é enunciado na atualidade não deixa de ter conexão com as construções do passado. Sob essa ótica, Fiorin (2006) indica que, em uma formação social, estão em funcionamento o presente, isto é, os enunciados em circulação, o passado, que são aqueles enunciados legados pela tradição, e o futuro, que aponta para utopias e metas de determinado grupo social. Dessa forma, pensar efeitos de sentido em Análise do Discurso significa, além de identificar a formação discursiva e as condições de produção que propiciam a circulação de certos enunciados, conectar presente, passado e futuro, haja vista que o discurso é dinâmico e constantemente atravessado por outros discursos.

No entanto, esse entrecruzamento, na maioria das vezes, provoca tensões, tendo em vista o caráter político e as relações de força que concorrem para a consecução de sentidos. Sobre essa questão, insta evocar o pensamento de Bakhtin (1998), que traz o conceito de força centrífuga, cujo objetivo é de centralizar, generalizar e estabilizar sentidos, e de forças centrípetas que atuam para dinamizar e relativizar sentidos. Com essa concepção, de acordo com Fiorin (2006), Bakhtin demonstra a submissão das vozes que circulam nas formações sociais às relações de poder, demonstrando que não há neutralidade nos enunciados, nem liberdade para dizer o que se quer.

No que tange às teorias em apreço, evidencia-se que as palavras são preenchidas de sentidos fornecidos pelas formações sociais e ideológicas. Tais sentidos diferem de acordo com o posicionamento dos sujeitos nessas formações, dessa forma, não existe sentido uno nem pronto e acabado, mas construído em meio à tensão de relações de poder que trabalham para estabilizá-los ou ressignificá-los.

Essas relações e os efeitos de sentido irão ocupar papel central nas análises propostas nesta pesquisa, considerando que, historicamente, os negros têm resistido a relações de poder que atuam na construção de um imaginário social que o inferioriza. A tensão entre essas vozes, responsável por diferentes efeitos de sentido, poderá ser verificada no dialogismo encontrado em publicações e comentários da rede social *Facebook*, nas análises propostas mais adiante.

Nessa perspectiva, seguimos este trabalho com o objetivo de trazer luz à concepção proposta pelo Círculo de Bakhtin, que será objeto do próximo tópico, corroborando com a questão do signo ideológico e com a interação discursiva proporcionada pelo dialogismo.

## 2.5 INTERAÇÃO VERBAL E DIALOGISMO: O CENTRO DA LINGUAGEM EM BAKHTIN

Uma das proposições de Bakhtin/Volochínov (2006, p. 114), primordial para esta investigação, é que o centro organizador de todo dizer é externo ao indivíduo; nas palavras de Bakhtin/Volochínov, “não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental”. Dessa forma, para o referido autor, a situação social imediata da enunciação modela todo o dizer, o sujeito se articula e elabora seu discurso mediante a interação com o que lhe é externo, ou seja, a enunciação é produto de uma interação, explicada por Bakhtin/Volochínov da seguinte forma:

A enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 114)

Ao referir-se a um indivíduo a quem o sujeito dirige a palavra, Bakhtin não está se referindo exclusivamente a outra pessoa, considerando que o indivíduo pode organizar o seu dizer de acordo com o representante médio de seu grupo social. Dessa afirmação depreende-se que não há monólogo, ou seja, até mesmo ao conversar “consigo mesmo”, o indivíduo organiza seu dizer de acordo com a organização social que lhe é exterior, direcionando-se a um interlocutor, real ou virtual.

Nessa perspectiva, Bakhtin/Volochínov (2006) afirma que o mundo interior de cada indivíduo se orienta a partir de um auditório social, ou seja, a enunciação é socialmente dirigida, até mesmo o grito de um recém-nascido é direcionado à mãe, como exemplifica o autor. Assim, a tomada de consciência é determinada pela entoação interior e pela expressão ideológica a que o sujeito é submetido.

Sobre a tomada de consciência, vale expor o pensamento de Bakhtin/Volochínov (2006) que a divide em dois polos distintos, denominados *atividade mental do eu* e *atividade mental do nós*. Segundo o referido autor, a primeira, quanto mais se aproxima do seu limite, perde a modelagem ideológica, ou seja, perde o esboço social e representação verbal, resumindo-se a uma simples reação fisiológica. Já na *atividade mental do nós*, a tomada de consciência liga-se ao grau de orientação social do indivíduo, conforme é explicitado a seguir:

A atividade mental do nós não é uma atividade mental de caráter primitivo, gregário: é uma atividade diferenciada. Melhor ainda, a diferenciação ideológica e o crescimento do grau de consciência são diretamente proporcionais à firmeza e à estabilidade da orientação social. Quanto mais forte, mais bem organizada e diferenciada for a coletividade no interior da qual o indivíduo se orienta, mais distinto e complexo será o seu mundo interior. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 117)

Ante o exposto, tanto a tomada de consciência quanto o sentido são determinados pela orientação social de cada indivíduo, podendo a mesma situação ser sentida e interpretada de maneiras diferentes; o que será observado nesta pesquisa, por meio da análise dos diferentes efeitos de sentido que podem ser provocados por um mesmo enunciado. É importante salientar o pensamento de Bakhtin/Volochínov sobre a consciência, a fim de tornar ainda mais clara essa questão:

Enquanto a consciência permanece fechada na cabeça do ser consciente, com uma expressão embrionária sob a forma de discurso interior, o seu estado é apenas de esboço, o seu raio de ação ainda limitado. Mas assim que passou por todas as etapas da objetivação social, que entrou no poderoso sistema da ciência, da arte, da moral e do direito, a consciência torna-se uma força real, capaz mesmo de oferecer em retorno uma ação sobre as bases econômicas da vida social. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 117)

Dessa forma, a atividade mental é intrínseca ao social, ou seja, orienta-se de acordo com o contexto em que o indivíduo está inserido e com seus interlocutores, corroborando para a tomada de consciência e a exteriorização do discurso. Por meio dessa observação, Bakhtin/Volochínov (2006) afirma que não é o sistema abstrato de formas linguísticas que constitui a verdadeira substância da língua, mas o fenômeno social da interação verbal.

Desse conceito de interação verbal, nasce outro tão importante quanto: o conceito de diálogo, que não está ligado ao diálogo em face a face, mas a um conceito ainda mais amplo, pois, para o Círculo de Bakhtin, a enunciação constitui apenas uma fração em uma cadeia ininterrupta da comunicação verbal, ou seja, ao nascer, o indivíduo é inserido em uma cadeia discursiva já existente, comumente falando, ele não “inventa a roda”, mas molda-se a ela para participar do processo comunicacional.



Nessa cadeia discursiva ininterrupta, o indivíduo é submetido a diversas vozes, o que se convencionou chamar de dialogismo. Nesse sentido, Faraco (2009) ressalta que o mundo interior é uma arena de muitas vozes sociais em constante interação de embate e/ou concordância. Faraco ainda esclarece que:

As relações dialógicas são, portanto, relações entre índices sociais de valor – que, como vimos, constituem, no conceitual do Círculo de Bakhtin, parte inerente de todo enunciado, entendido não mais como unidade da língua, mas como unidade da interação social; não como um complexo de relações entre palavras, mas como um complexo de relações entre pessoas socialmente organizadas. (FARACO, 2009, p. 66)

Nessa perspectiva, a partir do momento em que o material linguístico ou semiótico (enunciado) entra na relação do discurso e da posição social do sujeito, as relações dialógicas acontecem por meio de uma atitude responsiva, gerada mediante posições avaliativas que podem ser de rejeição, confirmação, confronto, entre outras.

É importante salientar que o enunciado não é visto pelo Círculo como parte do sistema da língua, ou seja, um fragmento a ser estudado morfológica e sintaticamente, mas torna-se parte de um grande movimento interacional, inscrevendo-se na esfera do discurso e sendo preenchido, invadido e entrecruzado por diversos fatores de valoração social que fazem dele sempre outro; conforme o pensamento bakhtiniano, é como se o enunciado passasse por um corredor de muitas vozes que amplia a compreensão ou afasta o compreendido.

No artigo *Problemas do Texto*, de autoria de Bakhtin (2003), é possível expandir um pouco mais o conceito de dialogismo, entretanto, antes de explorar tal conceito no viés dessa publicação, é importante destacar a visão de Bakhtin sobre a noção de texto nessa obra:

O texto é a realidade imediata (realidade do pensamento e das vivências) [...]. O texto “subtendido”. Se entendido o texto no sentido amplo como qualquer conjunto coerente de signos, a ciência das artes (a musicologia, a teoria e a história das artes plástica) opera com textos (obras de arte). São pensamentos sobre pensamentos, vivências sobre vivências, palavras sobre palavras, textos sobre textos. (BAKHTIN, 2003, p. 307)

Nessa perspectiva, é possível observar que o autor aborda o texto em sentido amplo, visando abarcar as relações dialógicas. Bakhtin (2018, p. 313) assevera que os enunciados são enformados, ou seja, são penetrados por elementos extralinguísticos que se tornam responsáveis por sua formatação, dessa forma, os elementos linguísticos são apenas o meio de consecução do enunciado, tendo em vista que não há relação dialógica entre elementos do sistema, como inexistem também entre objetos, conforme observa-se a seguir as relações dialógicas:

São relações semânticas entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva. Dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados em um plano de sentido (não como objetos e não como exemplos linguísticos), acabam em relação dialógica. (BAKHTIN, 2003, p. 323)

Portanto, nenhum enunciado que seja parte de uma situação discursiva é isento de estar em uma relação dialógica com outros enunciados. Os enunciados são elaborados sempre em resposta a outros enunciados e da mesma forma requerem uma resposta; assim é formado o que Bakhtin/Volochínov (2006) denominou linha ininterrupta da comunicação verbal. Essa relação poderá ser percebida nas análises desta pesquisa, quando demonstrada a relação entre enunciados no *Facebook*, considerando-se que, ao publicar um acontecimento discursivo em uma página dessa mídia social, há a intenção de que sejam formuladas respostas a esse acontecimento, as quais poderão ser verificadas nos comentários dessas publicações. Assim, o acontecimento trazido de um veículo de notícia, bem como a forma como a publicação se configura e os comentários dialogam com ambos, estabelece relações dialógicas.

Dessa forma, para que essa linha comunicacional funcione, os enunciados são agrupados em gêneros discursivos que organizam e atendem aos anseios das mais diversas esferas da atividade humana. Trataremos sobre essa questão no próximo capítulo, buscando ampliar a percepção a respeito dos gêneros discursivos em ambiente digital e do funcionamento discursivo nesse ambiente.

### 3 CAPÍTULO 2 - CONSTRUÇÃO DE SENTIDO EM AMBIENTE DIGITAL

Tendo em vista que o ambiente digital é o espaço em que se realiza a investigação proposta nesta dissertação, especificamente a rede social *Facebook*, este capítulo busca demonstrar como se comportam os discursos oficial e ordinário neste ambiente, que funciona como suporte para inúmeros discursos.

Nessa perspectiva, é mister tratar sobre o ambiente digital e suas formas de interação, além de demonstrar como os gêneros discursivos, que orientam a comunicação social, adaptam-se ao ambiente da tecnologia digital, observando as possíveis influências sofridas, bem como as adaptações.

Considerando que os sentidos em torno de acontecimentos sobre o negro constituem o objeto desta pesquisa, este capítulo propõe, ainda, uma reflexão sobre as construções de sentido no discurso das mídias, principalmente, a influência das redes sociais na formulação de representações sociais por meio da linguagem.

Ademais, levando em consideração que a pesquisa está voltada para dois tipos de discurso: oficial e ordinário, o primeiro relacionado ao que Charaudeau (2006) denomina instância de produção, ligada à formulação do acontecimento; e o segundo, à instância de recepção, que trata da interpretação do acontecimento, essas instâncias são objeto de estudo neste capítulo, combinadas com a teoria da enunciação.

Por fim, este capítulo apresentará a rede social *Facebook*, desde sua criação e evolução, até as inúmeras possibilidades de comunicação propiciadas por esse espaço digital.

#### 3.1 O DISCURSO EM AMBIENTE DIGITAL

Contemporaneamente, o digital apresenta-se como um campo de questões para os analistas do discurso, na medida em que tem se tornado cada vez mais difícil desvinculá-lo da linguagem humana, e também porque a ampliação das noções de constituição de sujeito, autoria, espaço discursivo e a reelaboração de alguns gêneros discursivos, promovidas por esse campo.

Dias (2018) enfatiza que o século XXI representa um imaginário de século da inovação tecnológica. A citada autora apresenta duas noções basilares para a compreensão do processo de historização (DIAS, 2018) e produção de sentidos do digital, quais sejam: o ideológico e o político. Essa observação torna-se necessária, considerando-se que, discursivamente, esses conceitos foram suprimidos do discurso em ambiente digital mediante

a utopia tecnológica. Essa autora enfatiza que o século XXI foi discursivamente constituído como o século da inovação e o momento de colher os frutos dos anos 1940. Essa utopia apaga o caráter político e ideológico da tecnologia.

A escolha de Dias (2018) repousa sobre uma crítica ao apagamento de questões políticas e ideológicas que, assim como em outros campos discursivos, sustentam o discurso em ambiente digital, considerando que nesse campo também ocorrem relações de poder. Dessa forma, com o objetivo de explicar a questão do político, que está diretamente relacionada a essas relações, Dias (2018) cita Orlandi (2010):

O político está no fato de que os sentidos são divididos, não são os mesmos para todo mundo, embora “pareçam” os mesmos. Esta divisão tem a ver com o fato de que vivemos em uma sociedade que é estruturada pela divisão e por relações de poder que significam essas posições. (ORLANDI, 2010, *apud* DIAS, 2018, p. 26)

Desse modo, é importante que o analista consiga olhar além da utopia da tecnologia, enxergando que esse é um campo propício à análise, pois as questões políticas e ideológicas são propulsoras e construtoras de sentidos no digital, assim, o digital é mais do que uma extensão tecnológica. Trata-se, de acordo com Dias (2018), de uma condição de produção político-ideológica do discurso. Em relação à ideologia, Dias (2018) afirma que, por meio do discurso propagado em ambiente digital, também ocorre a interpelação do indivíduo em sujeito.

Nessa perspectiva, considerando as possibilidades de análise, interessa-nos tomar o discurso proferido em ambiente digital como objeto de investigação desta pesquisa, desde sua constituição, formulação e circulação, haja vista que esse campo discursivo possibilita a circulação de vozes sociais não legitimadas e antes abafadas, o que Silveira (2016) chama de discurso ordinário digital.

Sobre a circulação, Dias (2018, p. 33) afirma que “o que sustenta a formulação dos dizeres no digital é a sua circulação”. A autora também defende que o digital é intrínseco à circunstância da enunciação e é o próprio *aqui* e *agora* do discurso, ou seja, singular a cada aparição. Desse modo, a forma de circulação trabalha efetivamente sobre a construção de sentidos.

Tomando por pressuposto o posicionamento dessas duas autoras, nesta pesquisa são investigados os efeitos de sentido de discursos que tratam a questão de preconceito/discriminação contra pessoas negras na sociedade brasileira, haja vista que, com o

advento da internet e, principalmente, das redes sociais, a circulação desse tipo de discurso passou a ter grande alcance e interação com diferentes públicos.

A forma de circulação, assim como a instância de reprodução do discurso em ambiente digital, possibilita diferentes efeitos de sentido para um mesmo enunciado. A título de exemplo, uma simples expressão publicada em uma revista ou jornal, ao ser reproduzida em páginas do *Facebook*, pode apresentar diferentes efeitos de sentido, dentre os quais iremos destacar nesta pesquisa questões sobre discriminação e preconceito racial.

### 3.2 GÊNEROS DO DISCURSO EM PERSPECTIVA DIGITAL

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. (BAKHTIN, 2003, p. 261)

Este subitem teve início com a citação de Bakhtin, considerando que, ao teorizar sobre os gêneros do discurso, o autor refere-se aos diversos usos da linguagem em diferentes campos da atividade humana. Assim, cada enunciado está intrinsecamente ligado e reflete uma determinada esfera, de acordo com o tema, o estilo e a construção composicional. Para Bakhtin (2003), os enunciados são determinados pela especificidade das esferas de comunicação humana. À organização de tipos relativamente estáveis de enunciados o autor chama de gêneros do discurso.

Com o crescimento dos campos de atividade humana, cresce também a necessidade de comunicação, e assim nascem os gêneros do discurso, para atender às especificidades dessas esferas. Analisando a teoria dos gêneros de Bakhtin, Brait (2003) enfatiza que os gêneros discursivos nascem da prosificação da cultura letrada, ou seja, estão presentes no discurso e na interação do cotidiano.

Nessa perspectiva, a riqueza e a diversidade dos gêneros são destacadas por Bakhtin (2003): um reflexo da riqueza e complexidade das atividades humanas mediadas pela linguagem. O autor justifica a diversidade dos gêneros discursivos considerando as diversas relações, posições e funções sociais entre os participantes da comunicação, das mais formais até as mais familiares e íntimas. Diante da multiplicidade de gêneros do discurso, o autor os classifica em primários e secundários, conforme explicado na citação seguinte:

Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicitários, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o

escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formam nas condições da comunicação discursiva imediata. (BAKHTIN, 2003, p. 261)

Desse modo, aos gêneros mais complexos e elaborados, o autor chama de secundários, e aos mais presentes no discurso cotidiano e na fala dos sujeitos, ele dá o nome de primários, ou seja, gêneros simples. Ainda, esses gêneros frequentemente se fundem no processo em que gêneros primários transmutam-se em gêneros secundários, constituindo, portanto, a base da comunicação humana.

Pode-se dizer que os gêneros discursivos são orientados pelas situações de comunicação, as quais exigem conhecimento dos diversos gêneros que, em algumas circunstâncias, acabam assumindo um caráter mais normativo, pois, segundo Bakhtin (2003), não são criados pelo sujeito, mas dados a ele, sendo bem mais flexíveis do que as formas da língua.

Em cada época, em cada círculo social, em cada micromundo familiar, de amigos e conhecidos, de colegas, em que o homem cresce e vive, sempre existem enunciados investidos de autoridade que dão o tom, como as obras de arte, ciências, jornalismo político, nas quais as pessoas se baseiam, **as quais eles citam, imitam, seguem**. Em cada época e em todos os campos da vida e da atividade, existem determinadas tradições, expressas e conservadas em vestes verbalizadas: em obras, enunciados, sentenças, etc. **Sempre existem essas ou aquelas ideias determinantes dos “senhores do pensamento”** (BAKHTIN, 2003, p. 261, grifo nosso)

Nesta pesquisa, interessam-nos esses enunciados que Bakhtin diz darem o tom, especificamente da esfera jornalística, quando veiculados na rede social *Facebook*, tendo em vista que, ao tratar sobre a questão do negro, apresentam-se revestidos de certa autoridade, tornando-se acontecimentos construtores e reprodutores de uma imagem sobre esse segmento da sociedade.

Esses gêneros são abordados como pertencentes a discursos oficiais<sup>10</sup>, em contraponto a publicações e comentários relacionados ao discurso ordinário, constantes de páginas da rede social supramencionada. Dessa forma, será analisado o dialogismo constante nesses dois tipos de discurso, objetivando demonstrar diferentes efeitos de sentidos que a recepção desses

---

<sup>10</sup>Trataremos como discursos oficiais aqueles emanados de instâncias institucionais, ou seja, das mídias oficiais.

gêneros pode causar nas redes sociais, buscando refletir sobre uma representação histórica presente na memória social e perpetuada por meio de discursos oficiais.

Nessa perspectiva, migrando para o ambiente das redes sociais ou ciberespaço, é importante demonstrar a percepção sobre os gêneros discursivos neste ambiente, esclarecendo que, embora estejam em ambiente digital, expressões como gêneros digitais e esfera digital não serão utilizadas, considerando o alinhamento desta pesquisa à concepção proposta por Araújo e Leffa:

Assim, uma primeira problemática de que me ocupo aqui tem a ver com as expressões gêneros digitais e esfera digital, usadas largamente por diversos autores [...]. Afinal como propõe Bakhtin (2000:290 [1953]) “Cada esfera da comunicação da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso”. À luz dessa perspectiva, não existem esfera digital nem gêneros digitais, pois a *Web* não é capaz de fornecer uma instância concreta de gêneros que atendam à demanda de um suposto discurso digital. (ARAÚJO E LEFFA, 2016, p. 51-52)

Ante o exposto, Araújo e Leffa (2016), abordando uma perspectiva bakhtiniana da linguagem, defendem que não existem gêneros digitais ou esferas digitais, o que existem são gêneros discursivos reproduzidos em suporte digital, pois a *Web* apenas absorve inúmeras esferas da atividade humana e, conseqüentemente, seus gêneros discursivos.

Com o objetivo de esclarecer e ampliar a concepção de gêneros do discurso, é importante ressaltar as noções de esferas da atividade, campos discursivos e lugares de atividade, apresentadas por Dominique Maingueneau (2017), tornando possível entender a diferenciação proposta por Araújo e Leffa (2016), ao defenderem que o ambiente digital da *Web* não é considerado uma esfera da atividade humana e que não existem gêneros digitais, a não ser discursivos.

De acordo com Maingueneau (2017), os gêneros do discurso só adquirem sentido quando integrados a unidades de classe superior, ou seja, tipos de discursos. Dessa forma, os gêneros agrupam-se conforme a finalidade social (discursos publicitários, religiosos, políticos), podendo integrar um ou mais tipos discursivos. Assim, o citado autor aponta que um mesmo gênero discursivo pode fazer parte de três tipos de agrupamento, conforme exemplifica com os gêneros da política, que são: I) da esfera da atividade política; II) decorrentes de posicionamentos (esquerda, direita, centro); III) produzidos em diversos lugares de atividade política (partido, congresso, câmara de deputados etc.).

Sobre as esferas de atividade, Maingueneau (2017) ressalta que um gênero não se restringe a uma única esfera de atividade. Assim, por exemplo, um dos gêneros analisados nesta pesquisa, uma matéria jornalística, pode ser integrada à esfera midiática ou à imprensa escrita, cotidiana, generalista. Com base nesse aspecto, o autor assevera que é papel do pesquisador determinar em que nível se situarem, considerando que as esferas de atividade têm um núcleo e uma periferia, conforme se observa:

O núcleo é constituído pelos gêneros de discurso que pareçam mais próximos da finalidade normalmente associada a essa esfera. O discurso escolar, por exemplo, tem por núcleo os gêneros segundo os quais professores e alunos se relacionam; mas o discurso escolar integra muitos outros gêneros: as reuniões de professores, as circulares do Ministério da Educação, os livros didáticos etc. (MAINGUENEAU, 2017, p. 67-68)

Nessa perspectiva, Maingueneau (2017) destaca que algumas esferas são submetidas a campos discursivos, a exemplo dos discursos político e religioso, em que há o embate de diferentes posicionamentos. Essa questão vai ao encontro da perspectiva posta por Bakhtin de que os gêneros do discurso são relativamente estáveis, haja vista que:

Os campos discursivos, nos quais os posicionamentos inscrevem, cada um a sua maneira, gêneros de discurso, não são estruturas estáticas, já que são constantemente submetidos a uma lógica de concorrência em que cada um visa modificar as relações de força em seu benefício. (MAINGUENEAU, 2017, p. 67-68)

Essa instabilidade dos campos discursivos faz com que os gêneros sejam relativamente instáveis, contudo, eles apresentam certos traços de regularidade (tema, estilo, construção composicional). O dialogismo, que pode ser exemplificado pelo confronto de posicionamentos<sup>11</sup>, como abordado colocado por Maingueneau, assim como as inúmeras mudanças sociais, acarretam a reelaboração e o surgimento de novos gêneros, ou, até mesmo, a mistura de gêneros, para que o processo comunicacional aconteça efetivamente. Sobre essa questão, Maingueneau traz uma brilhante citação, que demonstra a relevância dessa instabilidade genérica para a construção social, veja:

A história de uma sociedade é, em algum sentido, a de seus gêneros de discurso: em dado momento, cada um de seus setores pode ser caracterizado

---

<sup>11</sup>Maingueneau (2017, p. 68) relaciona a questão de posicionamentos à lógica de campo, conforme se observa: “Os campos discursivos, nos quais os posicionamentos inscrevem, cada um a sua maneira, gêneros de discurso, não são estruturas estáticas, já que são constantemente submetidos a uma lógica de concorrência em que cada um visa modificar as relações de força em seu benefício”.



pela forma como a qual a fala é ali gerida. O estudo da emergência, do desaparecimento ou da marginalização dos gêneros constitui, assim um observatório privilegiado das mudanças sociais. (MAINGUENEAU, 2017, p. 67-68)

Mediante o exposto, pode-se compreender o impacto de uma importante mudança social sobre os gêneros do discurso: a tecnologia digital. Por esse motivo, escrever sobre gêneros do discurso nesta pesquisa apresenta-se como um desafio, como explica Maingueneau (2017, p. 159) ao dissertar sobre as novas textualidades: “os analistas do discurso são agora levados a se interrogarem sobre a pertinência das categorias que utilizam, a se perguntarem se elas ainda estão à altura dessa nova distribuição de cartas em jogo”.

Dessa forma, as reflexões de Bakhtin, Maingueneau e Araújo e Leffa são basilares para estabelecer categorias que possibilitem analisar os gêneros discursivos em ambiente digital, tendo em vista que o advento da tecnologia digital, especificamente da *Web*, alterou as formas de interação e, conseqüentemente, provocou uma transmutação ou reelaboração de gêneros, como proposto por Araújo e Leffa (2016):

Trata-se não apenas de tecnologias, mas de verdadeiros ambientes que, conforme propõe Manovich (2002), em função dos princípios das novas mídias, não apenas abrigam os discursos e os seus gêneros, mas provocam neles alterações decorrentes de apropriações sociais da tecnologia pelo indivíduo. (ARAÚJO E LEFFA, 2016, p. 53)

Dessa forma, o advento da computadorização e das mídias sociais provoca um impacto não apenas nas relações humanas, como também na linguagem, ocasionando modificações substanciais. Para os autores da citação anterior, acontece uma “coreografia dançada pelos gêneros”, que se reajustam e se reelaboram nos diversos ambientes tecnológicos.

De acordo com Araújo e Leffa (2016), essa reelaboração de gênero também é chamada de transmutação, considerando os estudos de Zavan (2009), que propôs as subcategorias de transmutação<sup>12</sup> criadora, que acontece quando um gênero dá origem a outro; e a transmutação inovadora, quando as alterações modificam suas feições sem dar origem a um gênero distinto. Para esta última, de acordo com Araújo e Leffa (2016), Zavan ainda estabelece mais duas

---

<sup>12</sup> Araújo e Leffa (2016, p.56) A ideia original de transmutação de gênero precede de Bakhtin (2000[1929]). Ao refletir sobre os gêneros do discurso, ele mostrou que os gêneros secundários, de feições mais institucionalizadas, nascem os gêneros primários, oriundos de esferas de atividade mais informais ou menos institucionalizadas. Apesar de haver um deslocamento desse termo achamos importante citá-lo, tendo em vista sua origem bakhtiniana.

subcategorias: a interna, que ocorre quando o percurso histórico acarreta uma transformação no gênero, e a externa, quando um gênero é modificado por outro.

O avanço nas pesquisas sobre os gêneros discursivos provocou uma mudança do termo “transmutação” para “reelaboração”; as subcategorias permanecem as mesmas, reelaboração inovadora e reelaboração transformadora. Araújo e Leffa (2016) apontam que essa alteração acontece a partir das pesquisas de Costa (2010). Esse deslocamento do léxico se deu porque o termo transmutação remete à física e biologia, podendo gerar certa ambiguidade, e, de acordo com Araújo (2006), citando Araújo e Leffa (2016, p. 57): “essa ambiguidade retira o protagonismo humano das práticas da linguagem”.

Com o avanço das pesquisas, Araújo e Leffa (2016) destacam, também, o refinamento da subcategoria reelaboração criadora, pois houve a percepção de que alguns gêneros são distintos do original, dessa forma, essa subcategoria passou a ser analisada como um *continuum* de gêneros emergentes e standardizados, sendo que os primeiros aproximam-se do inédito e do novo, enquanto o último aproxima-se dos gêneros já existentes.

Ainda analisando as pesquisas realizadas por Costa (2012), Araújo e Leffa (2016) apresentam mais dois fenômenos correntes na reelaboração de gênero inovadora: a migração e a intervenção. Desses fenômenos surge a reelaboração inovadora interna, referente à atualização do gênero dentro da rede social, e a reelaboração inovadora externa, pela qual o gênero é reelaborado mediante a mescla com outro gênero. Esses fenômenos são decorrentes da construção e propagação de postagens em redes sociais, considerando que o indivíduo dispõe de certa liberdade para compartilhar e reelaborar gêneros nesse ambiente, conforme colocado pelo autor:

O protagonismo dos usuários da rede emerge como elemento fundamental em sua dinâmica de funcionamento, mobilizando estratégias textuais e atualizando práticas linguísticas no interior desse ambiente em função de seus objetivos. (ARAÚJO E LEFFA, 2016, p. 57)

Dessa forma, a interação do sujeito com a mídia social, as possibilidades de comunicação disponíveis neste ambiente, assim como os mais variados recursos de comunicação – imagens, vídeos, *emoticons*, etc. – propiciam a facilidade de reelaborar gêneros discursivos em ambiente virtual.

Mediante esse percurso traçado por Araújo e Leffa (2016), houve a esquematização do processo de reelaboração, de forma que, tanto a proposição de Zavan quanto a de Costa atuam como uma categoria única. Por meio dessa fusão, algumas categorias de análise desta

pesquisa são construídas, o que é demonstrado com o enquadramento do *corpus* a essas categorias e às teorias da enunciação no último capítulo.

Entretanto, antes do aprofundamento no *corpus* de pesquisa, vale discorrer um pouco sobre as construções de sentido na mídia, considerando ser este um dos objetivos principais de nossa investigação.

### 3.3 A CONSTRUÇÃO DO ACONTECIMENTO NA MÍDIA

Não há como negar que a mídia ocupa lugar de construtora da realidade na sociedade por meio da linguagem. Dessa forma, torna-se possível analisar os diferentes efeitos de sentido que o discurso sobre o negro pode provocar a partir de acontecimentos discursivos midiáticos, tendo por pressuposto o pensamento de Gregolin *et al*:

Podemos iniciar a exploração de tantas e tão complexas questões pela constatação de que a mídia produz sentido por meio de um insistente retorno de figuras, sínteses-narrativas, de representações, que constituem o imaginário social. Fazendo circular essas figuras, ela constrói uma “história do presente”, simulando acontecimentos em curso que vêm eivados de signos do passado. **Se analisarmos o funcionamento do discurso da mídia poderemos entrever esses movimentos de resgate da memória e de estabelecimento do imaginário de uma identidade social.** (GREGOLIN *et al*, 2003, p. 96, nossos grifos)

Portanto, por meio da articulação de sentidos, a mídia constrói uma história do presente em constante diálogo com signos do passado, traçando representações sociais. Corroborando com esse pensamento, Charaudeau (2006) assevera que toda informação é pura enunciação, ela constrói saber; nesse sentido, é possível afirmar que muito da história e da imagem do negro é construído e reconstruído, diariamente, pelos discursos midiáticos e efeitos de sentido provocados em quem transmite a informação e naquele que a recebe. O autor ainda afirma que:

Não há captura da realidade empírica que não passe por um ponto de vista particular, o qual constrói um objeto particular que é dado como um fragmento do real. Sempre que tentamos dar conta da realidade empírica, estamos às voltas com um real construído, e não com a própria realidade. (CHARAUDEAU, 2006, p. 131)

As mídias possuem o que Charaudeau (2006) chama de “mecânica de construção de sentido”, ou seja, os sentidos são construídos a partir de dois processos, denominados pelo autor de processo de transformação e processo de transação. No primeiro processo, verifica-se o poder das mídias em significar o mundo, mas também em transformar significados. Como

explanado por Charaudeau (2006), as mídias nomeiam e qualificam os seres do mundo, assim demonstra importante papel no processo de construção discursiva em relação ao negro.

Esclarece Charaudeau (2006) que, no segundo processo, há a intenção de se dar um significado à informação e isso acontece no processo de transmissão da informação ao outro, o mundo comentado entra em um processo de interpretação pelo outro. É por meio dessa troca que se constitui a realidade do mundo. Portanto, uma representação ou significação do mundo não depende apenas do sujeito informador, mas também do receptor da mensagem que, de acordo com suas normas sociais e ideológicas, constrói a significação. Nessa direção, Gregolin afirma que:

As mídias desempenham papel de *mediação* entre seus leitores e a realidade. O que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor construir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta [...]. (GREGOLIN, 2003, p. 96)

Para a autora, a mídia tem um papel social de construtora da realidade por meio de imagens simbólicas, as quais permitem que os indivíduos se reconheçam na relação com o outro. Nessa perspectiva, interessa-nos analisar os processos de interação que partem desse campo discursivo, considerando os avanços e a modernização nas maneiras de se comunicar e interagir com a informação.

Mediante o exposto, e ao lançar-se o olhar sobre as vozes sociais que tratam dos negros, assim como para os diferentes sentidos provocados por esses discursos, entende-se que a maioria das mídias aparecem como influenciadoras de comportamentos e da construção do imaginário social, com base na ideia de que:

É preciso admitir que somos sujeitos apenas na medida em que enunciar consiste não só em representar e comunicar, mas, antes de tudo, em identificar-se e em declinar o outro como sendo um si no movimento real-imaginário de todas as relações discursivas possíveis. É sempre um sujeito que enuncia, desde que enunciar signifique efetivamente, no princípio e no fim, dizer quem somos. (LARA *et al.*, 2016, p.79)

Insta reiterar a relevância do estudo proposto neste capítulo para estimular a reflexão sobre as inúmeras possibilidades de construção de sentidos propiciadas pelas mídias e pelos novos meios e mecanismos de circulação do discurso no ambiente digital, também sobre a maneira como esses sentidos influenciam o indivíduo enquanto sujeito, reestruturando um novo imaginário social, no qual aqueles que antes eram passivos na situação comunicacional se tornam agentes participantes e construtores de novas imagens e representações sobre o negro, haja vista a *interação* mais intensa do sujeito receptor com a informação.

Dessa forma, seguimos apresentando um pouco mais sobre o ciberespaço e as mídias sociais, enfocando a rede social *Facebook*, nosso ambiente de pesquisa, com o intuito de demonstrar como o discurso circula nesse espaço.

### 3.4 MÍDIAS E REDES SOCIAIS: A COMUNIDADE EM REDE

Para conceituar e apresentar o ambiente de análise desta pesquisa, optou-se por diferenciar previamente, a rede social *Facebook* de seu suporte, ou seja, as mídias sociais, pois sempre existem questionamentos a respeito da maneira de se nomear o *Facebook*; afinal, é uma mídia social ou uma rede social? Também se optou por apresentar uma reflexão sobre as mídias e redes sociais na internet.

As mídias sociais, de acordo com Telles (2010), são um conjunto de sites na internet que possuem o objetivo de produzir conteúdo de forma colaborativa e possibilitar a interação social, assim como o compartilhamento de informações em diferentes formatos. Dentre esses *sites*, encontramos a rede social *Facebook*, entre outros que proporcionam interação social entre seus usuários, com objetivos comerciais, interpessoais, profissionais entre outros.

Portanto, trataremos as mídias sociais como ambiente no qual as redes sociais são dispostas, entendendo que, conforme proposto por Araújo e Leffa (2016, p. 65) “a interação humana se complexificou com as tecnologias digitais, culminando na criação de comunidades virtuais, construídas exclusivamente pela linguagem”. Dessa forma, com os efeitos da globalização e do digital, as mídias sociais funcionam como um novo ambiente para as redes sociais, que não são exclusivas a esse ambiente, haja vista que: “A ideia de rede social começou a ser usada há cerca de um século para designar um conjunto complexo de relações entre membros de um sistema social a diferentes dimensões.” (TELLES, 2010, p. 7).

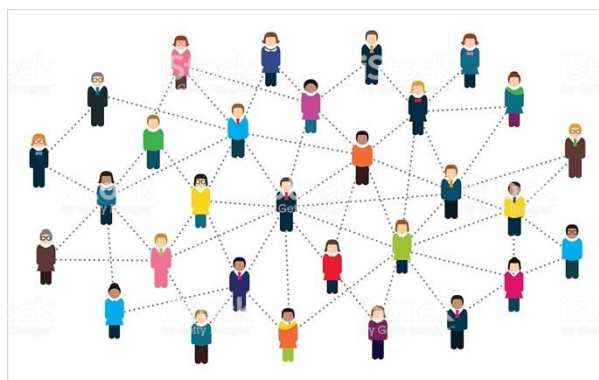
Assim, as redes sociais não se limitam ao ambiente digital, mas estão presentes nas relações humanas e na maneira como os atores sociais formam alianças entre si, constituindo verdadeiras comunidades, as quais precisam adaptar-se às mudanças sociais para sobreviverem. Dessa forma, a mídia social tornou a rede social pública, configurando um verdadeiro observatório do funcionamento das relações humanas e do modo como se instituem por meio da linguagem e mediadas pelo computador, haja vista que esse *médium* interfere diretamente nas relações sociais.

De acordo com Recuero (2010), uma das principais interferências proporcionadas pelo digital é a questão geográfica, pois os integrantes das comunidades virtuais interagem praticamente sem fronteiras, estabelecendo conexões mesmo que não dividam o mesmo

espaço físico. Desse modo, ocorre uma mudança no conceito de comunidades, que passam a ser vistas como redes de conexões. Assim, suas primeiras características – grupo com laços fortes, coeso e localizado geograficamente – são substituídas por grupos mais extensos, com laços menos fortes e sem uma única localização geográfica.

A autora também assevera que as redes sociais na internet possuem elementos característicos. O primeiro elemento são os atores sociais, que representam os nós ou nodos, ou seja, os indivíduos que estão envolvidos na rede, conforme imagem a seguir:

Figura 1 - Agentes e conexões nas redes sociais



Fonte: <https://www.istockphoto.com/br>

Esclarece Recuero (2010) que, na realidade, o que existem são representações desses autores, devido ao distanciamento dos envolvidos na interação social. Dessa forma, mediante o perfil do autor na rede, acontece uma construção identitária no ciberespaço, que o faz ser representado por ferramentas como um *twit*, um perfil no *Facebook*, um *weblog* entre outras.

Outro elemento das redes sociais apresentado pela autora, que também pode ser observado na figura 4, são as conexões; as linhas que ligam os atores por meio das interações, ou seja, os laços sociais que, como na imagem, demonstram os rastros dos indivíduos nas redes sociais. Portanto, as conexões desdobram-se nos elementos interação, relação, laços e capital social.

De acordo com Recuero (2006), a interação é a matéria-prima das relações e dos laços sociais. Essa afirmação evoca a concepção bakhtiniana, conforme exposto no item 2.3 desta pesquisa, em particular a explicação de Fiorin (2010) quanto ao fato de que a singularidade de cada pessoa ocorre na interação viva de vozes sociais. Assim como proposto por Recuero (2010, p. 31), “a ação de um ator social depende daquilo que o outro está dizendo”. Ampliaremos essa discussão no tópico 2.6, em que trataremos sobre as instâncias de produção e recepção.

Dando continuidade, Recuero (2010) traz uma diferenciação sobre o processo de interação no ciberespaço. Primeiramente, a autora diz que os atores não se dão a conhecer de imediato, assim, a linguagem verbal possui um peso maior, uma vez que não é como no contato direto, em que os elementos não-verbais representam uma economia para a compreensão, a exemplo de expressões faciais. Além disso, a autora salienta que no ciberespaço há múltiplas ferramentas que suportam e possibilitam a interação, ainda que o usuário esteja desconectado, o que leva Recuero (2010) a distinguir o processo de interação síncrono e assíncrono no ciberespaço.

Para a autora, a interação síncrona acontece em tempo real, como em *chats e bate-papos*, em que a expectativa é de que a resposta seja imediata, enquanto na interação assíncrona a expectativa de resposta não é imediata, como é o caso do e-mail. Na rede social *Facebook*, a interação aproxima-se mais da interação assíncrona, pois, apesar de a resposta poder ocorrer de forma imediata, frequentemente, a interação em uma publicação continua a ocorrer mesmo quando seu autor está *off-line*, e este não posta uma publicação ou faz um comentário na expectativa de que a resposta seja imediata, a não ser quando se utiliza da ferramenta *Messenger* (bate-papo).

Ainda tratando a questão da interação, Recuero destaca que existem dois tipos de interação neste ambiente: interação mútua e interação reativa; segundo a autora, essas interações têm a ver com o tipo de relacionamento mantido no ciberespaço. Para explicar essa questão, Recuero (2013, p. 33, *apud*) recorre a Primo (2003), que explica que “a interação reativa é limitada para os autores envolvidos no processo”, ou seja, está relacionada a um vetor unidirecional em que, no ambiente virtual, o agente tem apenas a opção de escolher entre as opções que lhe são disponibilizadas, como clicar em um *link* para ser direcionado a alguma página, aceitar um pedido de amizade, demonstrando apenas uma reação às opções disponibilizadas pelo sistema.

A interação mútua, conforme explicado por Recuero (2013), é predominante no ambiente de redes sociais, em que as interações são sempre dialógicas. No *Facebook*, podemos observar essa questão por meio dos comentários em que os indivíduos interagem entre si, e essa interação pode provocar mudanças naquele ambiente, gerando outras publicações relacionadas, ou até mesmo a exclusão da postagem, dependendo da reação dos agentes.

Dessa forma, ainda segundo Recuero (2013), “o conjunto das interações sociais forma relações sociais”, isto é, as formas e padrões de interação fazem surgir relações sociais em

ambiente virtual. Entretanto, essas relações têm como diferença a questão de que barreiras como sexualidade, cor, limitações físicas, entre outras, são quebradas, uma vez que não envolve o eu-físico do autor, podendo, também, colocá-lo no anonimato. Este último aspecto contribui para inúmeros fatos relacionados a racismo e *bullying* na internet. Essas relações sociais no ambiente virtual formam os laços sociais que, de acordo com Recuero:

O laço é a efetiva conexão entre os atores que estão envolvidos nas interações. Ele é resultado, deste modo, da sedimentação das relações estabelecidas entre agentes. Laços são formas mais institucionalizadas de conexão entre atores, constituídos no tempo e através da interação social. (RECUERO, 2013, p. 38)

A autora enfatiza, então, que os laços sociais são relacionais, pois se formam por meio das relações sociais promovidas na interação social. Nessa perspectiva, a autora divide os laços sociais em associativos e dialógicos. Os associativos estão ligados à interação reativa, em que a troca é mais relacionada a opções que o indivíduo realiza no sistema, já os dialógicos estão relacionados à interação mútua e à troca realizada entre os participantes de uma rede, como ao conversarem por meio de comentários e ao exporem opiniões a partir de publicações que respondem a outras postagens.

Esses laços podem ser fracos ou fortes. Quanto maior a intimidade, durabilidade, intencionalidade e a questão emocional, mais fortes serão os laços, ao passo que, quanto mais esparsas e menor a intimidade, mais fracos serão os laços. Nas redes sociais, os laços fracos são estruturantes, conforme coloca Recuero (2013), e por meio deles podem surgir laços mais fortes. A autora ainda afirma que os laços associativos tendem a ser mais fracos, enquanto os relacionais são mais fortes, em virtude da maior troca e envolvimento entre os pares.

Por fim, Recuero (2013, p. 45) apresenta-nos o *capital social*. Segundo ela, “trata-se de um valor constituído a partir das interações entre os atores sociais”. A autora traz reflexões de Putnam (2000), que relaciona o capital social às redes sociais e normas de reciprocidade e confiança que delas emergem. Segundo Recuero:

Para Putnam, o conceito de capital social é intimamente associado à ideia de virtude cívica, de moralidade e de seu fortalecimento através das relações recíprocas. Essa ideia engloba dois aspectos essenciais para a construção do valor social: o individual e o coletivo. (RECUERO, 2013, p. 45)

Destarte, essa visão relaciona o capital social a valores sociais e à obrigação moral dos participantes da rede; fator gerador da confiança que se desdobra na cooperação entre os participantes da rede. As ideias de Putnam, conforme Recuero (2013, p. 45), englobam



aspectos individuais, relacionados ao interesse do indivíduo em participar de certas redes em benefício próprio; e coletivos, pois o capital social individual reflete-se no aspecto coletivo.

Corroborando com essa questão, Recuero (2013, p. 47) apresenta as ideias de Bourdieu, com um conceito mais relacionado à questão de classes sociais, pois, segundo a autora, na concepção do sociólogo francês (BOURDIEU, 1983), o capital social tem seu recurso ligado a questões de pertencimento, conhecimento e reconhecimento mútuo dos integrantes de um grupo, sendo que esses aspectos geram um capital simbólico, “capaz de legitimar a posse de cada tipo de capital como um recurso”. Portanto, é essencial para o interesse individual.

Em uma outra linha, que difere consideravelmente dos autores citados, Recuero (2013) cita Coleman (1988), que considera que o capital social está nas relações, e não nos sujeitos. Sobre as concepções desse autor, Recuero explica que:

[...] o capital social poderia ser transformado em outras formas de capital e, assim, objetivar-se. Como exemplos de formas de capital social para Coleman, estão as organizações, que permitem aos indivíduos atingirem seus objetivos; a força dos laços social, que permite que transações aconteçam com confiança, etc. Este capital proporciona confiança na ação social por parte de grupos e indivíduos. (RECUERO, 2013, p. 48)

Dessa forma, o capital social está embutido nas relações em ambiente digital; são recursos de um determinado grupo, como os integrantes da página *Quebrando o Tabu (QT)*, que podem ser usufruídos por todos os membros, gerando confiança aos seus integrantes. Para Recuero (2013, p. 50-51), partindo das concepções de Bertoni e Bravo (2011), nas redes sociais o capital social é heterogêneo e pode ser dividido em algumas categorias: a) relacional: compreende a soma das relações, laços e trocas que conectam os indivíduos; b) normativo: normas de comportamento e valores de um determinado grupo; c) cognitivo: a soma do conhecimento e das informações colocadas em comum no grupo; d) confiança no ambiente social: a confiança no comportamento de indivíduos em um determinado ambiente; e) institucional: institucionais formais e informais, que se constituem na estruturação geral dos grupos, onde é possível conhecer as “regras” da interação, e onde o nível de cooperação e coordenação é bastante alto.

Portanto, o capital social é o conteúdo apresentado nas redes sociais, ou seja, o conteúdo das conexões dos atores. Assevera Recuero (2013) que o capital social é formador de padrões nas redes sociais, isto é, constrói um mecanismo simbólico por meio do qual os

indivíduos podem sentir-se pertencentes ou não àquele grupo, assim como perceber se o grupo instituído naquela rede social lhe passa confiança ou não.

Dessa forma, os agrupamentos de indivíduos no ambiente digital constituem verdadeiras comunidades mediadas pelo computador, as quais são instaladas em redes sociais como o *Facebook*, que será apresentado no próximo tópico.

### 3.5 A REDE SOCIAL *FACEBOOK*

Figura 2 - Página inicial do *Facebook*



Fonte: <https://www.facebook.com/>

O *Facebook* é uma rede social criada em 2004, por quatro alunos da Universidade de Harvard (EUA): Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Chris Hughes e Eduardo Saverin, este último brasileiro. De acordo com *Facebook* (2019), a citada rede social, em dezembro 2018, tinha uma média diária de 1,52 bilhões de pessoas ativas e 2,3 bilhões de pessoas ativas mensalmente. No Brasil, a média diária de pessoas ativas nessa mesma época era de 93 milhões de usuários, enquanto a média mensal era de 130 milhões de pessoas.

Entretanto, Mark Zuckerberg, em um primeiro momento, não criou essa rede social com os mesmos objetivos atuais, ou talvez, não foi capaz de prever que sua criação teria proporções tão grandes, capaz de atingir inúmeros pontos do mundo, e ser acessada por bilhões de pessoas. Zuckerberg e seus colegas, primeiramente, colocaram *online* o *website* Facemash, em 2003, desenvolvido para ser acessado pelos estudantes de Harvard. O objetivo desse *website* era eleger a pessoa mais atraente, mediante duas fotos publicadas no site. O Conselho de Administração de Harvard desativou o Facemash, alegando que seus criadores violavam as regras de segurança de informática.

Passado algum tempo, Mark Zuckerberg desenvolveu, a partir do projeto do Facemash, um *website* que consistia na divulgação de 500 imagens da época renascentista, em

que era disponibilizado um espaço para que os alunos da disciplina de História da Arte pudessem interagir e comentar. Segundo Moreira e Correia (2014), em menos de duas horas todas as imagens estavam cheias de comentários.

A partir dessas experiências, em 2004, Zuckerberg começa a desenvolver o *The Facebook*. De acordo com Moreira e Correia (2014), em artigo publicado no jornal diário de Harvard, Zuckerberg afirmou que o incidente do Facemash serviu como inspiração para criar outro *website*, de forma a cumprir as normas de segurança de Harvard.

Ainda segundo esses autores, algo impulsionou ainda mais a criação do *The Facebook*: Zuckerberg foi acusado de utilizar a ideia de criar o *website* HarvardConnection.com, desenvolvida por um grupo de colegas para dar vida ao *The Facebook*. Essa situação tomou proporções midiáticas, alavancando o crescimento do *website* que, um mês, já tinha metade dos acadêmicos da universidade inscritos em sua plataforma. Todo esse sucesso fez com que, em pouco tempo, o *The Facebook* fosse expandido para outras universidades.

A expansão do *website* que, em 2004, passou a ser denominado apenas *Facebook*, não parou de avançar entre as universidades e algumas contas comerciais, sendo que, em 2006, frente a tamanho sucesso, ocorreu a expansão que permitiu o acesso de qualquer usuário com idade superior a 13 anos. Desde então, o *website* registra grandes avanços e comprova sua popularidade ano a ano, conforme destacam Moreira e Correia (2014).

Atualmente, o *Facebook* se apresenta como uma empresa com mais de 35 mil funcionários, que trabalham para conectar bilhões de pessoas com o mundo, com a missão de “dar às pessoas o poder de construir comunidades e aproximar indivíduos do mundo inteiro”.

É certo que a missão dessa rede social tem sido integralmente cumprida, haja vista que hoje integra em um mesmo espaço pessoas de diversos lugares do mundo e possui verdadeiras comunidades que coadunam usuários com objetivos semelhantes, como a página *Quebrando o Tabu*, da qual extraímos o *corpus* desta pesquisa. Dessa forma, o sucesso do *Facebook* pode ser relacionado ao fato de proporcionar interação e reunir as pessoas, mesmo que, em algumas situações, as reúna em divergência de ideias.

Além disso, engloba diversos suportes de linguagem, incluindo imagens, textos, vídeos, entre outros, proporcionando aos usuários diversas funcionalidades: emoticons, opções “compartilhar”, “comentar” e “curtir”, que abre as possibilidades de expressar emoções como “gostar”, “não gostar”, “amar”, demonstrar-se assustado com algum conteúdo,

entre outras inúmeras funcionalidades que enriquecem a linguagem nesse ambiente heterogêneo.

De acordo com Araújo e Leffa (2016), essa rede social é uma amostra virtual do mundo real. Esses autores ainda frisam algo substancial para o que é defendido nesta pesquisa, ao afirmarem:

O FB superou sua missão e tornou-se também um ambiente para exibicionismo e bullying. Além disso, as notícias que pautam a imprensa pautam também os comentários do FB. O sistema está longe do equilíbrio, pois novos conteúdos são postados, comentados, excluídos e compartilhados a cada segundo. (ARAÚJO E LEFFA, 2016, p. 68)

No primeiro aspecto colocado pelos autores, são nítidos os ataques de bullying gerados nessa rede social. Talvez o fato de estar atrás de um computador, com a possibilidade de criar uma imagem de si, acaba por camuflar os autores de inúmeros crimes na *internet*, tornando cada vez mais frequente a prática do bullying, especialmente direcionado ao negro, como será demonstrado nas análises do capítulo 3, em que esses ataques geram inúmeros efeitos de sentido que afetam a imagem e representação desse grupo social.

Em referência ao segundo aspecto, as notícias são cada vez mais comentadas e dialogadas nessa rede social, em que a resposta do usuário acontece em tempo quase real, direcionando os rumos do que é noticiado e impulsionando a disseminação da publicação, que em segundos atinge um grande público.

Ante esses dois aspectos, compartilhamos do pensamento dos autores, segundo o qual esse sistema está longe do equilíbrio. Com tantos usuários, participantes de diferentes culturas e com diversos pontos de vista, a informação circula e se remodela a cada instante, produzindo diversos sentidos. Essa situação é exemplificada por meio de uma publicação postada por Mônica Veado, em 14 de maio de 2014, na referida rede social, a qual transcrevemos a seguir:

Às vezes é engraçado, às vezes dá até bambeza nas pernas. A gente posta uma besteirinha à toa, sei lá, ‘Alguém quer café?, um entra na brincadeira: Com leite?. De repente alguém fala do leite contaminado, alguém reclama dos grandes produtores rurais, outro emenda com reforma agrária e MST, daí pra política do PT, Marco Feliciano, STF e AL Qaeda vai um pulinho só. Nem deu tempo de perguntar se o café era com açúcar ou adoçante, a única coisa que vem à cabeça é ‘de onde surgiu esse monstro que está praticamente causando a terceira guerra mundial na minha página? Daí a gente corre e apaga tudo – post, curtidas e comentários. Vejo isso o tempo todo. Galera tá precisando de mais chazinho de camomila... :P (ARAÚJO E LEFFA, 2016, p. 69)

Esse relato demonstra como facilmente os sentidos da publicação fogem ao controle com a rápida circulação e a diversidade de usuários que interagem com uma informação que, ao final, já não é mais a mesma. Por meio dessas constatações, identificamos duas instâncias discursivas nessa rede social: de produção e a de recepção, as quais serão objeto de estudo no próximo subitem.

### 3.5.1 Quebrando o Tabu (QT)

A página *Quebrando o Tabu* foi criada em 2011 no *Facebook*, para divulgação do documentário de mesmo nome, produzido por Fernando Grostein Andrade, com temática sobre a legalização da maconha. Nessa época, com aproximadamente 10 mil curtidas.

No *Facebook*, não há muitas informações sobre a página, quanto à missão ou visão do grupo, o que é inferido a partir da análise do conteúdo postado; tampouco se encontram informações precisas sobre os criadores da página.

De acordo com reportagem de Sayuri (2016), publicada no *site* da revista Trip<sup>13</sup>, segundo Fernando Grostein, a página pertence a Spray Filmes e Guilherme Melles, que também é o diretor-geral responsável pela página no *Facebook*, coordenando uma equipe multidisciplinar para tratar dos mais variados temas.

Conforme essa reportagem, em 2013, a página que estava engavetada após o lançamento do documentário foi reativada, promovendo discussões sobre direitos humanos – homofobia, minorias, feminismo, violência e o racismo –, este último de interesse desta pesquisa. Em maio de 2015, a página já possuía 1 milhão de seguidores, passando para 4 milhões apenas um ano depois. Atualmente, o número de curtidas passa de 10 milhões; tamanho sucesso garantiu a *Quebrando o Tabu* o selo de autenticidade do *Facebook*, além de um espaço na TV, no canal GNT, com uma série de mesmo nome.

Em entrevista ao canal Spotniks no Youtube, Guilherme Meles afirmou que a intenção da página é atingir o máximo de pessoas diferentes possível, sem se direcionar apenas a um lado, como na questão ideológica esquerda e direita. O criador da página ainda destacou que enxerga a radicalização de discursos como um dos maiores tabus da atualidade, motivo pelo qual procura promover a discussão e reflexão ao criar a página.

---

13<https://revistatrip.uol.com.br/trip/entrevista-com-guilherme-m-criador-da--quebrando-tabu>.

Diante dessas informações sobre a página, justificamos a escolha desse ambiente para recorte do *corpus*, uma vez que é uma das páginas do *Facebook* que mais explicitamente aborda a questão de direitos humanos, relacionadas à discriminação racial, também pelo posicionamento de seu criador em tentar atingir um público heterogêneo, sem assumir um posicionamento condicionado. No decorrer desta pesquisa, verificamos se o discurso da página não acaba promovendo um direcionamento discursivo e de sentidos.

Ademais, seguimos apresentando como o discurso se organiza nesse ambiente, por meio das instâncias de produção e recepção do discurso.

### 3.6 AS INSTÂNCIAS DE PRODUÇÃO E RECEPÇÃO NO *FACEBOOK*

De acordo com Charaudeau (2006), as mídias se estruturam mediante duas instâncias: de produção e de recepção; a primeira está relacionada ao fornecimento de informações, ou seja, nessa instância acontece a construção do acontecimento, enquanto a segunda é a instância para a qual o acontecimento é dirigido.

Observando de maneira superficial a relação entre essas duas instâncias, tem-se a impressão de um processo simples, entretanto, Charaudeau (2006) assevera que se trata de algo complexo, considerando que produzir acontecimento implica, relacionando acontecimentos dispostos no mundo, construir saber de maneira que seja possível instigar a instância de recepção a consumir o que se produz. Para atingir esse objetivo, é necessário ter conhecimento a respeito do público a quem se destina a informação, na medida em que, como explica Bakhtin:

O ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc. (...) toda compreensão é prenhe de resposta, e, nessa ou naquela forma, a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. (BAKHTIN, 2003, p. 271)

Ante o exposto, evidencia-se que toda produção discursiva é passível de resposta pela instância de recepção. Aproximando essa abordagem do objeto desta pesquisa, o que é postado nas redes sociais entra em diálogo com as informações dispostas nessa rede, assim como com os usuários que podem concordar, discordar, completar ou compartilhar esse discurso. Ainda de acordo com Bakhtin (2006, p. 135), é possível afirmar que “compreender é opor a palavra do locutor a uma contrapalavra”, ou seja, toda compreensão de um acontecimento acontece mediante uma atitude responsiva do interlocutor. Bakhtin ainda assevera que:

A significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro. É como uma faísca elétrica que só se produz quando há contato dos dois polos opostos. (BAKHTIN, 2006, p. 135)

Dessa forma, o sentido é construído na interação entre a instância de produção e a instância de recepção, pois só se concretiza depois da compreensão ativa e responsiva. Pode-se afirmar, ainda, que nem a primeira nem a segunda instância controlam o sentido individualmente, visto que este se constitui apenas no contato estabelecido entre ambas. É importante salientar que o acontecimento publicado nas redes sociais ultrapassa os limites de recepção pensados pelo seu produtor, devido a sua rápida circulação em páginas que veiculam diferentes posicionamentos ideológicos e formações discursivas.

Nessa perspectiva, a instabilidade das instâncias de recepção nas redes sociais é cada vez maior, o que possibilita desestabilizar discursos homogêneos por meio da tensão gerada entre o embate ocorrido nessas duas instâncias. Tal tensão é caracterizada por aquilo que Bakhtin (2010) denomina de forças centrípetas e centrífugas. A primeira diz respeito a uma linguagem única, ou seja, um discurso que demonstra certa autoridade e estabelece-se como uma verdade sólida; por outra via, esse discurso é colocado em meio a um emaranhado de vozes e avaliado, uma vez que, mediante uma avaliação negativa, é possível perceber uma luta no sentido de desestabilizar o discurso oficial.

Ademais, a rápida circulação do acontecimento na rede social promove o deslocamento para espaços que não foram previstos pela instância de produção, concorrendo para que ocorra ainda mais tensão na recepção do discurso oficial. Sobre essa questão, Dias explica:

[...] tomando os discursos em geral, a afirmação de que o que sustenta a formulação dos dizeres no digital é a sua própria circulação se refere a esse aqui e agora da própria circulação que, no digital, não se separa da circunstância da enunciação. [...] hoje, as formas de circulação e replicação no meio digital são o próprio aqui e agora, singulares em sua aparição. (DIAS, 2018, p. 34)

Ante o exposto, a circulação do discurso nas mídias sociais provoca formulações e efeitos de sentidos únicos a cada aparição, considerando que o aqui e agora da enunciação difere a cada vez que esses enunciados são publicados ou compartilhados. De um ponto de vista enunciativo, como explica Benveniste (1976, p. 277), o *aqui* e *agora* são "instâncias do discurso, isto é, os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavra por um locutor".

Em referência a esse *aqui e agora*, é relevante trazer as reflexões de alguns autores, a fim de ampliar o conhecimento sobre a enunciação, considerando que, a partir dessa teoria, também se torna possível entender o comportamento do discurso em ambiente digital e caracterizar as instâncias de produção e recepção.

Para Benveniste (1976, p.82), “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”, isto é, a cada vez que o sujeito falante se utiliza da língua, ele está produzindo discurso e esse discurso é único e irrepitível a cada enunciação, pois está vinculado a um tempo, espaço e pessoa específicos, que aparecem como centro de referência do enunciado. Ampliando esse conceito, Benveniste ainda assevera que, ao se apropriar do aparelho formal da enunciação, o locutor:

[...] imediatamente, desde que ele se declara locutor e assume a língua ele implanta o outro diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro. Toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocução, ela postula um alocutário. (BENVENISTE, 1976, p. 84)

Corroborando com Benveniste, cabe trazer a afirmação de Bakhtin (2006, p. 114) de que “a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio da sociedade [...]”, portanto, para esse autor, a palavra sempre se dirige a um interlocutor.

Na perspectiva desta pesquisa, ao reproduzir um acontecimento, a instância de produção, automaticamente, estabelece um alocutário, isto é, uma instância de recepção. Benveniste também esclarece que a relação entre essas duas instâncias nem sempre é previsível, pois:

Aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento. Aquele que ouve apreende primeiro o discurso e através desse discurso o acontecimento reproduzido. Assim, a situação inerente ao exercício da linguagem, que é da troca e do diálogo, confere ao ato do discurso dupla função: para o locutor representa a realidade, para o ouvinte, recria a realidade. Isso faz da linguagem o próprio instrumento da comunicação intersubjetiva. (BENVENISTE, 1976, p. 26)

Dessa forma, é praticamente impossível que o locutor consiga prever qual efeito de sentido o acontecimento produzido provocará na instância de recepção. Além disso, o acontecimento nunca será reproduzido em sua integridade, pois, como afirma Charaudeau (2006), todo acontecimento é construído tanto pela instância de produção, quanto em seu ato de recepção.



Destacamos que as instâncias institucionais são denominadas instância de produção e os destinatários do discurso emanado são denominados instância de recepção. Já os discursos emanados dessas instâncias são denominados discurso oficial e ordinário, respectivamente, considerando a proposta de Silveira (2015) que começa a pensar a questão do discurso ordinário por meio da obra *A invenção do cotidiano*, de Michel de Certeau, haja vista a relação que o autor estabelece entre as práticas de produção dos consumidores e os objetos culturais. Segundo Silveira (2015), Certeau assevera sobre a necessidade de estudar o uso que os consumidores fazem do que lhes é dado a consumir.

Nessa perspectiva, a autora supracitada ressalta que, para tornar possível a proposição de Certeau, é necessário voltar o olhar para as práticas cotidianas do sujeito ordinário, as quais podem ser observadas em ambiente digital:

Busco compreender o discurso dos sujeitos ordinários, tendo em vista a necessidade de uma escuta e observação do que esses sujeitos constroem no processo de utilização das *hashtags* e a partir dos discursos político-midiáticos tradicionais. (SILVEIRA, 2015, p. 103)

Ancorando-se nessas proposições, interessa a esta pesquisa tanto o discurso ordinário da instância de recepção, ou seja, do sujeito do cotidiano, quanto os discursos oficiais, pois, conforme defendido por Bakhtin (2003, p. 261): “[...] sempre existem enunciados investidos de autoridade que dão o tom, como as obras de arte, ciências, jornalismo político, nas quais as pessoas se baseiam, as quais elas citam, imitam, seguem [...]”.

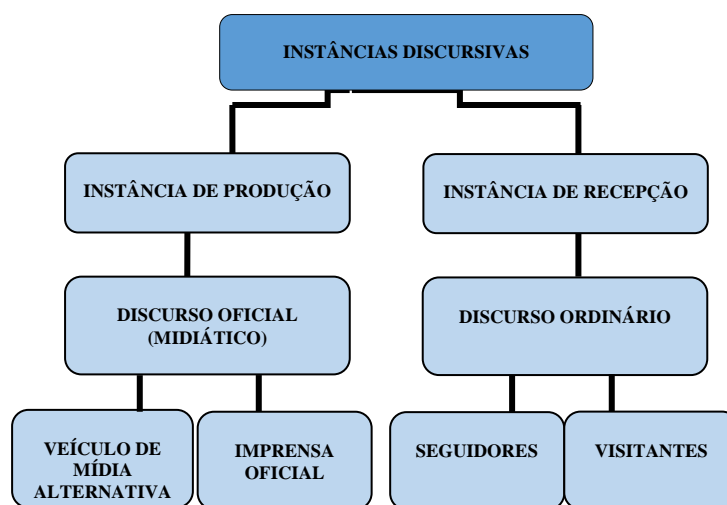
Com base nessa definição, é possível estabelecer uma relação com o pensamento de Certeau e Silveira (2015), exposto mais acima, considerando que a matéria jornalística é um discurso construído para ser “consumido” por um público específico. Também encontramos relação entre Silveira (2015) e Bakhtin (2006), quando este último afirma que:

A palavra é o signo ideológico por excelência; ela registra as menores variações das relações sociais, mas isso não vale somente para os sistemas ideológicos constituídos, já que a “ideologia do cotidiano”, que se exprime na vida corrente, é o cadinho onde se formam e se renovam as ideologias constituídas. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 17)

Pensando na relação entre aquele que constrói o acontecimento nas mídias, instância de produção, e aquele que o interpreta, instância de recepção, percebe-se que, com o advento da tecnologia digital, o discurso midiático atinge um vasto público e atravessa diferentes formações discursivas, acarretando inúmeros efeitos de sentido para um mesmo acontecimento.

Nessa concepção, é possível encontrar apoio também em Charaudeau (2006, p. 96), quando este pesquisador afirma que existem dois posicionamentos, quais sejam “o olhar do sujeito ao produzir o ato de linguagem que transforma o acontecimento bruto em acontecimento significativo, e o olhar do sujeito interpretante que reestrutura o acontecimento previamente”. Mediante essas concepções, elaboramos o esquema a seguir, visando a uma melhor compreensão sobre essas duas instâncias no *Facebook*:

Figura 3 - Dispositivo comunicacional na rede social *Facebook*



Fonte: Elaboração da autora

O esquema apresentado subdivide-se em instância de produção e instância de recepção. Na instância de produção, tem-se o discurso midiático, responsável por fazer circular informações. No dispositivo comunicacional que é objeto de nossas análises, a página *Quebrando o Tabu* corresponde ao veículo de mídia alternativa, responsável por retransmitir informações do discurso da imprensa oficial, em geral temas da atualidade que geram repercussão, em consonância com as pautas progressistas tratadas por essa *fanpage*. Na instância de recepção, situam-se os leitores da página, divididos em seguidores e visitantes. Os seguidores são usuários que aderem à página, por meio da opção “Curtir”, o que assinala, em princípio, a concordância com as pautas abordadas, mas qualquer visitante pode acessar os conteúdos da *fanpage*. Nesse dispositivo comunicacional, os leitores são sujeitos do cotidiano, que podem interagir com os conteúdos postados, por meio de comentários à publicação e, ainda, com os outros leitores, no espaço dedicado aos comentários.

Com base em Bakhtin (2003), enxergamos nesse dispositivo um funcionamento similar ao dos discursos socialmente organizados, que produzem gêneros secundários; e dos

discursos da ideologia do cotidiano, que produzem gêneros primários. Assim, a instância midiática, que produz gêneros secundários, goza de uma estabilidade em vários níveis: temático, linguístico, composicional, por se tratar de discursos que possuem uma legitimidade autoral (na *fanpage* e no discurso da imprensa oficial), garantida pelo contexto enunciativo (publicação no *Facebook*, publicação no jornal) e pelo contexto sócio-histórico, na medida em que o discurso midiático é detentor de uma historicidade, com papéis e objetivos bem definidos.

A instância de recepção, por sua vez, não detém uma legitimidade *a priori*, pois são discursos não estabilizados, dos sujeitos do cotidiano. Isso explica o caráter primário do gênero discursivo “comentário”, que se assemelha a uma conversa informal, com turnos de fala não sistemáticos e pouco sujeitos a uma avaliação/sanção. Assim, a própria linguagem empregada nos comentários revela-se menos monitorada do que na instância de produção. Com efeito, os comentários frequentemente derivam para um discurso sem regras, com desvios da norma-padrão, emprego de vocabulário chulo, e, não raro, ofensas verbais.

Por meio do esquema apresentado, espera-se ser possível demonstrar os diversos efeitos de sentido provocados por acontecimentos que tratam sobre o negro, analisando tanto o discurso oficial, responsável pela construção de um imaginário social sobre esse grupo da sociedade, quanto o discurso do sujeito do cotidiano, em relação aos dizeres que lhes são disponibilizados.

Ressalta-se que a possibilidade de pesquisar sobre o olhar daquele que interpreta ou “consume” o acontecimento é algo propiciado pela tecnologia digital, a qual possibilitou evidenciar essa relação e deu voz aos “consumidores” do discurso que não aparecem apenas como sujeitos passivos, mas construtores de sentidos e participantes do discurso. Nesse sentido, é possível afirmar que a internet possibilita dar voz aos sujeitos do cotidiano, investindo-lhes de um relativo poder de fala, antes restrito aos discursos estabilizados.

Nessa perspectiva, ao analisar o discurso oficial, não são realizadas apenas suposições sobre os possíveis efeitos de sentido desses discursos no sujeito interpretante, mas esses efeitos poderão ser analisados e demonstrados nas publicações e comentários que constituem a rede social *Facebook*, analisando, também, quais discursos são formados por meio do discurso oficial.

Ademais, mediante a distinção entre as instâncias de produção e recepção, observa-se que existem atores da enunciação nessas instâncias que fazem emergir diferentes vozes sobre

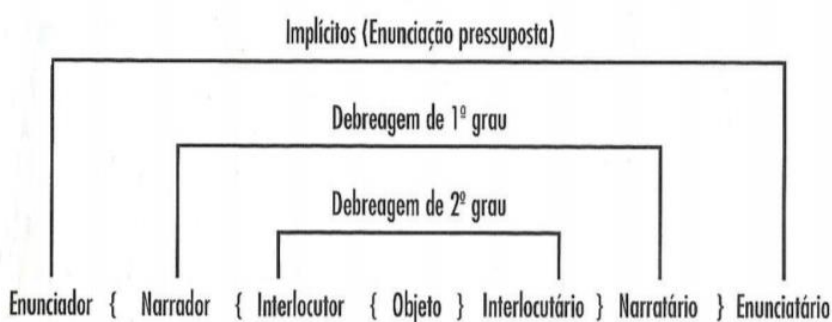
o negro no *Facebook*, o que nos leva a investigar como acontece a gestão das vozes nessa rede social, o que será demonstrado no próximo item.

### 3.7 A GESTÃO DAS VOZES NA REDE SOCIAL *FACEBOOK*

Dissertar sobre a gestão das vozes na rede social *Facebook* nos aproxima de conceitos como o dialogismo e a enunciação de Benveniste, este último um quadro pragmático da linguagem integrado à análise do discurso, sobretudo por autores como Maingueneau e Fiorin, na segunda geração da AD. Conforme destacado por Fiorin (2010, p. 62), foi Bakhtin quem tratou sobre o dialogismo pela primeira vez, ou seja, sobre o fato de que nas palavras de um locutor, ecoam as vozes de outrem. Sobre esse assunto, o leitor poderá inteirar-se no item 2.5 com mais detalhes.

Mediante essas concepções teóricas, é possível depreender as diferentes instâncias enunciativas instauradas nos textos, a partir da investigação proposta por Fiorin (2010) em seu livro *As astúcias da enunciação*, que tem como fundamento principal a teoria de Benveniste. Dessa forma, para alcançar o objetivo proposto neste item, tomamos como base o esquema de autoria de Diana Luz Pessoa de Barros, apresentado por José Luiz Fiorin (FIORIN, 2010, p. 69). Este esquema é reelaborado na sequência, conforme a proposição desta pesquisa:

Figura 4 - Esquema de Diana Luz Pessoa de Barros



Fonte: Fiorin, 2010, p. 69

Observamos, neste esquema, três instâncias de produção: a enunciação pressuposta, a debreagem<sup>14</sup> de 1º grau e a debreagem de 2º grau. A cada uma dessas instâncias, corresponde

<sup>14</sup> As debreagens, conforme FIORIN (2010), correspondem ao movimento de instalação de pessoa, espaço e tempo no enunciado.

uma instância respectiva de recepção. Classificamos, no primeiro nível, o enunciador como a instância produtora logicamente pressuposta pelo enunciado, a saber, a Página *Quebrando o Tabu*, uma *fanpage* que possui uma conta no *Facebook*, em que divulga conteúdos gerados na imprensa oficial, de modo a oferecer aos leitores uma interpretação dos fatos noticiados na imprensa e propiciar uma discussão a respeito. Desse modo, a Página apresenta um ponto de vista sobre acontecimentos noticiados pela mídia, tratando sobre o negro. De acordo com Fiorin (2010), trata-se do primeiro nível da enunciação, considerado implícito, ou seja, é uma instância pressuposta, como o autor de um livro, não se trata de uma pessoa de carne e osso, mas de um conjunto de suposições formadas a partir do conjunto da obra, que veicula posicionamentos sociais e históricos.

O enunciatário ou leitor também é uma imagem implícita. Assim como o enunciador, não se trata de uma pessoa encarnada, mas de uma instância logicamente pressuposta pela enunciação. Fiorin (2010) destaca que se trata de um filtro a quem o enunciado se destina, além de ser também produtor de discurso. Nessa perspectiva, a Página *Quebrando o Tabu* dispõe de um conjunto de ideologias e posicionamentos que orientam o discurso em direção a um público, que participa como filtro discursivo, ou seja, orientando e moldando as publicações do enunciador; portanto, não há como negar um direcionamento discursivo da página na busca de convencimento de sua instância de recepção sobre o que é publicado. Como dissemos, a página *Quebrando o Tabu* aborda pautas progressistas, como feminismo, racismo e violência, segundo o administrador da *fanpage*<sup>15</sup>.

Por meio de uma debreagem de primeiro grau, o enunciador instala no enunciado as categorias de pessoa, tempo e espaço. Surge, assim, a figura do narrador, correspondente à própria página *Quebrando o Tabu* (doravante, QT), que introduz o tema abordado pelo conteúdo compartilhado, em terceira pessoa, ou citando as falas do texto, no discurso direto ou indireto. Ao narrador corresponde a instância de recepção do narratário, representada pelos leitores (seguidores ou visitantes). Segundo Fiorin (2010, p. 65), “o segundo nível da hierarquia é o destinador e o destinatário instalados no enunciado”. Portanto, é possível observar o discurso emanado da Página ao delegar voz a um narrador que enuncia sobre acontecimentos envolvendo o negro, em diálogo com o narratário, ou seja, aqueles que

---

<sup>15</sup> Cf. reportagem publicada na revista *Trip*, disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/trip/entrevista-com-guilherme-m-criador-da-fanpage-quebrando-tabu>>.

seguem ou visitam a Página, interagindo com a publicação, o conteúdo postado ou com os próprios leitores, por meio de comentários.

Dando prosseguimento à gestão das vozes no dispositivo comunicacional da Página QT, por meio de uma debreagem de segundo grau, o narrador delega voz a um interlocutor, a instância institucional, que tratará do acontecimento envolvendo indivíduos negros, a partir de um terceiro nível enunciativo, conforme Fiorin esclarece: “O narrador dá a palavra a personagens, que falam em discurso direto e, portanto, constituem-se como “eu”. Esse “eu” não é o narrador, esse “eu” é a personagem que fala; recebe o nome de interlocutor.” (FIORIN, 2017, p. 978)

Trataremos a instância institucional como uma dessas personagens a quem o narrador dá voz. Segundo Fiorin, é um outro “eu” dentro do texto, que difere da voz do narrador. Essa classificação se dá pela dinâmica ocorrida na página, justamente pela delegação de voz efetuada pelo narrador, que não só constrói uma enunciação (publicação) sobre um fato narrado pelo interlocutor, mas demonstra esse fato dando voz à instância institucional, ou seja, expondo o acontecimento tal qual foi construído pelo veículo de imprensa oficial.

No dispositivo comunicacional da Página QT, o interlocutor corresponde ao veículo de imprensa oficial (doravante, IO). A essa instância de produção, corresponde à instância de recepção chamada interlocutário, ou seja, o ouvinte do interlocutor. No texto da publicação da imprensa oficial, consideramos que o interlocutário é representado pelas vozes citadas no texto.

É importante frisar que o esquema proposto por Fiorin, a partir de Barros (1988 apud FIORIN, 2010), é pensado no contexto da semiótica narrativa. Assim, nas páginas de um romance, o interlocutário é o destinatário direto da personagem instaurada pelo narrador. Em nosso caso, adaptamos a proposta de Fiorin (2010) para dar conta de descrever o dispositivo comunicacional característico da *fanpage* QT. Para tanto, valemo-nos da explicação de Fiorin a respeito do terceiro nível enunciativo:

O terceiro nível da hierarquia enunciativa instala-se, quando o narrador dá voz a um actante do enunciado, operando uma debreagem de segundo grau. Surgem actantes da enunciação instalados por uma debreagem interna, que instaura um diálogo. Como este é um simulacro da estrutura da comunicação criado no interior do discurso, pressupõe os dois actantes da comunicação, o destinador e o destinatário, que, nesse nível, são chamados de interlocutor e interlocutário. (FIORIN, 2010, p. 67)

Ressaltamos que, no ambiente digital, a dinâmica da enunciação acontece de maneira distinta de um romance. Pois, se por um lado, é possível perceber, no romance, que o narrador se dirige ao narratário, fazendo apreciações sobre o texto, por outro lado, não é possível ter acesso às reações desse narratário. No *Facebook*, ao contrário, essa interação é explícita, podendo ser observada no campo dos comentários.

Todos esses apontamentos sobre o dispositivo comunicacional da página QT dão conta da estrutura complexa e renovada de comunicação em meio digital, em particular pelo modo de leitura de hipertextos digitais, interligados por hiperlinks, como explica Koch:

O hipertexto constitui um suporte linguístico semiótico hoje intensamente utilizado para estabelecer interações virtuais desterritorializadas. [...] O hipertexto é também uma forma de estruturação textual que faz o leitor, simultaneamente, coautor do texto, oferecendo-lhe a possibilidade de opção entre caminhos diversificados, de modo a permitir diferentes níveis de desenvolvimento e aprofundamento de um tema. No hipertexto, contudo, tais possibilidades se abrem a partir de elementos específicos nele presentes, que se encontram interconectados, embora não necessariamente correlacionados – os *hiperlinks*. (KOCH, 2005, p. 63)

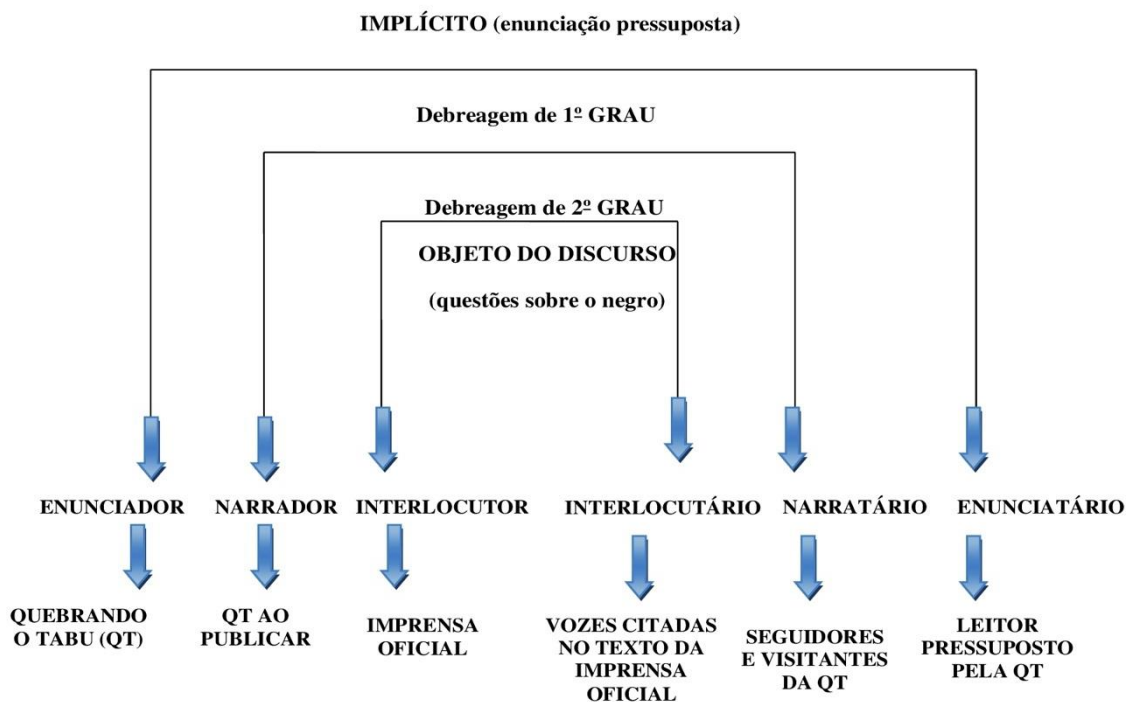
Dessa maneira, esse formato de texto permite à primeira instância a delegação de voz ao interlocutor (OI) e ao interlocutário, por meio dos *hiperlinks* constantes da página que dão acesso ao texto da imprensa oficial. Vê-se, nitidamente, que tratamos de uma estrutura mais ampla que o texto de um romance, contudo, decidimos enxergar essa estrutura como um todo, englobando as interações discursivas em um esquema contínuo, pois entendemos que cada uma dessas instâncias se interliga e contribui para a constituição dos sentidos na publicação. Corroborando com essa questão, cabe citar Coscarelli, que diz o seguinte sobre os textos em ambientes digitais:

Os textos são compartilhados simultaneamente e permitem a relação de participação do usuário-leitor com o meio, com seus pares e com os emissores das mensagens. As ferramentas de interação oferecem a possibilidade de selecionar o conteúdo de acordo com os interesses e as motivações dos leitores, assim como permite a eles opinar, comentar e comprometer-se com o próprio contexto de participação no qual estão integrados. (COSCARELLI, 2016, p. 23)

Em nossa concepção, é essa estrutura que permite ao leitor, coparticipante da enunciação, expressar posicionamentos e interagir tanto com a publicação como com a imprensa oficial, agindo como coautor desses discursos, capaz de desestabilizá-los a partir de uma voz que lhe é dada pela rede social na internet.

Com base nesses apontamentos, adaptamos o esquema de Barros ao objeto de nossa investigação, resultando no esquema a seguir, em que o leitor pode verificar como a dinâmica da enunciação acontece no *Facebook*:

Figura 5 - Gestão das vozes no *Facebook*



Fonte: Elaboração da autora, a partir de Diana Luz Pessoa de Barros, in FIORIN, 2010, p. 69

É importante destacar que nos esforçamos, neste item, para adaptar a proposta de Benveniste, ampliada por Barros (1988, apud em FIORIN, 2010), a um ambiente diferente do romance, por exemplo, em que os turnos de fala são marcados conforme ocorre a narração do texto por meio dos sinais de pontuação, além de seguir uma sequência temporal em que facilmente é possível identificar as vozes das instâncias de enunciação. Todavia, é relevante demonstrar como isso ocorre em ambiente virtual, considerando que o digital já é parte intrínseca da linguagem humana.

Dessa forma, ressalta-se que o esquema proposto corresponde a uma tentativa de descrição do dispositivo comunicacional da *fanpage* QT, que pode ser aperfeiçoada em estudos posteriores. No entanto, fica a tentativa e o desafio desta pesquisadora para que, cada vez mais, o comportamento discursivo em ambiente digital possa ser investigado, considerando que as interações efetuadas nesse ambiente influenciam diretamente comportamentos e representações sociais.



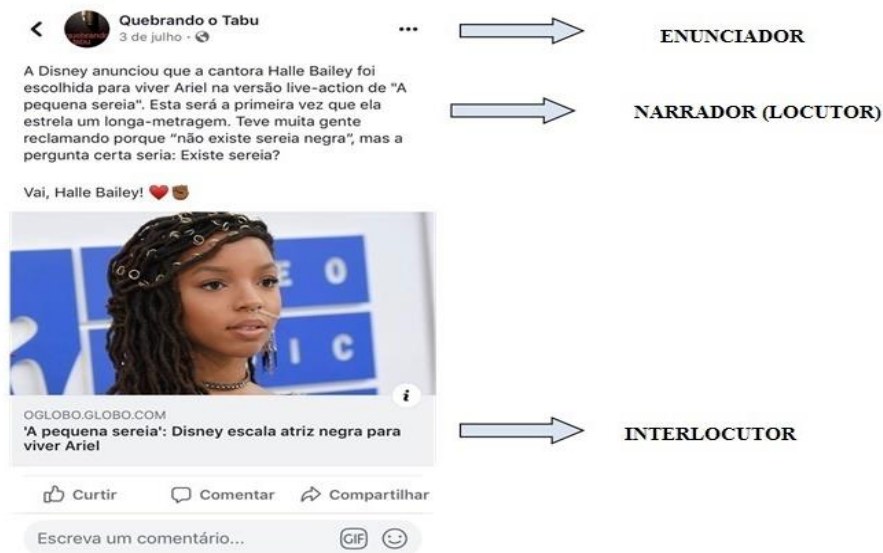
Adiante, partindo dos pressupostos apresentados até aqui elaboramos as categorias de análise e explicitamos o recorte e a forma que trataremos o *corpus* desta pesquisa, a fim de que o leitor possa vislumbrar detalhadamente a aplicação da teoria à prática de análise.

### 3.8 DELIMITAÇÃO DO CORPUS E METODOLOGIA DE ANÁLISE

Este tópico destina-se a apresentar o *corpus* de pesquisa e a maneira como será realizado o recorte do objeto no *Facebook*, a fim de orientar sobre a metodologia adotada e a disposição das imagens no decorrer das análises. Ressalta-se que, assim como explicitado na Introdução esta é uma pesquisa de caráter exploratório bibliográfico, realizada na página *Quebrando o Tabu*, na rede social *Facebook*, tendo as análises fundamentadas no referencial teórico apresentado no primeiro capítulo, com a colaboração da teoria enunciativa de Benveniste. Dessa forma, a análise seguirá conforme segue:

Primeiramente, será apresentada a imagem geral da publicação, na qual será possível ao leitor depreender as vozes das três instâncias de produção: enunciador, narrador e interlocutor, conforme se observa a seguir:

Figura 6 - Publicação



Fonte: Fanpage Quebrando o Tabu no Facebook

A exemplo dessa primeira imagem, serão objeto de análise o texto da publicação da página e o título da notícia subsequente (hiperlink). Destacamos que o corpus foi extraído a partir de publicações da página *Quebrando Tabu*, pelos motivos expostos anteriormente (item 3.5.1).

Em seguida, transcrevemos o discurso do interlocutor (veículo oficial de informação), em formato de imagem. Esse discurso, que também será objeto de análise, é acessado por meio de um clique no título da notícia, dando acesso à seguinte imagem:

Figura 7 - Discurso do interlocutor – Notícia



Fonte: *Fanpage Quebrando o Tabu no Facebook*

Na sequência, partiremos para a instância de recepção, de onde emana o discurso ordinário, ou seja, os comentários em que encontramos os enunciatários, leitores pressupostos da página, e narratários, que respondem à publicação da página QT, conforme especificado a seguir:

Figura 8 - Discurso da instância de recepção (narratário)



Fonte: *Fanpage Quebrando o Tabu no Facebook*

Ressaltamos que a disposição do corpus para análise será realizada por meio de *prints* retirados do *Facebook*. A análise dos efeitos de sentido dos discursos das instâncias de produção e recepção será realizada a partir desses *prints*.

Esclarecemos que, em relação à instância de recepção, o nome do autor do comentário e a foto foram propositalmente borrados, a fim de preservar a identidade dos comentaristas.

Esses comentários são divididos em eixos de efeitos de sentido, considerando os sentidos mais recorrentes e aqueles que provocam maior interação entre os narratários. Essa interação pode ser medida por meio do número de respostas e reações ao comentário. Há de se considerar, ainda, que a seleção dos comentários submetidos às análises foi realizada com o intuito de tratar a problemática colocada pelo objeto da pesquisa, qual seja a discursivização do negro na rede social *Facebook*, tendo-se como hipótese a representação desvalorativa desse grupo por razões históricas. Adiante, partiremos para as análises, em que esse quadro será aplicado.

#### 4 CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS EFEITOS DE SENTIDO SOBRE O NEGRO NA REDE SOCIAL *FACEBOOK*

*A palavra, como todo signo ideológico, não só reflete a realidade, mas também a refrata na comunicação social viva, na interação discursiva viva. Isso ocorre porque as relações de classe, ao se refletirem na palavra, ditam-lhe diferentes nuances de sentido, introduzem nelas diferentes pontos de vista, atribuem-lhe diferentes avaliações. (VOLOCHÍNOV, 2019, p. 320)*

Tomando por pressuposto a colocação de Orlandi (2015) de que não há uma chave de interpretação, mas a construção de um método e um dispositivo teórico que tornem possível ao analista compreender como objetos simbólicos produzem sentidos, é chegado o momento de aliar o referencial teórico apresentado na dissertação ao *corpus* escolhido para a investigação, conforme proposto no início desta investigação.

Dessa forma, por meio de uma concepção dialógica e interacionista da linguagem, atingiremos os objetivos propostos no início deste trabalho, demonstrando os diversos efeitos de sentido de acontecimentos discursivos que tratam sobre os negros compartilhados no *Facebook*, assim como as marcas linguísticas e discursivas depreciativas, que denotam exclusão, desigualdade e preconceito, haja vista um imaginário social sobre esse grupo construído sócio-histórica e ideologicamente, e difundido nas mídias.

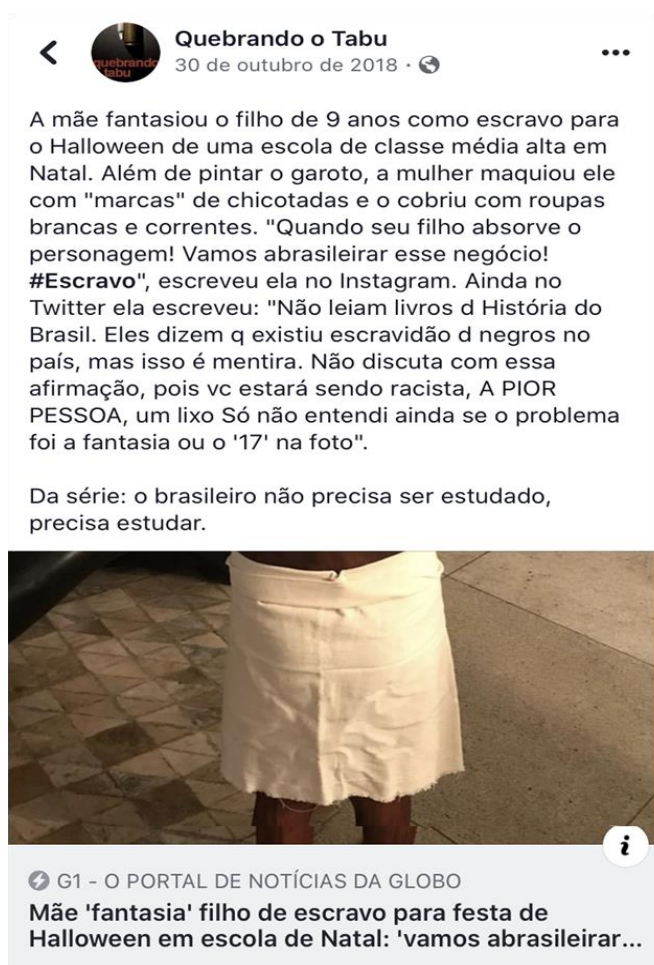
Para a consecução desses objetivos, serão realizadas três análises de publicações e acontecimentos discursivos que tratam sobre o negro dispostos na página *Quebrando o Tabu*, com os seguintes títulos: 1) Mãe “fantasia” filho de escravo para o Halloween; 2) Professor é chamado de macaco e esfaqueado; 3) Morte de músico negro por militares.

Dessas publicações e acontecimentos, selecionamos três efeitos de sentido gerados a partir dos comentários, em que é possível depreender como esses discursos são recepcionados pelos sujeitos do cotidiano, ou seja, os consumidores dessas informações, e quais efeitos de sentido provocam nessa instância.

#### 4.1 ANÁLISE I – MÃE “FANTASIA” FILHO DE ESCRAVO PARA O HALLOWEN

A primeira análise tem por objeto uma publicação veiculada em 30 de outubro de 2018, na página *Quebrando o Tabu*. Na referida publicação, que obteve 5.913 compartilhamentos e cerca de 27 mil curtidas, o enunciador (QT) compartilha uma notícia do Portal de Notícias G1, de 29 de outubro de 2018, com o título: Mãe ‘fantasia’ filho de escravo para festa de Halloween em escola de Natal: ‘vamos abraçar esse negócio’, conforme se observa a seguir:

Figura 9 - Análise I: Publicação



Fonte: *Fanpage Quebrando o Tabu no Facebook*

Nessa publicação, por meio de uma debragem de primeiro grau, o enunciador instala no enunciado as categorias de pessoa, tempo e espaço. Surge, assim, a figura do narrador, correspondente à própria página QT, que descreve o fato ocorrido em 29.10.2018, quando uma mãe caracterizou o filho de escravo para uma festa de Halloween. No decorrer da narração, as falas da mãe, publicadas em redes sociais diversas, são apresentadas e marcadas com o sinal de aspas, seguidas de verbos dicendi, “ela escreveu”, compondo a narração com

um tipo de heterogeneidade mostrada marcada linguisticamente, do tipo discurso direto, conforme item 2.2.3. De acordo com Maingueneau: “Quando o enunciador cita no discurso direto a fala de alguém não se coloca como responsável por essa fala, nem como sendo o ponto de referência de sua abordagem na situação de enunciação.” (MAINGUENEAU, 2004, p. 138)

Dessa forma, o enunciador distancia-se da situação de enunciação que está sendo relatada, construindo um enunciado explicitamente dialógico e polifônico, considerando que é capaz de expressar tanto a voz do narrador que relata o ocorrido, como a voz da mãe, interlocutário instalado por uma debreagem de segundo grau. É importante salientar que, embora a citação das falas da mãe seja marcada pelas aspas, não há como retirar a subjetividade do enunciado, uma vez que:

O DD não pode, então, ser objetivo; por mais que seja fiel, o discurso direto é sempre apenas um fragmento de texto submetido ao enunciador do discurso citante, que dispõe de inúmeros meios para lhe dar um enfoque pessoal. (MAINGUENEAU, 2004, p. 141).

Neste caso, essa tática assemelha-se ao que Fiorin (1996) chama de estratégias do enunciador para fazer crer, a partir de discursos em que haja desacordo entre enunciado e enunciação. Essa discordância é evidenciada no último período, em que é possível observar a opinião do enunciador a respeito do ocorrido, no enunciado “Da série: o brasileiro não precisa ser estudado, precisa estudar”.

A máxima “O brasileiro precisa ser estudado” é utilizada frequentemente quando uma pessoa inventa algo inusitado, demonstrando grande criatividade, entretanto, na asserção inscrita na publicação, o narrador é irônico, ao questionar a atitude da mãe, que poderia parecer criativa, mas, segundo pode-se inferir desse último período, revela falta de conhecimento por parte da responsável pela criança caracterizada como escravo para uma festa de Halloween.

A falta de conhecimento a que o narrador se refere está no fato de a mãe parecer desconhecer questões históricas em relação à escravidão, e, até mesmo, negar a existência de fatos narrados em livros de história. Essa questão é evidenciada a partir dos efeitos de sentidos dessa publicação, expostos mais adiante. Terminando de compor o discurso oficial, temos a notícia publicada pelo veículo jornalístico G1, o interlocutor, instalado por meio de uma debreagem de segundo grau:

Figura 10 - Análise I: Discurso do interlocutor

**G1** Seguir

RIO GRANDE DO NORTE

### Mãe 'fantasia' filho de escravo para festa de Halloween em escola de Natal: 'Vamos abraçar esse negócio'

Mulher publicou fotos de menino de 9 anos nesta segunda-feira (29), nas redes sociais, e causou repercussão negativa na internet.

POR G1 RN  
29 DE OUTUBRO DE 2018 20:19

Uma mãe fantasiou o próprio filho de 9 anos como escravo para a festa de Halloween de uma escola de classe média alta em Natal, nesta segunda-feira (29). Ela mesma publicou fotos do garoto nas redes sociais, durante a tarde, e as imagens causaram grande repercussão na internet. A maior parte dos comentários é de críticas à fantasia, que foi considerada racista. A publicação foi apagada do perfil dela.

Além de pintar o garoto, a mulher maquiou ele com "marcas" de chicotadas e o cobriu com roupas brancas e correntes. "Quando seu filho absorve o personagem! Vamos abraçar esse negócio! #Escravo", escreveu ela no Instagram.

Em sua conta no Twitter, a mulher ainda escreveu a seguinte mensagem: "N leiam livros d História do Brasil. Eles dizem q existiu escravidão d negros no país, mas isso é mentira. N discuta com essa afirmação, pois vc estará sendo racista, A PIOR PESSOA, um lixo Só ãi entendi ainda se o problema foi a fantasia ou o '17' na foto".

Em nota, **(leia a íntegra no final desta matéria)** a mãe do menino disse que não teve intenção de fazer nenhum tipo de apologia à escravidão, ao sofrimento alheio, nem denegrir a raça negra.

O colégio onde aconteceu a festa de Halloween emitiu uma nota e afirmou que a instituição não compactua com expressões de racismo ou preconceito.

"Lamentavelmente, a escolha do traje para a participação do Halloween, feita pela família do aluno, tocou numa ferida histórica do nosso país. Amargamos as sequelas desse triste período até os dias de hoje. Não incentivamos nem

compactuamos com qualquer tipo de expressão de racismo ou preconceito, tendo os princípios da inclusão e convivência com a diversidade como norte da nossa prática pedagógica", diz a nota.

**Repercussão**

O caso ganhou grande repercussão nas redes sociais. Até mesmo artistas como o cantor Marcelo D2 comentou: "Quando vc pensa q já viu de tudo na vida (sic)".

**Repúdio**

O Conselho Estadual de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (CONSEPPIR) vinculado a Secretaria de Estado da Justiça e da Cidadania (SEJUC) repudiou a atitude da mãe que 'fantasiou' o filho de escravo.

Em nota, o Conselho reforçou que "a prática do racismo passou a ser considerado um crime inafiançável e imprescritível".

"O CONSEPPIR/RN repudia as manifestações de ódio e todas as formas de racismo e discriminação. Tomaremos todas as medidas cabíveis junto aos órgãos competentes, como o Centro de Referência em Direitos Humanos da UFRN e o Ministério Público Estadual".

Antes da repercussão negativa, seguidores da mãe nas redes sociais elogiaram a "criatividade" da fantasia. "Perfeito", disse uma amiga. "Você não existe! Muita criatividade", disse outra. postagem recebeu dezenas de curtidas:

Porém, outros usuários passaram a criticar as imagens. Apesar da postagem ter sido apagada, após a repercussão, prints da publicação passaram a circular na internet e vários usuários de redes sociais passaram a criticar a mulher, em outras postagens de suas redes sociais.

"Usando o sofrimento do meu povo como tema de fantasia", comentou um usuário. "Moça, eu acredito que a senhora não tenha dimensão do q está fazendo. Mas isso não é uma brincadeira, é um desrespeito enorme com a história e com aqueles que morreram e deixam um legado de dor aos seus descendentes que batalham todo dia para fechar essas feridas (sic)", disse outra internauta.

Fonte: G1 Rio Grande do Norte (2018)

Antes, é relevante destacar um fato que chama a atenção, pois, como temos demonstrado no decorrer da pesquisa, frequentemente, a notícia publicada em veículos de informação é compartilhada nas redes sociais e, a partir de então, propõe-se uma discussão sobre o acontecimento. Mas, neste caso, acontece o caminho inverso: a publicação é alvo da notícia que, posteriormente, é compartilhada nas redes sociais, o que demonstra tanto a rapidez da circulação dos discursos publicados em redes sociais digitais, quanto o crescimento da influência do discurso ordinário ao ultrapassar os limites das redes sociais.

Dando prosseguimento à análise da notícia publicada pelo Portal de Notícias G1 em 29 de outubro de 2018, destacaremos alguns enunciados, a começar pelo título: "Mãe 'fantasia' filho de escravo para festa de Halloween em escola de Natal: Vamos abraçar esse negócio". O autor do enunciado, nosso interlocutor, chama a atenção do leitor para uma palavra no título que aparece entre aspas: "fantasia". Segundo Maingueneau (2004, p. 161), as

aspas são um sinal a ser interpretado, pois “indicam uma espécie de lacuna, de vazio a ser preenchido interpretativamente”. Dessa forma, esse sinal abre espaço para diversos efeitos de sentido, no caso desse fragmento, pode-se inferir como um efeito de sentido a questão de escravo ser uma fantasia, uma vez que, conforme o *Dicionário Aurélio* (2009, p. 872), o termo fantasia refere-se a algo que não corresponde à realidade, também à vestimenta usada no carnaval ou em outros festejos, que imita a de palhaços, tipos populares, figuras mitológicas, etc.

Dessa forma, o interlocutor abre espaço para o leitor interpretar se a caracterização como escravo pode ser considerada uma fantasia. Dialogando com essa questão, por meio de uma debragem de 2º grau, a voz da mãe, nosso interlocutário, é extraída de outra rede social, o *Twitter*, e exposta na notícia:

Ñ leiam livros d História do Brasil. Eles dizem que existiu escravidão dos negros, mas isso é mentira. Ñ discuta com essa afirmação, pois vc estará sendo racista, A PIOR PESSOA, um lixo Só não entendi ainda se o problema foi a fantasia ou o ‘17’ na foto. (QUEBRANDO O TABU, 2018, n.p.)

Relacionando a questão da fantasia e da escravidão na visão da mãe, supõe-se que, para ela, o período escravocrata não existiu e, assim como a fantasia do filho, é algo distante da realidade.

Observa-se, ainda, nessa notícia, um emaranhado de muitas vozes, que a configuram como polifônica e dialógica, uma vez que é como se houvesse um diálogo discursivo. Nota-se a voz de um narrador, da mãe, do Conselho Estadual de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, da escola e de agentes das redes sociais, dentre os quais é citado explicitamente o cantor Marcelo D2. De todas essas vozes, emanam diferentes efeitos de sentido, que são ampliados na página *Quebrando o Tabu* nos comentários.

Ademais, é possível observar outros interlocutários, identificando tanto na voz do Conselho Estadual de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, quanto na da escola, o repúdio ao que é dito e a aproximação da atitude da mãe de um ato racista. Na declaração da escola, identifica-se a presença de um interdiscurso, em: “Lamentavelmente, a escolha do traje para participação no Halloween, feita pela família do aluno, tocou numa ferida histórica de nosso país. Amargamos as sequelas desse triste período até os dias de hoje [...]”.

Dessa forma, a simples imagem da criança caracterizada como escravo toca em redes de sentidos de discursos construídos sócio-historicamente, trazendo à memória enunciados que remetem a tempos de dor e sofrimento, como pode ser observado no fragmento da notícia



em que uma usuária de uma rede social se posiciona: “(...) isso não é brincadeira, é um desrespeito enorme com a história e com aqueles que morreram e deixaram um legado de dor e sofrimento aos seus descendentes (...)”. Sobre essa questão, cabe citar Comin de Carvalho *et al* (2012, p. 100), que defende que: “o atual estado de discussões sobre ‘raça’ dialoga, indubitavelmente, com um quadro de posicionamentos políticos, científicos e ideológicos do passado”.

Nessa perspectiva, ao tocar na questão da escravidão, são trazidos à tona inúmeros discursos construídos no decorrer da história em referência ao negro, como explicitado no item 2.2.2 desta pesquisa, no que tange à memória discursiva que, por meio da retomada do já-dito, torna possível todo dizer.

Ademais, nesse emaranhado de muitas vozes, temos acesso mais uma vez à voz da mãe, que apresenta uma nota de esclarecimentos, pensada à notícia, dizendo querer explicar-se ao povo brasileiro. Da fala da mãe, que diz não ter havido em seu ato intenção de ofender ou fazer apologia à escravidão e ao sofrimento alheio, encontramos conexão com algo escrito por ela na primeira publicação, quando diz: “*Vamos abraçar esse negócio*”, uma vez que a festa de *Halloween* é comum em países anglo-saxões (América do Norte), sendo popularmente comemorada nos Estados Unidos. Assim, ela explica que escolheu essa caracterização por, assim como o Halloween, remeter a acontecimentos assombrosos.

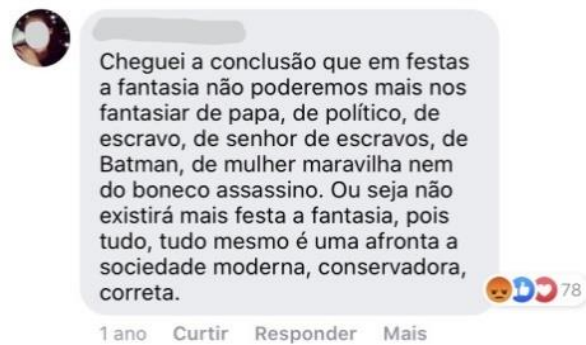
A declaração feita pela mãe estabelece uma relação entre o período escravocrata e a festa de *Halloween*, caracterizando esse período como assombroso, no entanto, o efeito de sentido dessa afirmação pode remeter a tudo que essa festa estrangeira representa: monstros, assombrações, fantasmas, levando a uma representação negativa do negro, conforme poderá ser observado nos efeitos de sentido gerados na página QT.

Seguindo com as análises, chega o momento de apresentar como esses discursos são representados no discurso dos narratários, ou seja, os efeitos de sentido causados nos sujeitos do cotidiano, seguidores e visitantes da página, instalados no texto por meio de uma debreagem de segundo grau, que pode ser observada nos comentários, de onde emana o discurso ordinário.

#### **4.1.1 Eixo de sentido 1 – Não se trata de uma simples fantasia**

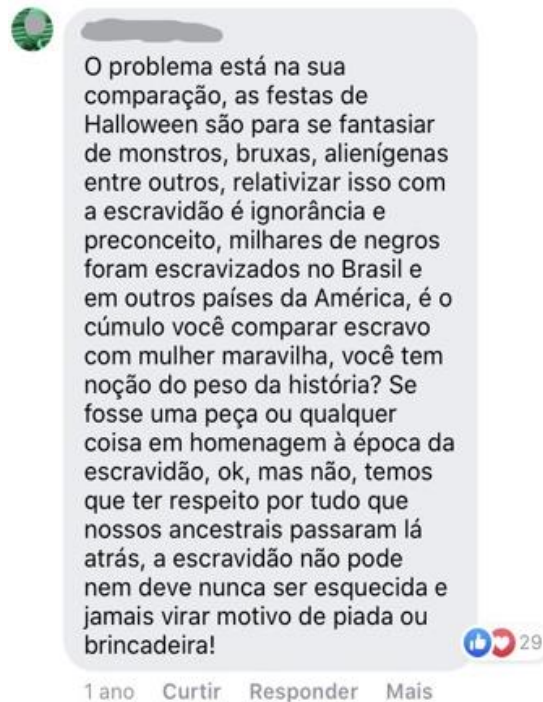
Neste eixo de sentido, será possível observar que os narratários interpretaram justamente o que Maingueneau (2004) chama de lacuna interpretativa, ou seja, a palavra fantasia que está grafada entre os sinais de aspas.

Figura 11 - Análise I: Comentário 1



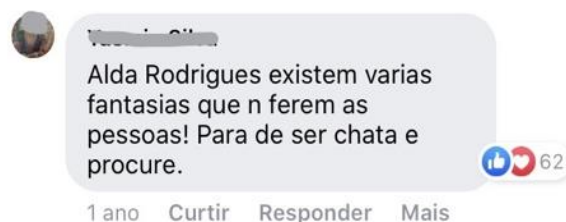
Fonte: *Fanpage Quebrando o Tabu no Facebook*

Figura 12 - Análise I: Comentário 2



Fonte: *Fanpage Quebrando o Tabu no Facebook*

Figura 13 - Análise I: Comentário 3



Fonte: *Fanpage Quebrando o Tabu no Facebook*

No comentário n. 1, o usuário da rede social inclui a caracterização de escravo em uma categoria de fantasias próprias para festas a essa moda, construindo uma crítica ao fato de essa caracterização configurar uma afronta à sociedade moderna.

O comentário n. 2 é justamente uma resposta ao primeiro, pois o usuário explica o que torna a fantasia em questão algo que remete ao preconceito, tomando por conta o significado da festa de Halloween, o que demonstra que, assim como colocado por Bakhtin/Volochínov (2006), o entendimento de uma questão também irá depender do grau de conhecimento do auditório social, neste caso, o conhecimento sobre o significado e tradição da festa de *Halloween* permite ao usuário inferir uma comparação entre o que esse evento representa em conflito com a representação da escravidão no Brasil.

Assim, o autor do comentário n. 2 critica o fato da relativização da fantasia de escravo, defendendo que utilizar essa caracterização em uma festa de *Halloween* coloca o sujeito negro em uma categoria que remete a monstros, bruxas, alienígenas, entre outros, demonstrando falta de respeito a toda a história do negro no contexto escravocrata. Além disso, ressalta que não haveria problemas caso se tratasse de uma peça teatral que remetesse à escravidão, como forma de homenagem aos negros, de maneira não caricata, diferente do ocorrido.

Ainda em resposta ao primeiro comentário, selecionamos o comentário n. 3, em que o usuário demonstra um dos motivos de a fantasia gerar tanta desaprovação, uma vez que aborda questões históricas que remetem a um passado dolorido de forma satirizada.

Portanto, esses comentários demonstram que, enquanto alguns narratários (usuários) acreditam não se passar apenas de uma fantasia, outros não aceitam o fato de um período histórico, que significa tanta dor para o povo negro, ser comparado à festa das bruxas, colocando o negro na mesma categoria de figuras que representam espanto e maldade, normalmente utilizados para celebrar aquela festa.

#### **4.1.2 Eixo de sentido 2 – O brasileiro precisa estudar**

Este eixo é um efeito de sentido gerado pelo último período da publicação, em que o narrador escreve *o brasileiro não precisa ser estudado, precisa estudar*, deixando transparecer o posicionamento do enunciador em relação ao fato.

Figura 14 - Análise I: Comentário 4 e 5



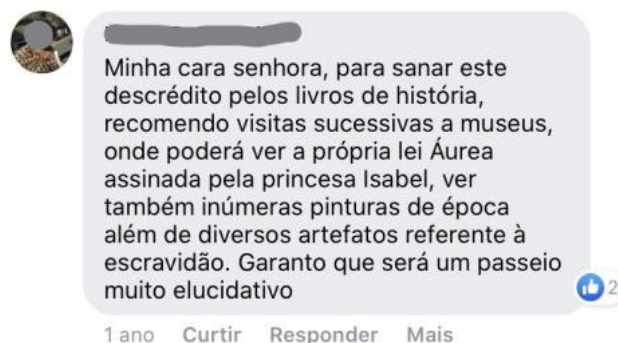
Fonte: *Fanpage Quebrando o Tabu no Facebook*

Figura 15 - Análise I: Comentário 6



Fonte: *Fanpage Quebrando o Tabu no Facebook*

Figura 16 - Análise I: Comentário 7



Fonte: *Fanpage Quebrando o Tabu no Facebook*

O comentário n. 4 demonstra uma resposta ao posicionamento da mãe ao afirmar “Ñ leiam livros d História do Brasil. Eles dizem que existiu escravidão dos negros, mas isso é mentira...” e com a opinião exposta pelo narrador da publicação na página: “O brasileiro não precisa ser estudado, precisa estudar.” Por meio dessas asserções, a autora do primeiro comentário deste eixo de sentido infere que há uma negação do passado e do período escravocrata, o que é reverberado pelo usuário que a responde, Comentário 5, acrescentando

que Portugal também nega essa realidade, entretanto quem sofreu jamais esquece, sinais de uma memória discursiva reverberada pelo povo negro no Brasil.

No comentário n. 6, há uma construção irônica, em que o usuário deixa subtendido que existe uma frequência desses discursos que dizem não ter existido racismo no Brasil, fato observado por meio da expressão “da série”, que revela haver uma sucessão de afirmações desse tipo. Na mesma direção, no comentário n. 7, observa-se um usuário que tenta desconstruir esse discurso de que a escravidão não existiu, partindo de fatos comprobatórios, como a Lei Áurea e diversas expressões artísticas que comprovam o período escravocrata no Brasil.

Nesses comentários, é possível observar que os narratários (usuários) tentam desestabilizar o discurso da mãe veiculado em um meio oficial, pois, ao publicar a notícia, o jornal cumpre o papel de informar. Apesar de ser possível inferir um posicionamento contrário do veículo de comunicação ao posicionamento da mãe, essa questão não fica explícita. Mas, por meio do discurso ordinário, a tentativa de desestabilizar esse discurso neste eixo de sentido é nítida, uma vez que negar a escravidão evidencia a negação do racismo.

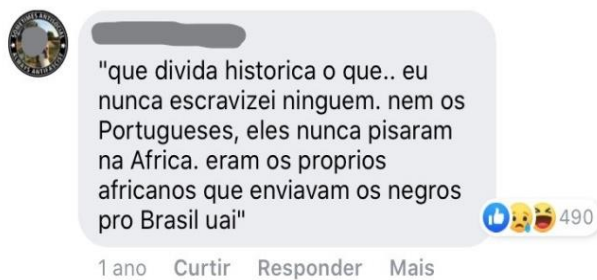
Esse eixo de sentido aproxima-se do que Bakhtin, conforme exposto no item 2.4, denomina forças centrípetas, as quais trabalham para desestabilizar discursos ideologicamente cristalizados, e essa força emana dos sujeitos do cotidiano, configurando a “ideologia do cotidiano” (Bakhtin/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 17), que se exprime na vida corrente; é o cadinho onde se formam e se renovam as ideologias constituídas.

Portanto, por meio do discurso ordinário em ambiente digital, há a probabilidade de que ideologias sejam renovadas e até alteradas, o que não é impossível, considerando que esse discurso atinge um grande público, ampliando as discussões sobre assuntos tão relevantes quanto o racismo e a discriminação de vários grupos sociais.

#### **4.1.3 Eixo de sentido 3 – Nem o Brasil nem os portugueses escravizaram os negros**

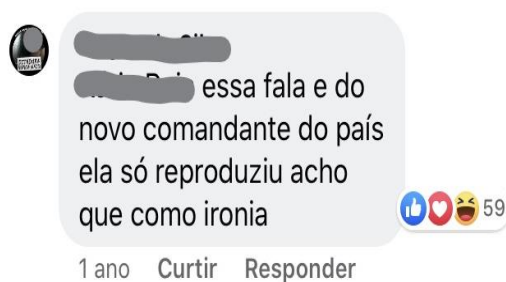
Este eixo traz os efeitos de sentido gerados a partir da fala da mãe, ao afirmar que não existiu escravidão no Brasil.

Figura 17 - Análise II: Comentário 8



Fonte: *Fanpage Quebrando o Tabu no Facebook*

Figura 18 - Análise II: Comentário 9



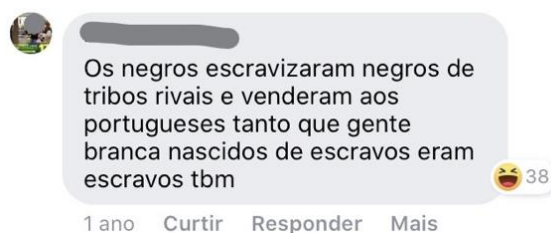
Fonte: *Fanpage Quebrando o Tabu no Facebook*

Figura 19 - Análise II: Comentário 10



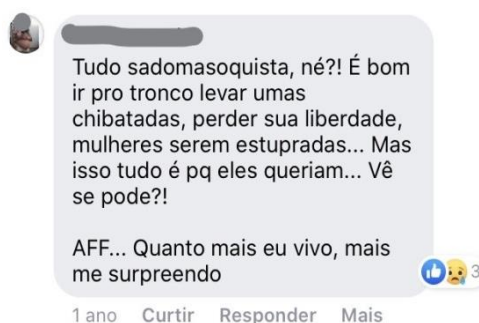
Fonte: *Fanpage Quebrando o Tabu no Facebook*

Figura 20 - Análise II: Comentário 11



Fonte: *Fanpage Quebrando o Tabu no Facebook*

Figura 21 - Análise II: Comentário 12



Fonte: *Fanpage Quebrando o Tabu no Facebook*

Este eixo de sentido demonstra uma sucessão de respostas ao comentário n. 8, em que o usuário apresenta uma afirmação entre aspas, na qual há a afirmação de que não existe dívida histórica, pois eram os próprios africanos que escravizavam seu povo. O recurso de utilizar as aspas nesse comentário é uma forma de o autor transferir a responsabilidade desse dizer a outra pessoa, conforme explicado por Maingueneau (2003):

As leis do discurso não são normas de uma conversação ideal, mas regras que desempenham um papel crucial no processo de compreensão dos enunciados. Pelo simples fato de serem supostamente conhecidas pelos interlocutores, elas permitem a transmissão de conteúdos implícitos. (MAINGUENEAU, 2003, p. 32)

Portanto, o efeito de sentido do primeiro comentário é gerado pelo fato de a publicação realizada pela mãe conter uma menção ao número 17: “Só não entendi ainda se o problema foi a fantasia ou o ‘17’ na foto”. O número em questão remete à legenda do atual Presidente da República, na época em que era candidato ao cargo, o que pode ter remetido o autor do comentário a uma fala do próprio presidente em entrevista ao programa televisivo Roda Viva, disponível no YouTube<sup>16</sup>. Nesta ocasião, ainda como candidato à presidência, ao ser perguntado sobre a dívida histórica com os negros, ele respondeu nunca ter escravizado ninguém e que os portugueses não pisavam na África, mas os próprios negros enviavam escravos para fora de seu continente; no comentário n. 9, é possível verificar a atribuição dessa enunciação ao Presidente da República.

Ao remeter ao discurso do atual representante da nação, o número 17, na legenda publicada pela mãe, manifesta um cruzamento de discursos, na medida em que o número da

---

<sup>16</sup>[https://www.youtube.com/watch?v=MPJRkK\\_VHvY](https://www.youtube.com/watch?v=MPJRkK_VHvY)

legenda traz consigo um posicionamento e uma ideologia defendida pelo atual presidente na ocasião de sua entrevista ao Programa Roda Viva. Compreende-se, como afirmado por Bakhtin/Volochínov (2006), que o signo é ideológico por natureza.

No comentário n. 10, é possível observar que o usuário se utiliza de dois recursos em seu enunciado para produzir sentido: o primeiro são as aspas, que ele utiliza com a mesma intenção do comentário n. 8. O segundo recurso é a ironia, em que afirma que os portugueses faziam turismo na África e os africanos embarcavam em busca de empreender. A ironia é desvendada nesse comentário pela representação gráfica de um signo não-verbal, a abreviatura “rs”, referente à expressão de risos, no final do comentário. Sobre a entonação característica da oralidade, Maingueneau (2006) explica:

Basta que se deixe transparecer na enunciação oral uma entonação específica ou que, na escrita, estejam presentes alguns índices que marcam o distanciamento (reticências, palavras enfáticas etc.), para que o co-enunciador pressuponha que se trata de uma enunciação irônica. (MAINGUENEAU, 2006, p. 175)

Dessa forma, o recurso da ironia utilizado pelo usuário denota uma subversão do que é dito. Ainda de acordo com o autor supracitado, pode-se classificar também como um caso de polifonia, pois é como se o usuário desse a palavra a uma personagem no ato de encenação, entretanto, ele se distancia dessa personagem, assim, ouvem-se pelo menos duas vozes na enunciação.

Nessa perspectiva, o usuário ironiza, ou seja, subverte a afirmação de que os portugueses não pisavam na África e os africanos enviavam homens para serem escravizados por vontade própria, posicionamento reverberado pelo comentário n. 10, em que outra usuária diz tratar-se de um absurdo. Para esclarecer essa questão, também justificar o posicionamento desses usuários, cabe citar Munanga e Gomes (2006) ao afirmarem que:

O tráfico negreiro instalou-se na África a partir de uma intervenção externa, árabe e ocidental, que ultrapassou o próprio continente. Por isso não podemos aceitar a tese de um sistema escravista africano que justificaria e legitimaria as formas de escravidão que deram origem às primeiras separações de africanos, historicamente, conhecidas. (MUNANGA E GOMES, 2006, p. 27)

Desse modo, apesar de uma organização social em que o penhor humano ou a escravização de alguns grupos em tomadas territoriais podiam acontecer, uma prática não apenas da África, mas de outros continentes e civilizações como a grega, romana e egípcia, a escravização dos africanos não era sistematizada na África, tampouco caracterizava uma relação mercadológica, fato que ocorreu apenas depois de intervenções externas.



Dando prosseguimento, no comentário n. 11, observamos um usuário que defende a questão de o africano ter sido escravizado na África e enviado para fora de seu continente, enfatizando que já se nascia escravo na África, independente de ser filho de pais de etnias diferentes, o que pode configurar um sistema escravista. Entretanto, Munanga e Gomes (2006) esclarecem esse fato:

Os filhos nascidos das uniões entre mulheres e homens cativos eram sujeitos completamente livres e membros das comunidades receptoras dos “estranhos”. Diferente do Brasil, onde, por um longo período, os filhos de escravizados nasciam na mesma condição de seus pais e serviam para o aumento do contingente de mão-de-obra. (MUNANGA E GOMES, 2006, p. 27)

Por fim, no comentário n. 12, um usuário responde ao comentário de forma irônica, o que se pode depreender pela pontuação, bem como pela contrariedade no enunciado, exposta na afirmação de que é bom “ir para o tronco”, “ser estuprada”, etc., dando a entender que, dificilmente, o negro seria escravizado por vontade própria. De acordo com Munanga e Gomes (2006, p. 6), afirmar que os portugueses foram à África adquirir escravos como mercadoria graças à cumplicidade de reis e príncipes africanos evidencia a crença de que ser escravo é uma categoria natural na existência de seres humanos nascidos na África. Sobre essa questão, Munanga e Gomes (2006) indagam: “Algumas pessoas podem nascer escravas, ou todos nascem livres, até que algum sistema as escravize?”.

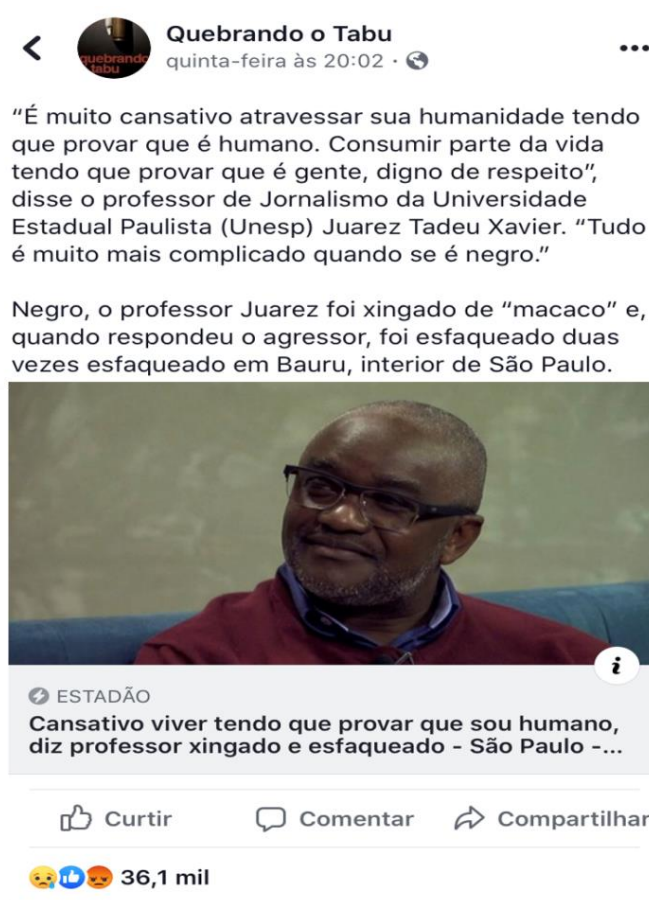
Dessa forma, ao dizer que africanos já nasciam escravos e que o continente africano enviava ou comercializava seu povo para ser escravizado em outros continentes, deixa claro que naquele território as pessoas nasciam com essa função, quando na realidade não acontecia dessa forma, uma vez que se tratava de cidadãos retirados de suas raízes, por meio de um sistema escravista que os transformava em mercadoria e mão-de-obra, verdadeiras máquinas. Os autores esclarecem, ainda, que: “Os brancos, de modo geral, querem se libertar de suas culpas e das lembranças das atrocidades cometidas no passado ao transferir esta responsabilidade aos reis e príncipes africanos implicados no tráfico e no comércio negreiro.” (MUNANGA E GOMES, 2006, p. 24)

Essa asserção do autor ocorre também pela forma como a história do negro é contada em livros e materiais didáticos, o que reflete até os dias atuais nos discursos das pessoas, como pôde ser evidenciado neste eixo de sentido.

## 4.2 ANÁLISE II – PROFESSOR É CHAMADO DE MACACO E ESFAQUEADO

A segunda análise trata de uma publicação que recebeu mais de 36 mil curtidas e cerca de 20 mil compartilhamentos, publicada em 21 de outubro de 2019, na página *Quebrando o Tabu*, por meio da qual o enunciador (QT), por meio de uma debreagem de 1º grau, instaura o narrador (QT) ao compartilhar uma notícia veiculada na mesma data, no jornal *O Estado de S. Paulo* (INTERLOCUTOR IO), com o título “Cansativo viver tendo que provar que sou humano, diz professor xingado e esfaqueado”, conforme se observa a seguir:

Figura 22 - Análise II: Publicação



Fonte: *Fanpage Quebrando o Tabu no Facebook*

A publicação focaliza duas falas do professor Juarez, vítima de ataques racistas, que no texto do OI, por meio de uma debreagem de segundo grau, assume o papel de interlocutário. A primeira citação é marcada por aspas e pelo verbo *dicendi* “disse”, indicando uma heterogeneidade marcada do tipo discurso direto (AUTHIER-REVUZ, 1992).

Chamamos a atenção para o trecho final da fala reportada, com a presença das aspas, mas sem o verbo *dicendi*, e que pode ser atribuída à mesma personagem, no enunciado “Tudo é muito mais complicado quando se é negro no Brasil”. Para Maingueneau (2006, p. 146), a ausência do verbo introdutor da fala citada pode ocorrer quando o conjunto do texto descreve os fatos do ponto de vista da personagem (Juarez), assim, as passagens entre aspas são atribuídas naturalmente àquele que é alvo do discurso.

No último período, é possível observar que o narrador da página QT transcreve o mesmo enunciado da notícia, não há emissão de uma opinião ou posicionamento, apenas as aspas na palavra “macaco”, abrindo espaço para a interpretação e tirando de si a responsabilidade pela utilização do termo. Também se observa a qualificação da vítima, “negro”, colocada antes de qualquer explicação, evidenciando que o motivo da agressão fora a cor da pele do professor.

Outrossim, é possível identificar a repetição da palavra “esfaqueado” que, embora não seja possível comprovar se o ato foi proposital, provoca um efeito de sentido de reverberar, chamar a atenção para o fato motivado por racismo. Ademais, ao apenas reproduzir o que o interlocutor (OESP) escreveu, a página demonstra parcialidade, ou seja, não há uma discordância com o interlocutor, apenas o compartilhamento da ideia para promover uma discussão.

Prosseguindo nas análises, logo abaixo do texto da publicação, por meio de uma debreagem de 2º grau, o interlocutor (OESP) é instaurado no discurso, assim, tem-se acesso à notícia, mediante um clique no título (*hiperlink*), conforme se observa a seguir:

Figura 23 - Análise II: Discurso do interlocutor



ESTADÃO

Assinar

### Cansativo viver tendo que provar que sou humano, diz professor xingado e esfaqueado

Juarez Tadeu de Paula Xavier foi atacado no estacionamento de um supermercado em Bauru, no interior de São Paulo. 'Imaginávamos que tínhamos avançado, mas parece que não', disse o professor da Unesp

POR LEO MARTINS\* E JOSÉ MARIA TOMAZELA  
21 DE NOVEMBRO DE 2019 19:00

SÃO PAULO - "É muito cansativo atravessar sua humanidade tendo que provar que é humano. Consumir parte da vida tendo que provar que é gente, digno de respeito", disse ao Estado o professor de Jornalismo da Universidade Estadual Paulista (Unesp) Juarez Tadeu de Paula Xavier. Negro, ele foi xingado de "macaco" e esfaqueado na quarta-feira, 20, no estacionamento de um supermercado em Bauru, interior de São Paulo. Os ferimentos foram superficiais e o docente teve alta. A agressão foi no Dia da Consciência Negra.

Xavier, de 60 anos, voltava de uma consulta médica quando foi atacado por Vitor Munhoz, de 30 anos, com um canivete. "Ele parou e me chamou de 'macaco'. Fui tirar satisfação." Os dois, então, iniciaram luta corporal. "Quando ele tentou me acertar, consegui me esquivar. Até que pessoas ao redor me ajudaram a contê-lo. Só percebi que tinha sido esfaqueado quando começou a sangrar muito."

Um empresário e o segurança do supermercado entrevistaram e seguraram o agressor. O empresário Felipe Azevedo disse à polícia que Munhoz continuava chamando a vítima de "macaco", enquanto o agredia. Ele ajudou a conter o agressor e se tornou testemunha do caso.

O professor foi atingido no ombro esquerdo, no braço e nas costas, onde teve de fazer uma sutura. A alta foi no mesmo dia do ataque e ele relata estar bem e medicado. Xavier afirma ainda desconhecer Munhoz.

Até a tarde desta quinta, a família do agressor não havia contratado um advogado. Um parente, que não quis se identificar, disse à reportagem que ele sofre de transtornos mentais e está em tratamento contra esquizofrenia.

Como a família alegou tratamento psiquiátrico, o delegado fixou fiança de R\$ 1 mil para que ele pudesse responder em liberdade por injúria e lesão corporal dolosa. A defesa de Xavier quer que ele responda por tentativa de homicídio.

### Docente já foi vítima de racismo em 2015 na Unesp

"Eu tenho dito: não é possível que um negro no Brasil nunca tenha passado por situação de racismo. Imaginávamos que tínhamos avançado, mas parece que não. Isso só mostra a necessidade de continuar discutindo Direitos Humanos", afirmou.

Pesquisador do Núcleo Negro Unesp para Pesquisa e Extensão (Nupe), Xavier estuda o movimento negro há anos e não foi a primeira vez que foi vítima do racismo. Em 2015, pichações em um banheiro da Unesp traziam xingamento de "macaco" contra ele. Uma comissão foi formada para investigar a autoria dos ataques, mas a apuração foi encerrada sem conseguir identificar os autores.

De origem simples, Xavier nasceu na Vila Mazzei, zona norte paulistana. Seu pai era caminhoneiro e ficou preso por delito comum até 1970, quando foi assassinado. Sua mãe veio de Minas para São Paulo para trabalhar em uma indústria têxtil e, depois, como empregada doméstica. Por causa da violência na região em que morava, Juarez passou a adolescência em uma casa de candomblé na zona leste da capital. Ficou sem ir para escola dos 10 aos 17 anos.

Mais tarde, já depois dos 30 anos, conseguiu concluir a graduação em Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo. O mestrado e o doutorado foram na Universidade de São Paulo (USP), principal instituição de ensino superior do País.

Raiva e indignação, de acordo com o docente, foram os primeiros sentimentos que o tomaram no momento da nova agressão. "Estamos na luta política por igualdade há muitos anos. Não dá para dizer que não fica abalado. Tenho filhos, esposa, projetos, sonhos. Sempre abala", afirmou.

Apesar disso, ele ressalta as mensagens de apoio e a ajuda de amigos e parentes e diz ter esperança no futuro. Para Xavier, "é necessário que a gente mantenha nossa utopia, ela nos ajuda a caminhar em frente."

Em nota, a Unesp disse que atos do tipo reforçam a necessidade de continuar a "luta contra a discriminação racial, os preconceitos, de qualquer natureza, e especialmente contra a desigualdade abissal que marca historicamente a população negra no Brasil". A Associação de Docentes da Unesp afirmou que o crime não pode ser "banalizado e esquecido".

Fonte: Martins e Tomazela (2019)

Assim como a publicação do narrador (QT), o interlocutor (OESP) que noticia o acontecimento dá enfoque às falas da vítima, destacando-as já no título da notícia, e explicando no subtítulo o ocorrido, essa instauração da voz do professor é uma debreagem de 2º grau, por meio da qual se instaura a voz do interlocutário. Essa escolha considera a formação social na qual o professor está inserido, indicando a legitimidade de seu discurso em tratar sobre questões de preconceito e discriminação, uma vez que esse é o seu lugar de fala. Essa escolha também é acarretada pela força que há no enunciado e a grande contradição: como um ser humano precisa comprovar ser humano?

Na asserção do professor, há um não dito, conforme explicitado no subitem 2.2.2, pois, se é preciso comprovar ser humano, entende-se que em algum momento Juarez não é visto como tal, ou seja, trata-se apenas de um ser vivo; no caso da notícia um animal, considerando que ele fora xingado de macaco.

De acordo com o item 2.2.3, pode-se afirmar que o dizer do professor é sustentado por discursos já-ditos, os quais funcionam pelo interdiscurso, ou seja, na fala do professor há um cruzamento de discursos, especialmente quando, mais à frente, no subtítulo da notícia, é expresso o seguinte enunciado: “Imaginávamos que tínhamos avançado, mas parece que não, disse o professor”. Esse enunciado traz uma relação do discurso proferido naquele momento com uma rede de sentidos/discursos construídos sócio-historicamente, uma vez que a desumanização do negro faz parte de uma construção histórica que tem início com o processo de escravidão e o tráfico negreiro transatlântico.

Sabe-se que, ao ser escravizado e traficado da África para outros continentes no século XVI, os negros adquiriram *status* de mercadoria, pois passaram a fazer parte de um processo mercadológico que visava ao lucro e à expansão de força de trabalho para exploração de novos territórios, principalmente no recém “descoberto” Brasil. Assim, chegavam ao Brasil em péssimas condições de transporte em navios negreiros, por meio do tráfico marítimo. Ao desembarcarem, apresentavam-se desidratados e desnutridos, tratamento que demonstrava que essas pessoas não eram tratadas como seres humanos, mas como produto. Segundo Malheiro (1976), os escravizados trabalhavam dia e noite como animais de carga, sem descanso, feito máquinas. “Os colonos, os senhores nem lhes davam o necessário à vida para se vestirem e alimentarem; sendo preciso que se tomassem providências a tal respeito. Não lhe davam descanso nem tempo de trabalharem para si.” (MALHEIRO, 1976, p. 26)

Dessa forma, entendendo que tanto o discurso quanto o sujeito são históricos e marcados ideologicamente, nesta análise, primamos por lembrar fatos históricos que acabaram por legitimar e perpetuar discursos que inferiorizam negros, como o caso da qualificação “macaco”, conforme item 2.3 desta pesquisa:

A noção de história é fundamental, pois, porque marcado espacial e temporalmente, o sujeito é especialmente histórico. E porque sua fala é produzida a partir de um determinado lugar e de um determinado tempo, a concepção de um sujeito histórico articula-se com outra noção fundamental, a de um sujeito ideológico. (BRANDÃO, 2007, p. 59)

Nesse sentido, ressaltamos o papel da ciência que, em certo período histórico, produziu um discurso que inferiorizou o negro por meio de estudos sobre raça, configurando uma ideologia racista. Segundo Comin *et al* (2012):

[...] a ciência serviu como base legitimadora de noções e ideias sobre “raça”. Logo, a ciência, longe de ocupar um papel de neutralidade nesse processo, serviu como matriz conceitual no que diz respeito a interpretações que

levavam a crer na “superioridade branca” e, em consequência, na desqualificação dos “não brancos”. (COMIN *et al*, 2012, p. 104)

Esses estudos são influenciados pela escola darwinista social, especialmente pela obra *A origem das espécies*, de Charles Darwin, defensor de que as raças humanas passariam por processos evolutivos semelhantes, porém, apenas os mais aptos atingiriam a evolução.

Nessa perspectiva, essa relação das ciências naturais é transportada para o campo social e serve de base para a caracterização dos fenômenos humanos, como o fato de a criminalidade ser interpretada por Césare Lombroso, antropólogo criminal, como um fenômeno social físico e hereditário ligado a raças “menos desenvolvidas”, conforme exposto por Fiorin (2016):

No que tange à questão racial, teríamos, *grosso modo*, um discurso antirracista que se constrói com base em um discurso racista. Este se funda na ideia de que, por natureza, há raças inferiores e raças superiores. Os negros pertencem às primeiras, enquanto os brancos às segundas. Apesar de serem necessários para que o trabalho possa ser realizado, os negros têm, por hereditariedade, traços de personalidade negativos, doenças físicas e morais. (FIORIN, 2016, p. 18)

No Brasil, a ciência tornou-se construtora de um imaginário social sobre o negro, principalmente no século XIX, destacando-se Silvio Romero (1851-1914) e Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), que disseminaram o pensamento evolucionista no país, ao imputarem o “atraso” do brasileiro à miscigenação, conforme destacam Comin de Carvalho *et al* (2012) no livro *Desigualdades de Gênero, Raça e Etnia*:

Nina Rodrigues – que foi professor de medicina na universidade da Bahia – realizou em sua análise, um cruzamento de perspectiva que levou em conta elementos da cultura afro-brasileira e da natureza médico biológica. Isso desembocou em análises negativas do caráter racial brasileiro, que efetuavam relações da raça com “potenciais criminosos: traços da aparência de um sujeito poderiam revelar uma natureza criminosa. (COMIN DE CARVALHO *ET AL*, 2012, p. 103)

Vale ressaltar que a ciência deixou de adotar esse posicionamento em relação ao conceito de raça<sup>17</sup>, após inúmeros estudos que comprovaram que não há como dividir os seres

---

<sup>17</sup> Apesar de a ciência não mais utilizar a classificação por raça, conforme Guimarães (2012, p. 51), a utilização desse termo permanece devido ao seu caráter ideológico e social: “Raça é não apenas uma categoria política necessária para organizar a resistência ao racismo no Brasil, mas é também categoria analítica indispensável: a única que revela que as discriminações e desigualdades que a noção brasileira de cor enseja são efetivamente raciais não apenas de classe.

humanos dessa maneira, assim como não há grandes divergências genéticas que os diferenciem. Não obstante, essa representação serviu para difundir um imaginário social que estabeleceu que o negro seria menos evoluído, motivo pelo qual em algumas situações é comparado ao macaco, uma vez que, de acordo com a teoria de Darwin, homens e macacos possuem um ancestral em comum. Essa é uma justificativa utilizada para diminuir o negro, a fim de dominá-lo, considerando que, conforme colocado por Foucault (2009), o discurso é um meio de dominação e poder.

Portanto, historicamente, existiu uma construção discursiva que colocou o negro em uma posição inferior, constituindo um imaginário social de que esses sujeitos são incapazes e possuem traços de personalidade que denotam uma falha intelectual e de caráter. Essa construção discursiva e a privação de oportunidades – tendo em vista que, após a abolição foram poucas as políticas de inclusão – serviram para dominar os negros e limitar seus espaços, ainda que se tratasse da maioria da população brasileira.

Adiante, destacamos o enunciado “A agressão foi no dia da Consciência Negra”. O interlocutor (OESP) não se aprofunda no assunto, apesar de escolher evidenciá-lo. Dessa forma, considerando-se que todo signo é ideológico por natureza, conforme defendido por Bakhtin/Volochínov (2006), esse enunciado direciona para a reflexão sobre o significado desse dia. Apenas pela carga semântica do enunciado é possível notar que, apesar de haver um dia para trazer à consciência a causa negra, ainda ocorrem casos de racismo que afetam pessoas em razão de seu tom de pele. Nesse sentido, vale ressaltar um pouco sobre o significado desse dia, a fim de tornar possível a análise do próximo enunciado.

O Dia da Consciência Negra significa para a comunidade negra, de acordo com Munanga e Gomes (2006), um dia para lembrar a resistência, uma vez que essa data faz referência à morte de Zumbi dos Palmares, uma figura que representa o negro ativo e rebelde que resistiu à escravidão por meio da organização de quilombos, lutando pela liberdade até a morte.

Dessa maneira, no enunciado analisado a seguir, o interlocutor narra o acontecido, relatando que Juarez voltava de uma consulta médica quando foi atacado. Complementa esta narração a voz do interlocutário (professor), no enunciado: “Ele parou e me chamou de macaco. Fui tirar satisfação”. E o interlocutor conclui: Os dois, então, iniciaram luta corporal”. Nesse fragmento, é possível verificar que o professor não recebeu o xingamento de forma passiva, mas resistiu, mesmo que, infelizmente, o ato tenha evoluído para uma situação de violência.

O posicionamento do interlocutário (professor) dialoga com o sentido trazido pela questão da consciência negra e com discursos que representam o negro como passivo em relação a esse tipo de situação. De acordo com Munanga e Gomes (2006), durante anos acreditou-se que os negros sofreram de forma passiva, contribuindo para a manutenção do processo de escravidão, quando, na realidade, sempre houve um processo de resistência, conforme as possibilidades do contexto histórico em que estavam inseridos.

Adiante, o interlocutor (OESP) destaca mais uma fala do interlocutário (professor): “Eu tenho dito: não é possível que um negro no Brasil não tenha passado por situação de racismo. Imaginávamos que tínhamos avançado, mas parece que não. Isso demonstra a necessidade de continuar discutindo Direitos Humanos”. Para entender a asserção do professor, é necessário perceber o que vem a ser racismo, conforme Van Dijk (2015, p. 33): “Racismo é essencialmente um modelo de dominação e desigualdade social”.

Destarte, enquanto houver discriminação e desigualdade social em consequência de questões raciais, existirá racismo. Esses fatos podem ser constatados quando se observam porcentagens de negros que vivem na linha da pobreza ou que são vítimas de homicídios, por exemplo. Também observamos essa questão na fala do interlocutário (professor) e no fato de que este não é um acontecimento isolado, pois a notícia expõe que Juarez já vivera situação semelhante, assim como expõe sua origem humilde, mediante a história de seus pais, evidenciando a desigualdade social e racial por que passou durante a infância e adolescência.

Para finalizar, destacamos a instalação de interlocutários em trechos de enunciados atribuídos ao professor por meio do uso das aspas, e à Unesp, respectivamente: “Estamos na luta política por igualdade há muitos anos [...]. É necessário que a gente mantenha nossa utopia, ela nos ajuda a caminhar em frente. Em nota, a Unesp disse que atos do tipo reforçam a necessidade de continuar a luta contra a discriminação racial, os preconceitos, de qualquer natureza, e especialmente contra a desigualdade abissal que marca historicamente a população negra no Brasil”. Esses enunciados evidenciam que o sujeito negro é marcado pela questão racial e luta para conquistar igualdade há anos, sendo necessário lutar por algo que é direito de todo ser humano, em consequência de um imaginário social que marca o sujeito negro no decorrer da história.

Esse acontecimento remete a inúmeros interdiscursos disponibilizados por discursos construídos no passado em referência ao negro, considerando o tripé sujeito, ideologia e história. Adiante, destacamos os efeitos de sentido da publicação e da notícia, expressos por

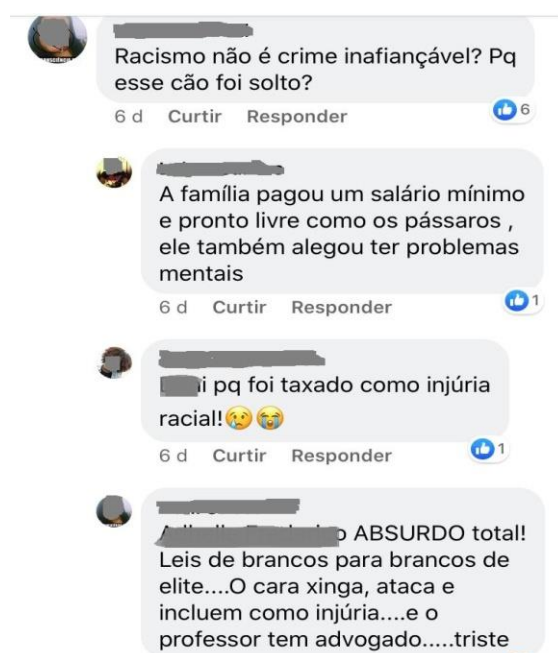


meio da instauração dos narratários no discurso, o que pode ser observado nos comentários tecidos pelos sujeitos do cotidiano na página QT.

#### 4.2.1 Eixo de sentido 1 – A tipificação do crime: racismo ou injúria racial

Neste eixo de sentido, recortamos uma sucessão de comentários que discutem a questão da punição sobre o ocorrido, levantando o questionamento sobre o racismo ser um crime inafiançável, considerando que o agressor foi liberado da prisão mediante o pagamento de fiança.

Figura 24 - Análise II: Comentários 1 a 4



Fonte: *Fanpage Quebrando o Tabu no Facebook*

No comentário n. 1, é possível identificar a indignação do usuário, mediante a qualificação do agressor como “cão”. Este termo não faz referência ao animal cachorro, mas é um xingamento utilizado usualmente para caracterizar algo relacionado ao mal, ou seja, a partir de uma metáfora, é possível ouvir neste enunciado outra voz, a qual desqualifica o agressor, mediante um subtendido.

No comentário n. 2, construído em resposta ao comentário n. 1, identificamos a presença de ironia, pois o usuário comenta que, mediante o pagamento de mil reais, o sujeito tornou-se livre como um pássaro. De acordo com Maingueneau (2006, p. 175), quando há a subversão da própria enunciação (ironia) desqualificando o outro, trata-se de um enunciado ambíguo que se mantém na fronteira do que é assumido e do que é rejeitado.

Já no comentário n. 3, verifica-se que o fato de o crime ter sido taxado como injúria racial e, conseqüentemente, o agressor estar solto, entristece o usuário, que manifesta seu sentimento por meio de um *emoticon*<sup>18</sup>. Esse sentimento acontece em virtude da diferença que há entre racismo e injúria racial, pois, de acordo com o artigo 140, parágrafo 3º, do Código Penal, a injúria racial consiste em ofender a honra de alguém em virtude de raça, cor, etnia, religião ou origem, com pena de reclusão de um a três anos e pagamento de multa, enquanto o racismo é um crime previsto na Lei n. 7.716/89, inafiançável e imprescritível, dirigido a um grupo de forma que promova a segregação racial.

Dessa forma, na maioria dos casos, o agressor é enquadrado em crimes de injúria racial, considerando que profere xingamentos dirigidos a uma pessoa específica em virtude da raça/cor. Esse crime possui pena mais branda e a possibilidade de liberação mediante fiança. A questão é que, apesar de ser uma atitude racista, para os autores dos comentários 1 e 2, a penalização não condiz com a gravidade.

No comentário n. 4, a indignação é evidente, pois o usuário refere-se ao fato como um absurdo, enfatizando essa questão por meio de todas as letras de ABSURDO escritas em maiúsculo, além do ponto de exclamação no final da frase. A utilização das letras garrafais e do ponto de exclamação demonstra uma entonação mais forte, interpretada como protesto e desagrado. O usuário ainda diz que as leis são de brancos e para brancos, afirmando que o agressor xingou e atacou o professor e, ainda assim, foi enquadrado em injúria racial. Na última afirmação, o usuário afirma que o professor, apesar de ter advogado, não consegue êxito na causa, finalizando com as reticências, o que indica omissão de algo, ou seja, um sentido a se dizer, lacuna preenchida pelo receptor desse comentário.

Por fim, ainda no comentário n. 4, é possível depreender que, para o usuário, os negros não se sentem contemplados com as leis que acabam por beneficiar apenas a elite branca, pois são elaboradas por essa elite. Nesse fragmento, é possível identificar um hiato social, uma vez que, por um longo período, o negro não fez parte da elaboração das principais leis que regem

---

<sup>18</sup>A palavra *emoticon* vem da língua inglesa, a partir da junção de *emotion* (emoção) + *icon* (ícone). Os *emoticons*, dessa forma, são símbolos formados a partir de outros símbolos: “carinhas” feitas com sinais, letras e números do teclado do computador, as quais representam por meio desses caracteres sentimentos de: alegria = :-D, tristeza = :-( (tô passando mal = :-6 , ou ainda mensagens tais como, “primeiro tira o óculos = 1º tira o 8-( , estou piscando um olho = ;-), entre outros. (Silva *et al*, p. 1.176, 2017)

nosso país, considerando sua condição de escravizado, sem poder ser também contemplado por essas leis.

Ante o exposto, e considerando que nessa discussão é possível encontrar conexão com um interdiscurso construído no passado, uma vez que o discurso (linguagem) constrói a história, sendo, conseqüentemente, construtor do imaginário social que cerca e marca o negro no Brasil, enfatizamos que a primeira Constituição Brasileira data de 1824, período em que o negro ainda era escravizado e privado de direitos. Depois desse período, ainda houve mais seis constituições (1891, 1934, 1937, 1946, 1967 e 1988), sendo a última Carta Magna do país elaborada cem anos após o processo de escravatura. Em todas essas constituições, o discurso jurídico estabeleceu lugares e construiu uma imagem do negro.

Ressalta-se que, apesar de a igualdade ter sempre constado das constituições brasileiras, nem sempre esse princípio atingiu o negro, principalmente na data da primeira constituição, em que constava o seguinte artigo: art. 179 – XIII “A Lei será igual para todos, quer proteja, quer castigue, e recompensará em proporção dos merecimentos de cada um.” (BRASIL, 1891)

Analisando esse artigo, Baravieira (2005) destaca que esse princípio ignorou a escravidão, pois naquela época o negro foi desumanizado, participando da sociedade não como humano, mas como “coisa”. Corroborando com esse pensamento, Munanga e Gomes esclarecem que:

Para os senhores, o negro escravizado era visto como propriedade, como um animal, podendo ser vendido a qualquer hora e pelo preço que bem lhe aprouvesse, assim como os criadores de gado vendem o macho separado da fêmea. (MUNANGA e GOMES, 2006, p. 85)

Nessa perspectiva, Baravieira (2005) acrescenta que o sentido de coisa, juridicamente, relaciona-se àquilo que pode ser objeto de direito subjetivo patrimonial, ou seja, é suscetível de apropriação pelas pessoas. Assim como na citação anterior, a autora afirma:

O negro situava-se em região limítrofe entre coisa e pessoa, mas na pior das situações, pois seu interesse era o último que prevaleceria, ou seja, conforme o interesse dos senhores, o negro adquiria e perdia sua precária personalidade. Para efeitos penais, na condição de autor de delito, o negro era responsável - característica inerente à personalidade jurídica, sofrendo as penalidades legais. Quando assumia a condição de vítima, o negro voltava a ser mera coisa. (BARAVIEIRA, 2005, p. 2)

Nesta citação, observa-se o discurso transversal constituído no enunciado do comentário n. 4, quando o usuário salienta que as leis são de brancos de elite e elaboradas

para os próprios brancos, considerando que, inicialmente e por um longo período de tempo, isso ocorreu, constituindo um imaginário social.

Esse sentimento pode ser explicado, ainda, considerando-se que, assim como a ciência, a justiça participou de um processo de construção de um imaginário social negativo sobre o negro, apesar de, a partir de 1988, muitas coisas terem avançado positivamente na legislação em relação à proteção desse grupo da sociedade, considerando que a Carta Magna desse ano foi elaborada por uma comissão eleita pelo povo e amparada pelo Movimento Negro, segundo Baravieira (2005). A Constituição de 1988, além de, assim como as anteriores, determinar que todos são iguais perante a Lei, resolve tratar o racismo em um artigo específico, conforme se observa a seguir: art. 5º – XLI “a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais; XLII - a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei” (BRASIL, 1988).

É importante ressaltar que, apesar de o princípio da igualdade sempre ter sido estabelecido nessas constituições, foi necessário haver um artigo específico sobre racismo, o que denota que o negro nunca foi tratado de forma igual aos não negros na legislação, sendo necessária a criação de um artigo para protegê-lo. Portanto, apenas a partir de 1988 o racismo tornou-se crime, sendo mais tarde previsto em lei (Lei n. 7.716/89 – Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor).

#### 4.2.2 Eixo de sentido 2 – Passividade do negro em relação ao preconceito

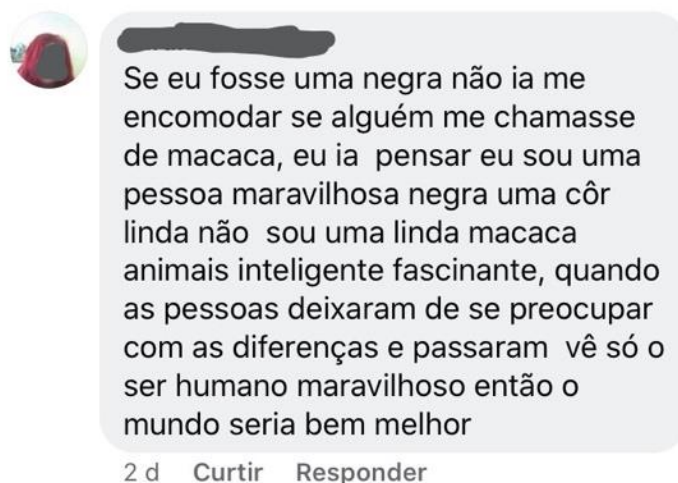
Neste eixo de sentido, abordamos o imaginário social sobre o negro construído no decorrer da história. Esse imaginário é representado nos comentários pela ideia de passividade em relação a situações de exploração, como no período escravocrata.

Figura 25 - Análise II: Comentário 5



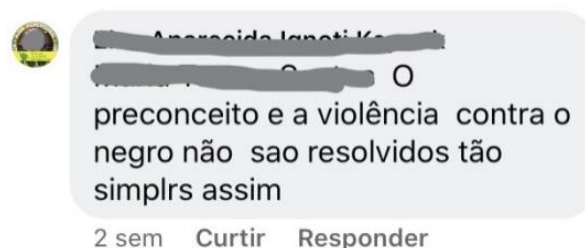
Fonte: *Fanpage Quebrando o Tabu no Facebook*

Figura 26 - Análise II: Comentário 6



Fonte: *Fanpage Quebrando o Tabu no Facebook*

Figura 27 - Análise II: Comentário 7



Fonte: *Fanpage Quebrando o Tabu no Facebook*

De acordo com Pêcheux (1988), a análise do discurso mobiliza as noções de língua, sujeito e ideologia, portanto, é impossível criar redes de análises de sentidos que não estejam ligadas a esses três eixos:

Na realidade, embora se realizem em nós, os sentidos apenas se representam como se originando em nós: eles são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é por isso que significam e não por nossa vontade. (ORLANDI, 2015, p. 33)

Desse modo, analisando o eixo de sentido 1 – A tipificação do crime: racismo ou injúria racial, encontramos um interdiscurso que remete a discursos construídos no decorrer da história, e que colocam o sujeito negro em uma posição de passividade em relação ao sofrimento. No comentário n. 5, o usuário reage à fala do professor: “Cansativo viver tendo que provar que sou humano”. De acordo com o comentário, não há nada a se provar, apenas seguir dignamente. É possível observar a desaprovação desse posicionamento por alguns usuários, tendo em vista as 14 reações de raiva no comentário, por meio do emoticon que denota esse sentimento.

No comentário n. 6, observa-se que o usuário se coloca no lugar do negro, a partir de uma comparação sobre sua reação na mesma situação vivida pelo professor. Esse usuário expressa que não daria importância ao xingamento, ao invés disso, buscaria se autovalorizar. Em seguida, enfatiza que, quando as pessoas pararem de se preocupar com a diferença e enxergarem apenas o “ser humano maravilhoso, o mundo seria bem melhor”. Destacamos que, em vários momentos, o usuário emprega o pronome pessoal “eu”, o que Maingueneau (2004, p. 129) denomina de um “eu” de identificação, uma vez que “destina-se a servir de lugar de inscrição”, ou seja, o usuário assume o discurso nesse momento, colocando-se na situação vivida por Juarez.

Nesses dois comentários, aparece uma correlação com o que Munanga e Gomes (2006) denominam de passividade do negro, pois, segundo esses autores, há uma crença em relação ao conformismo e passividade desse grupo diante do processo de escravização. Essa crença produz ecos na atualidade, conforme ressaltam os autores na citação a seguir:

Durante muitos anos, no Brasil, acreditou-se que o africano escravizado sofreu de maneira passiva todos os maus tratos praticados pelos senhores. Essa crença interferiu e interfere, ainda hoje, no imaginário construído em nossa sociedade a respeito dos nossos antepassados africanos e dos seus descendentes na atualidade: os negros e as negras brasileiras. (MUNANGA E GOMES, 2006, p. 67)

Portanto, essa imagem de passividade leva os narratários (usuários) a acreditarem que não há necessidade de o negro se posicionar diante de atitudes racistas. Esse imaginário faz parte de mais uma estratégia discursiva de dominação por meio da linguagem, ou seja, construir uma imagem do negro como fraco e passivo nessas situações, abre precedentes para um indivíduo como o agressor do professor ter uma atitude discriminatória, sem esperar uma resposta ou posicionamento da vítima, até mesmo, sem acreditar na justiça, da mesma forma que se acreditou que o negro nascia escravo e conformado com a sua condição.

No comentário n. 7, é possível identificar um posicionamento contrário aos anteriores, pois o usuário afirma que combater o preconceito e racismo não é algo simples, como sugerido nos comentários. Dessa forma, silenciar em relação ao preconceito não seria o melhor caminho.

Portanto, neste eixo de sentido, após análises dos discursos dos narratários (usuários), depreende-se que ainda é necessário que haja resistência, pois se o professor diz ser preciso provar sua humanidade, não é porque ele não se sinta dessa maneira, pelo contrário, é uma tentativa de desconstruir um imaginário social que afirmava a inferioridade e passividade do

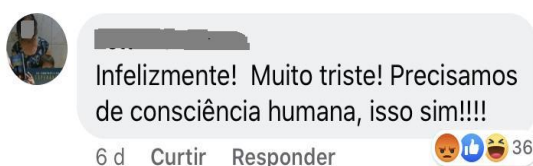
negro ante a escravidão. Assim, não cabe ao negro se aceitar e seguir dignamente em silêncio, pois resistir é reivindicar uma identidade que não seja a construída por terceiros e a própria condição de ser humano.

Destaca-se que resistência, neste eixo de sentido, não se relaciona à violência; dessa forma, não há a defesa da luta corporal narrada no acontecimento, apenas a identificação na voz dos narratários de uma instabilidade discursiva relacionada ao fato de resistir ao preconceito de uma forma ampla, ou permanecer calado frente a um imaginário social inferiorizante.

#### 4.2.3 Eixo de sentido 3 – Precisamos de consciência humana ou consciência negra?

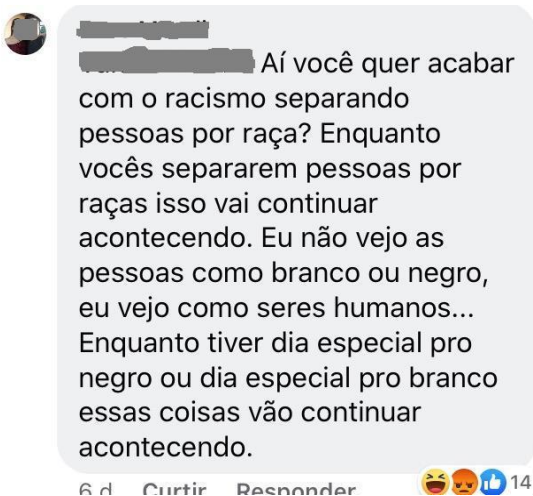
Este é um dos sentidos que mais circulou e gerou discussão nos comentários. Dessa forma, verifica-se o contexto imediato do acontecimento, ocorrido no dia alusivo à Consciência Negra, direcionando para a discussão sobre essa questão.

Figura 28 - Análise II: Comentário 8



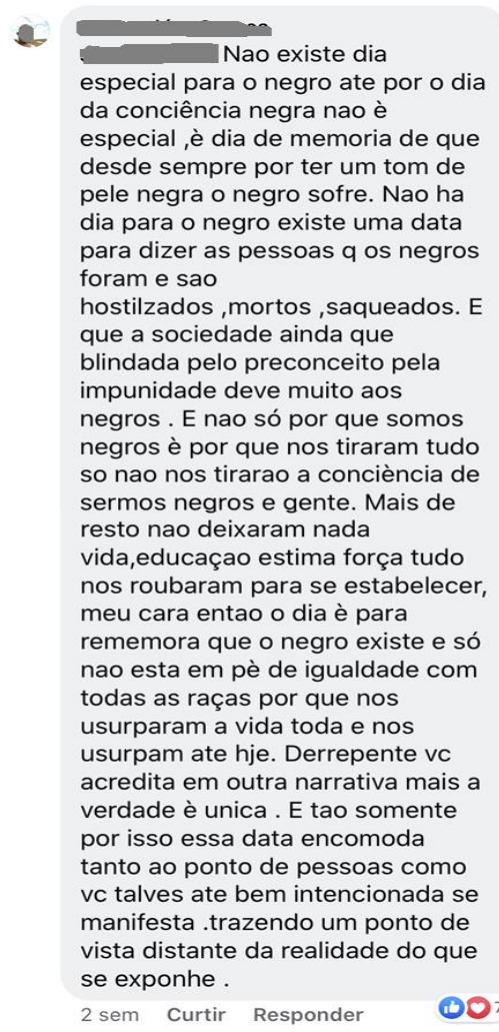
Fonte: *Fanpage Quebrando o Tabu no Facebook*

Figura 29 - Análise II: Comentário 9



Fonte: *Fanpage Quebrando o Tabu no Facebook*

Figura 30 - Análise II: Comentário 10



Fonte: *Fanpage Quebrando o Tabu no Facebook*

No comentário n. 8, verifica-se que o efeito de sentido é gerado por meio de um atravessamento discursivo, em que duas FDs contrárias se chocam: uma que defende o Dia da Consciência Negra, e a outra que defende a Consciência Humana. Esse efeito de sentido é gerado em virtude de tanto o cotexto do acontecimento (20 de novembro – Dia da Consciência Negra), quanto o contexto apresentarem o Dia da Consciência Negra. Sobre essa questão, Brandão esclarece que:

Os enunciados apresentam, dessa forma, uma dupla face: um “direito” e um “avesso” que são indissociáveis; ao analista cabe decifrá-los não só no seu “direito”, relacionando-os a sua própria formação discursiva, mas também no seu “avesso” perscrutando aquela face oculta em que se mascara a rejeição do discurso e de seu Outro. O que equivale a dizer que ao analista cabe apreender não só uma formação discursiva mas também a interação entre formações discursivas. (BRANDÃO, 2007, p. 93)



Portanto, ao tocar na questão da Consciência Negra, conseqüentemente, o avesso desse enunciado expressa a questão da Consciência Humana, um discurso oposto, por meio do qual se defende que separar as pessoas por raças contribui para o racismo, uma vez que todos são iguais e humanos.

Nessa perspectiva, o comentário n. 9 corrobora com a ideia apresentada no primeiro comentário, enfatizando que separar as pessoas por raças contribui para que o racismo continue a acontecer. O usuário ainda se inscreve no discurso por meio do pronome pessoal “eu” (MAINGUENEAU, 2006), responsabilizando-se pelo enunciado, no qual afirma que todos são iguais e seres humanos, ressaltando que um dia especial para o negro ou para o branco faz com que o racismo continue a acontecer.

Dessa forma, é evidente que a separação de seres humanos por categorias de raças superiores e inferiores, proposta pela ciência no passado, ainda contribui para a disseminação do racismo, separando os seres humanos e promovendo desigualdade; entretanto, cabe salientar que, com o passar do tempo, a palavra raça ganhou novas nuances, sendo interpretada diferentemente de FD para FD, conforme se observa na asserção de Guimarães:

Apesar de a ciência não mais utilizar a classificação por raça a utilização desse termo permanece devido ao seu caráter ideológico e social: “Raça é não apenas uma categoria política necessária para organizar a resistência ao racismo no Brasil, mas é também categoria analítica indispensável: a única que revela que as discriminações e desigualdades que a noção brasileira de cor enseja são efetivamente raciais não apenas de classe. (GUIMARÃES, 2012, p. 51)

Ante o exposto, atualmente, raça aparece como uma questão social e ideológica, trazendo justamente envolto em seus sentidos um já-dito inferiorizante do negro, a fim de levantar um movimento contrário a todas as conseqüências que esse discurso gerou para esse grupo em relação a sua representação social e à delimitação de espaços na sociedade. Sobre esse deslocamento de sentido, é importante trazer o pensamento de Bakhtin:

O signo e a situação social estão indissolúvelmente ligados. Ora, todo signo é ideológico. Os sistemas semióticos servem para exprimir a ideologia e são, portanto, modelados por ela. A palavra é o signo ideológico por excelência; ela registra as menores variações das relações sociais [...]. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 16)

Assim sendo, as mudanças sociais acarretam mudanças de sentidos, e essa construção social em que o negro está cada vez mais ocupando espaços antes negligenciados, promove desconstruções de significações construídas no passado. Entretanto, abandonar o termo raça

significa apagar as consequências trazidas por ele, enquanto ressignificá-lo é uma forma de resistência.

Esse aspecto pode ser observado no comentário n. 10, no qual o usuário enfatiza que o Dia da Consciência Negra não é um dia especial, mas é um dia de lembrar a história do negro e todo o sofrimento devido ao seu tom de pele. Para o usuário, é um dia para se lembrar o quanto os negros foram e são hostilizados, também como ainda sofrem com a desigualdade social em relação aos não negros.

Outro aspecto relevante é o fato de o autor do comentário n. 10 afirmar que a sociedade retirou todos os direitos do negro, menos a consciência de ser quem se é. Esse comentário demonstra que esse dia não é apenas direcionado aos brancos, mas importa para que haja a construção da consciência do próprio negro sobre si, por meio do acesso a sua cultura e história, a fim de desconstruir representações e estereótipos construídos historicamente.

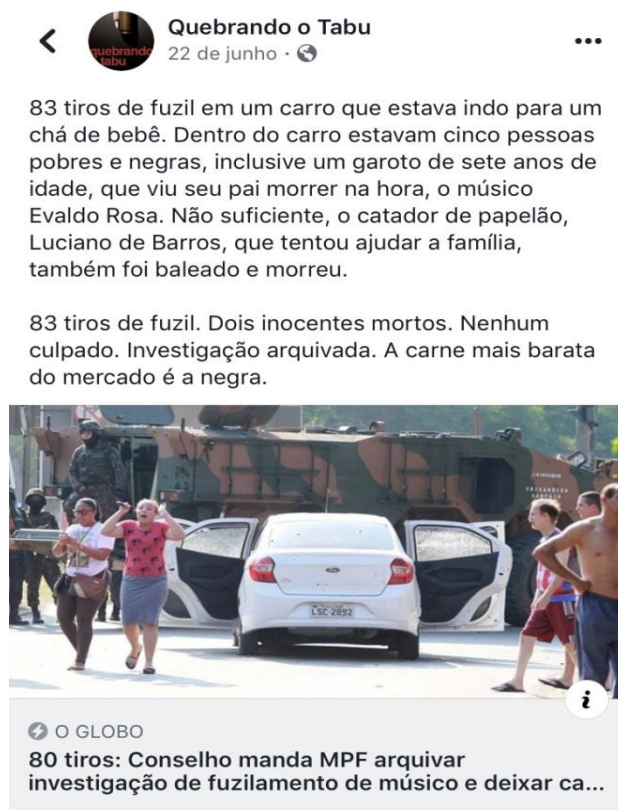
Dessa forma, negar a consciência negra ou simplesmente tratar apenas da consciência humana é uma forma de silenciamento da luta do negro e do processo de sua construção identitária, considerando que o sujeito negro apresentado no decorrer da história é aquele que foi escravizado. Portanto, conforme defendido no último comentário, o dia da consciência negra é importante para recontar a história desse povo, valorizando sua cultura e luta, sem deixar de reivindicar os espaços dantes interditados.

#### 4.3 ANÁLISE III – MORTE DE MÚSICO NEGRO POR MILITARES

A última análise refere-se a uma publicação de 22 de junho de 2019, da página *Quebrando o Tabu*, que recebeu cerca de 29,4 mil curtidas e mais de 15 mil compartilhamentos, por meio da qual o enunciador instala o narrador, mediante uma debreagem de primeiro grau, compartilhando uma notícia do *Jornal O Globo (Rio)* (interlocutor), veiculada na mesma data, com o título: “80 tiros: Conselho manda MPF arquivar investigação de fuzilamento de músico e deixar caso com procuradores e militares”.

Esse caso ocorreu em abril de 2019, quando uma família passou de carro por uma barreira militar no Rio de Janeiro e o veículo foi alvejado com mais de 200 tiros, dos quais 83 atingiram o motorista. A visualização da publicação na página é a seguinte:

Figura 31 - Análise III: Publicação



Fonte: *Fanpage Quebrando o Tabu no Facebook*

É possível depreender que a instância institucional da qual emana o discurso oficial é o jornal *O Globo* (interlocutor). O título da notícia apresentado na página aparece incompleto: “Conselho manda MPF arquivar investigação de fuzilamento de músico e deixar ca...”, possibilitando um deslocamento de sentido, que traz à notícia uma interpretação diferente da esperada pela instância de produção. Assim, se o usuário não “abrir” a notícia, terá acesso apenas a parte da informação.

Voltando à análise do discurso do narrador, nota-se, à primeira vista, que o número de tiros difere do explícito no título da notícia: 83, segundo a Página QT, e 80, segundo o veículo citado. Essa divergência de informações omite o fato de que cada tiro é relevante; esse número é enfatizado também no segundo período da publicação da Página QT, juntamente com a especificação do tipo de arma.

Adiante, o narrador qualifica as pessoas que estavam no carro como pobres e negras, empregando a expressão “não suficiente” para dizer que um catador de papelão também perdeu a vida tentando ajudar a família. Analisamos essa expressão partindo do pressuposto de escuta proposto por Orlandi (2015), considerando que, por trás de um dito, há sempre um não dito, neste caso, a negação em tela evidencia uma afirmação de que o fato de atirar contra

as vítimas traria certa satisfação aos militares, tendo em vista o significado da palavra “suficiente”, apresentado no *Dicionário da Academia Brasileira de Letras*: “que é satisfatório [...]”.

Ademais, no último período, encontramos uma relação de contradição no encadeamento dos enunciados “Dois inocentes mortos. Nenhum culpado. Investigação arquivada”. Verifica-se que, apesar de coordenadas, essas três orações acabam subordinando-se umas às outras, expressando um valor adverbial concessivo. Reformulando-as, teríamos: “Embora dois inocentes tenham sido mortos, não houve nenhum culpado e a investigação foi arquivada”. Essa construção concessiva indica certa ironia por parte do enunciador, deixando subtendido que, se os inocentes foram mortos, alguém lhes tirou a vida, portanto, deveria haver culpados, conseqüentemente, uma investigação.

No discurso do narrador, ainda é possível ouvir outra voz, que aparece como heterogeneidade enunciativa mostrada não marcada, de tipo alusão, isto é, uma citação sem aspas (AUTHIER-REVUZ, 1992). Trata-se do enunciado “A carne mais barata do mercado é a carne negra”. Embora haja a ausência das aspas na publicação ou de qualquer referência ao compositor ou à intérprete, um saber intertextual remete o leitor à canção de Elza Soares<sup>19</sup>, lançada em 2012, com a seguinte letra:

*A carne mais barata do mercado  
É a carne negra que vai de graça pro presídio  
E para debaixo do plástico  
E vai de graça pro subemprego  
E pros hospitais psiquiátricos  
A carne mais barata do mercado  
É a carne negra Que fez e faz e faz história  
Segurando esse país no braço, meu irmão  
O cabra aqui, não se sente revoltado  
Porque o revólver já está engatilhado  
E o vingador eleito  
Mas muito bem intencionado  
E esse país vai deixando todo mundo preto  
E o cabelo esticado  
Mas mesmo assim, ainda guarda o direito  
De algum antepassado da cor  
Brigar sutilmente por respeito  
Brigar bravamente por respeito*

---

<sup>19</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lkph6yK6rb4>

*Brigar por justiça e por respeito (Pode acreditar)  
De algum antepassado da cor  
Brigar, brigar, brigar, brigar  
A carne mais barata do mercado*

Dessa forma, ao mencionar parte da música de Elza Soares, o enunciador atualiza o discurso da canção, funcionando como um interdiscurso, que conforme apresentado no item 2.2, é algo que fala antes em outro lugar, ou seja, a memória discursiva que disponibiliza dizeres já-ditos que, de alguma forma, afetam o sujeito (Orlandi, 2015).

Esse interdiscurso possibilita ao narrador comparar a situação relatada na notícia com a canção, pois depreende-se, a partir desta, que a carne negra vai gratuitamente para o presídio, para o subemprego, para os hospitais psiquiátricos e para debaixo do plástico.

Dito de outro modo, assim como na canção, o negro que faz parte do acontecimento noticiado pelo jornal *O Globo*, na concepção do narrador, foi morto gratuitamente. E ainda, essa questão remete ao período da escravização do negro, considerando a comercialização do escravizado, ou seja, o negro sendo colocado como objeto. Assim sendo, a alusão permite à página QT interpretar o fato sem se responsabilizar pelos dizeres e, no mesmo movimento, despertar sentidos “esquecidos” ou silenciados.

Logo após as considerações do narrador, por meio de uma debreagem de segundo grau é instalada a voz do interlocutor (*O Globo*), instância institucional que constrói o acontecimento, ou, como proposto por Charaudeau (2006, p. 96), transforma o acontecimento bruto em acontecimento significante. Clicando no título da notícia (*hiperlink*), o leitor tem acesso à publicação:

Figura 32 - Análise III: Discurso do interlocutor.



RIO

## 80 tiros: Conselho manda MPF arquivar investigação de fuzilamento de músico e deixar caso com procuradores militares

BRASÍLIA - O Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP) determinou que o Ministério Público Federal (MPF) no Rio deixe de investigar o fuzilamento com 83 tiros praticado por militares do Exército em Guadalupe, na cidade do Rio. O fuzilamento em abril matou o músico Evaldo Rosa e o catador de papel Luciano de Barros Goes. No carro estavam ainda mais quatro familiares do músico, entre eles o filho de sete anos de idade. O CNMP decidiu que o MPF deve abandonar a investigação e arquivar o procedimento criminal aberto, de forma que essa atribuição seja exclusiva do Ministério Público Militar (MPM).

Partiu do MPM a contestação à atuação paralela do MPF. O procurador-geral de Justiça Militar, Jaime de Cassio Miranda, compareceu à sessão do CNMP nesta terça-feira para defender que apenas os promotores militares cuidem do caso do fuzilamento pelo Exército no Rio. A votação não foi unânime entre os 14 conselheiros. O vice-procurador-geral da República, Luciano Mariz Maia, que presidiu a sessão, defendeu o direito de procuradores da

República no Rio investigarem o que ocorreu. O conselheiro Valter Shuenquener foi na mesma direção. Shuenquener é uma indicação do Supremo Tribunal Federal (STF).

O voto do relator, conselheiro Leonardo Accioly, uma indicação da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), prevaleceu em plenário. Ele reconheceu a atribuição do MPM para fazer a apuração e a persecução no caso, de forma que o MPF se abstenha de qualquer investigação, com arquivamento do procedimento de investigação criminal aberto.

- A atuação do parquet militar é passível de críticas. A atuação no julgamento do habeas corpus é bastante questionável. Mas isso não é razão para eu decidir diferente. Não posso adotar o entendimento do MPF de que haveria julgamento parcial pela Justiça Militar - afirmou o relator.

Mariz Maia, vice da procuradora-geral, Raquel Dodge, defendeu o procedimento criminal aberto pelo MPF:

- Este procedimento não está produzindo nenhum efeito prático na atuação do MPM. Ninguém quer impedir que o MPM aja, ou causar constrangimento aos membros. Mas nem o voto do relator nem a fala do chefe do MPM apontam um único fato de que o procedimento aberto tenha interferido na atuação do Ministério Público Militar.

O procurador-geral da Justiça Militar afirmou que a instituição que defende participou da investigação desde o início, com requisição de documentos e perícias. Segundo ele, a linguagem usada pelo MPF é equivocada, ao falar em lesão à União na abertura do procedimento. A União, no caso, "são as Forças Armadas", conforme o procurador-geral.

- Estou há 20 anos na Justiça Militar. Nunca vi um julgamento imparcial... Me desculpe, nunca vi um julgamento parcial. Nunca vi. Se existe julgamento parcial, sua maior concentração está totalmente fora da Justiça Militar. Na Justiça comum, eles conseguem parcialidade. Na Justiça Militar, não vão conseguir -- afirmou Jaime de Cassio.

No último dia 23, o Superior Tribunal Militar (STM) mandou soltar nove militares suspeitos de fuzilar com 83 tiros o carro do músico Evaldo e de sua família - fuzilamento que acabou por atingir também o catador Luciano, que tentou ajudar a família. Dez ministros votaram pela liberdade de todos e dois, por algum tipo de medida cautelar aos

militares do Exército. Um ministro voltou para manter preso somente o tenente Ítalo da Silva Nunes Romualdo. E a ministra Maria Elizabeth Silva votou para manter a prisão de todos. Até mesmo o subprocurador-geral do MPM, Roberto Coutinho, pediu a revogação das prisões preventivas.

A Justiça Militar no Rio já aceitou a denúncia do MPM contra 12 suspeitos, transformados em réus. Casos de homicídios envolvendo militares federais no exercício da função não são remetidos à Justiça comum, aos tribunais do júri, conforme a legislação em vigor. O foro para essas investigações e processos é a Justiça Militar.

Fonte: Sassine (2019)

Acessando a notícia, uma das primeiras observações do leitor é o título completo que, diferentemente da publicação da página QT, informa que o caso será conduzido por procuradores militares. Nota-se também a diferença do número de tiros; enquanto no título da notícia são relatados 80 tiros, o texto da publicação da página *Quebrando o Tabu* informa que foram 83 tiros.

Ademais, a qualificação da vítima é informada como sendo apenas músico, sem enfatizar a cor da pele ou classe social, como foi realizado pela QT em sua publicação. Seguindo na notícia, é perceptível que o assunto central é o fato de a investigação, depois de arquivada pelo Ministério Público Federal, passar a ser conduzida pelo Ministério Público Militar. A problematização proposta na notícia é se haverá imparcialidade no julgamento, já que os investigados são militares.

Entretanto, a instância jornalística faz seu papel, distanciando-se de emitir opiniões diretas. Para isso, constrói o que Maingueneau (2004) chama de simulacro da enunciação, ou

seja, uma narrativa sobre os fatos, dando voz a alguns interlocutários, por meio de uma debreagem de 2º grau. Assim, o Outro é implantado no discurso, para construir a opinião; neste caso, podemos enfatizar o discurso atribuído ao Procurador-Geral da Justiça Militar, Jaime de Cássio, que, segundo o jornal, disse ser equivocada a fala do MPF ao falar de lesão à União na abertura do processo. Essa afirmação pode ser classificada como um tipo de heterogeneidade mostrada marcada linguisticamente: o discurso relatado na modalidade indireta.

Adiante, temos mais um episódio de heterogeneidade mostrada e marcada, nesta ocasião, em forma de discurso direto, implantando o discurso do procurador em pauta na matéria jornalística:

Estou há 20 anos na Justiça Militar. Nunca vi um julgamento imparcial... Me desculpe, nunca vi um julgamento parcial, nunca vi. Se existe julgamento parcial, sua maior concentração está fora da justiça militar. Na justiça comum, eles conseguem parcialidade. Na justiça militar, não vão conseguir.

Ante o exposto, percebemos que o jornalista faz uma opção em preservar a hesitação e consequente retificação do procurador, quando este afirma: “Me desculpe, nunca vi um julgamento parcial”. Por meio deste ato falho linguístico, o discurso do procurador revela uma dubiedade do início ao fim.

No segundo período, a oração introduzida pela conjunção condicional “se”, veicula uma ideia de contradição, pois o procurador expressa duvidar que exista justiça parcial, entretanto, apesar da dúvida, ele segue defendendo que na justiça militar não ocorre esse tipo de julgamento. O procurador conclui dizendo que na justiça comum haveria um julgamento parcial. Dessa forma, há uma contrapalavra (Bakhtin/Volochínov, 2006) no próprio discurso do procurador, exposto pelo interlocutor (O Globo) na tentativa de problematizar se haverá imparcialidade no julgamento de militares por militares. A matéria segue enfatizando que nove militares já haviam sido inocentados do caso.

Considerando que a publicação da Página QT é elaborada a partir da notícia, verifica-se que não há uma conexão direta entre o objetivo da notícia e a discussão proposta na Página. Essa questão pode ser evidenciada pelas formações discursivas e ideológicas que influenciam tanto a página quanto o jornal *O Globo*, bem como pela forma como a instância de produção caracteriza seu público, ou seja, para a página, a questão social e racial que envolve o acontecimento é mais relevante, enquanto que, para o jornal, a questão judicial constitui o foco da atenção.

Nessa perspectiva, cabe destaque à observação Maingueneau (2004) de que o discurso é orientado por um jogo de antecipações, ou seja, de acordo com o público, o discurso toma uma formação diferente, caso enfatizado por Bakhtin/Volochínov (2006), ao tratar do auditório social, e ainda por Orlandi (2015).

Ressaltamos que narrador e interlocutor constroem seus discursos de maneira direcionada, destarte, tanto a página tem sua parcela de manipulação no tratamento da questão, quanto a imprensa, ou seja, tudo é subjetivo nesse debate virtual, e assim, o acontecimento adquire uma entonação diferente para os dois grupos.

Desse modo, o narratário (usuário do *Facebook*) que tem acesso à página estará diante de dois discursos: a proposta de discussão centrada na questão de que “a carne mais barata do mercado é a carne negra” e a problematização sobre a questão judicial do acontecimento. Dessa forma, o narratário, ou seja, o sujeito comum do cotidiano, ao receber esses discursos, toma uma posição responsiva e concordando ou discordando (total ou parcialmente), elabora seu dizer.

Enfatizamos que, em uma concepção dialógica da linguagem, o discurso funciona sob a forma real ou figurada do diálogo, por meio de réplicas. Assim, neste caso, o discurso da instância jornalística é uma réplica aos discursos de instâncias judiciais; o discurso da página *Quebrando o Tabu* é uma réplica ao discurso do jornal; e o discurso dos usuários da página é uma réplica tanto a esses dois discursos, quanto aos discursos de outros usuários. Assim, estamos tratando de um diálogo em sentido amplo.

Nessa perspectiva, antes de passarmos à análise dos comentários, cabe abrir um parêntese para trazer uma reflexão de Fiorin (1996) sobre os desacordos no discurso. Segundo esse autor:

O enunciador pode, em função de suas estratégias para fazer crer, construir discursos em que haja um desacordo entre essas duas instâncias. A discordância entre enunciado e enunciação não é um desacordo entre um conteúdo manifesto e uma intenção comunicativa inefável, pois as únicas são as inscritas no discurso. (FIORIN, 1996, p. 39)

Assim, é comum o desacordo entre as instâncias do narrador da página e de seu interlocutor, o veículo de imprensa. No caso desta pesquisa, consideramos que a intenção do narrador da página é direcionar o discurso para o fato de que a vítima foi um negro confundido com bandido, e ainda sobre as circunstâncias em que ocorreu o fato, pois, para o narrador, a gravidade do acontecimento ultrapassa a questão de qual órgão público julgará o ocorrido. Então, como explicado por Fiorin (1996), o narrador utiliza uma estratégia para



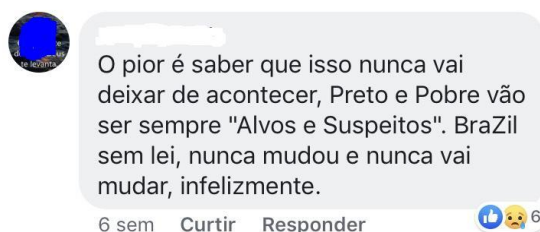
fazer os usuários crerem, ao elaborar um discurso a partir do discurso do interlocutor, orientando o sentido do acontecimento para o universo temático da página.

É chegado o momento de analisar como esses discursos são recebidos pelos narratários, ou seja, os efeitos de sentido da publicação sobre os leitores. Ressaltamos que a tensão entre o signo linguístico, interpretado por Bakhtin/Volochínov (2006) como arena de luta de classes, faz parte das forças centrífugas e centrípetas, no que concerne à estabilização e desestabilização de discursos cristalizados. Observemos a seguir como esses discursos se comportam em cada eixo de efeito de sentido.

#### 4.3.1 Eixo de sentido 1 – Negro e pobre são alvos

O primeiro efeito de sentido depreendido nos comentários é de que a questão de negros e pobres serem alvo de violência por parte de militares é algo recorrente, que sempre ocorreu sem que houvesse punição.

Figura 33 - Análise III: Comentário 1



Fonte: *Fanpage Quebrando o Tabu no Facebook*

Figura 34 - Análise III: Comentário 2



Fonte: *Fanpage Quebrando o Tabu no Facebook*

No comentário n. 1, o usuário enfatiza que o caso nunca vai deixar de acontecer, pois “Preto e Pobre” sempre serão alvos suspeito e essa situação nunca irá mudar. Nesse enunciado, é possível verificar alguns recursos discursivos: a entonação marcada pelas palavras iniciadas com letras maiúsculas – Preto e Pobre – e também pelo destaque da palavra “BraZil”, escrita com a letra Z, além do uso das aspas em “Alvos e Suspeitos”.

Esses recursos direcionam a interpretação, uma vez que, conforme colocado por Maingueneau (2004), as aspas demonstram uma lacuna a ser interpretada, também uma forma de distanciamento daquele que profere o enunciado; assim, o usuário demonstra uma caracterização dada ao negro, mas deixa claro que não compartilha do mesmo posicionamento.

Ademais, a escolha de dar uma entonação a algumas palavras demonstra uma apreciação do usuário em relação a esses termos. Ao empregar letras maiúsculas em “Preto e Pobre”, o usuário busca chamar atenção para o fato de que esse grupo social é sempre alvo de suspeita quando se trata de algo ligado ao crime, fato enfatizado na entonação do termo “Alvos e Suspeitos”.

E ainda, o usuário utiliza esse recurso ao grafar a palavra “BraZil”, remetendo-nos à época do império, trazendo esse passado para o presente com o intuito de demonstrar os reflexos da época em que o império e o sistema escravocrata eram vigentes no Brasil, asseverando que não houve muita mudança na forma como o negro é visto pela sociedade.

Essa afirmação é explicada pelo fato de que, na época do império, o nome de nosso país era grafado com a letra Z no lugar do S, fato que começou a mudar após a independência, conforme constatado na investigação de Franco e Souza (2015), intitulada *Descobrimo uma pequena parcela da identidade nacional: mudança ortográfica da palavra Brasil*, em que se constata essa mudança por meio da análise de periódicos e jornais do século XIX e início do século XX. A alteração da grafia da palavra Brasil também é registrada pelo Decreto n. 20.108, de 15 de junho de 1931, no art. 3, inc. XVI, por meio do qual o então presidente Getúlio Vargas decretou: “Fixar a grafia usualmente dubitativa das seguintes palavras, seus derivados e afins: a) Brasil e não Brazil”. (BRASIL, 1931).

No comentário n. 2, o usuário afirma que não haverá punição para esse caso, assim como para todos os outros que envolvem negros mortos na periferia, demonstrando incredulidade na justiça e nas leis quando se trata de negros e pobres. Levando em consideração que o discurso dialoga com discursos precedentes e sucessivos, inferimos que a questão de a criminalidade estar vinculada ao negro foi algo construído historicamente e legitimado, em certa época, pela ciência, conforme esta citação:

Nina Rodrigues – que foi professor de medicina na universidade da Bahia – realizou em sua análise, um cruzamento de perspectiva que levou em conta elementos da cultura afro-brasileira e da natureza médico biológica. Isso desembocou em análises negativas do caráter racial brasileiro, que efetuavam relações da raça com “potenciais criminosos: traços da aparência

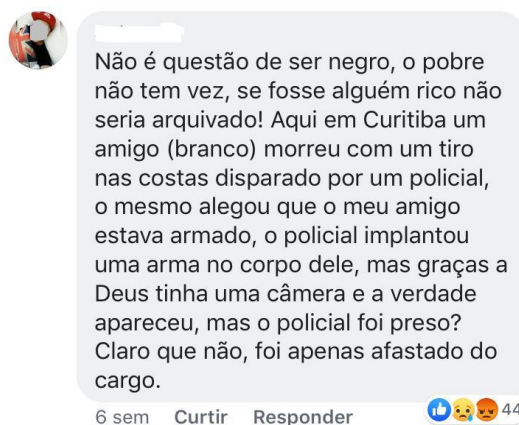
de um sujeito poderiam revelar uma natureza criminosa”. (CARVALHO ET AL, 2012, p. 103)

Segundo a citação, para Nina Rodrigues, a inferioridade da raça negra trazia até a incapacidade de compreender regras sociais. Acreditava-se que a criminalidade era um comportamento nato no negro, devido ao que Nina Rodrigues chamava de incapacidade orgânica cerebral, pois, para esse cientista, diferentemente dos brancos, que possuíam ações reflexivas, as raças denominadas inferiores eram tomadas de impulsividade primitiva, o que acarretava ações violentas e antissociais.

Neste eixo de sentido, observa-se que, apesar de, com o passar do tempo, essa tese ter sido derrubada, seus resquícios ainda marcam discursos atuais e interferem no imaginário social relacionado à representação da imagem do negro no Brasil.

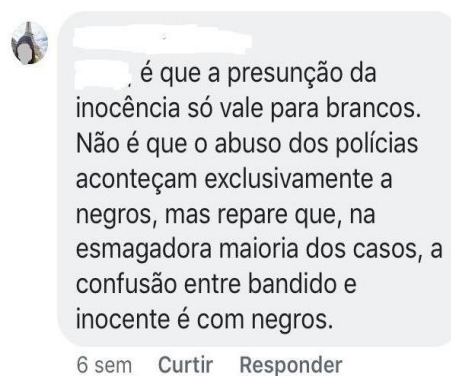
#### 4.3.2 Eixo de sentido 2 – Não é questão de ser negro

Figura 35 - Análise III: Comentário 3



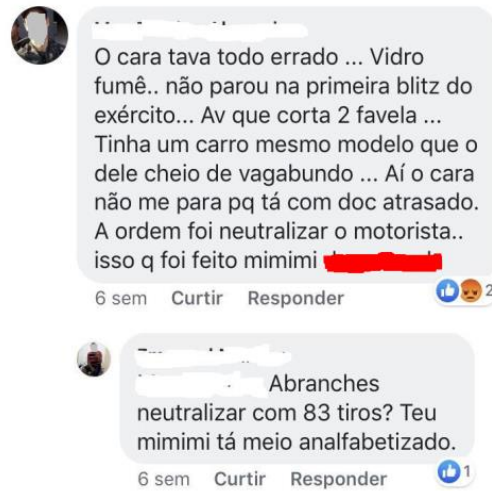
Fonte: *Fanpage Quebrando o Tabu no Facebook*

Figura 36 - Análise III: Comentário 4



Fonte: *Fanpage Quebrando o Tabu no Facebook*

Figura 37 - Análise III: Comentário 5



Fonte: *Fanpage Quebrando o Tabu no Facebook*

No comentário n. 3, o usuário enfatiza que o caso está relacionado ao preconceito social. Para tanto, menciona uma experiência pessoal, na busca de comprovar que os militares não são julgados devidamente, conforme se observa pela utilização da expressão “meu amigo”, em que o “eu” é implantado no discurso. (MAINGUENEAU, 2004).

O comentário n. 4, construído em resposta ao n. 3, enfatiza que não há presunção à inocência para negros, ou seja, já são considerados culpados, como no acontecimento em pauta, em que a vítima não teve a chance de defesa. Ademais, o usuário afirma que, na maioria dos casos em que um inocente é confundido com um bandido, trata-se de um negro, ressaltando que não há uma negação do fato de brancos pobres também passarem por essas situações, entretanto, isso acontece com mais frequência envolvendo negros.

No comentário n. 5, o usuário justifica a morte da vítima devido à semelhança das características do veículo com um automóvel que estava sendo procurado pela polícia, enfatizando, ainda, o fato de o motorista não ter parado na barreira policial, o que ocasionou sua morte, considerando que os policiais tinham ordens para neutralizar o motorista. Esse usuário ainda utiliza uma expressão de conotação pejorativa “mimimi”, satirizando e menosprezando o discurso contrário ao dele, pois essa expressão está ligada à pessoa que vive reclamando de tudo sem fundamento.

Nesse mesmo comentário, há a interação de outro usuário que lhe responde contrariamente, perguntando se seriam necessários 83 tiros para neutralizar uma vítima. Esse usuário usa de ironia ao dizer que o primeiro é quem faz “mimimi”, afirmando que a

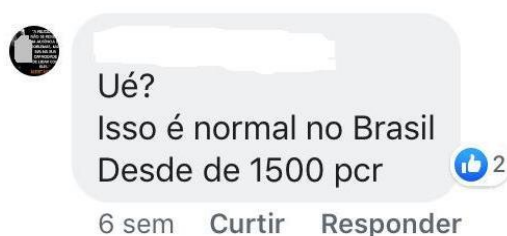
“reclamação” está “analfabetizada”, ou seja, há falta de conhecimento ao chamar o fato de neutralização, quando foram dados 83 tiros.

Neste eixo, assim como no anterior, identifica-se que o negro está mais propenso a ser relacionado à criminalidade como algo natural, não apenas em razão de um imaginário social construído ao longo da história, mas por uma série de fatores jurídicos e científicos que contribuíram para essa representação social depreciativa. Os narratários (usuários) são enfáticos ao afirmarem que há diferenças de tratamento segundo a cor da pele e classe social, e ainda, que a ação da polícia não condiz com uma neutralização, mas com a presunção de culpa que sempre recai sobre o negro.

### 4.3.3 Eixo 3 – Racismo e história

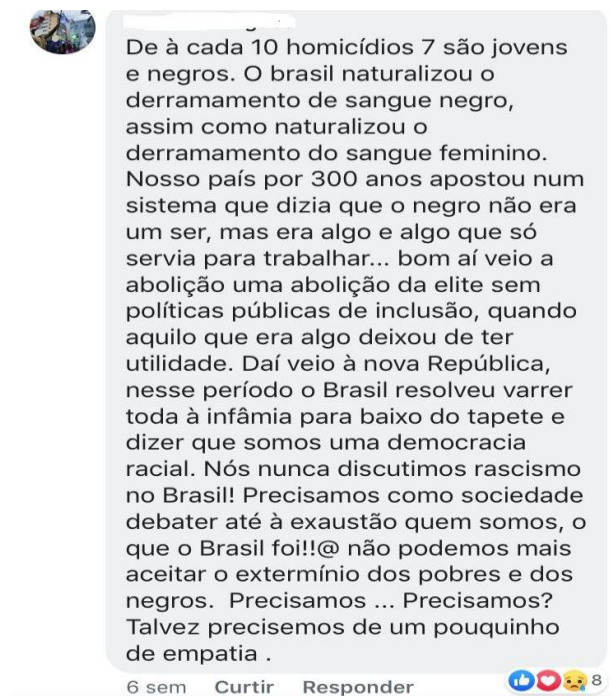
Este eixo de sentido estabelece uma correlação entre os discursos sobre o negro proferidos na atualidade e os discursos construídos no passado, significando que, independentemente do tempo, o discurso sempre é eivado de discursos construídos no passado.

Figura 38 - Análise III: Comentário 6



Fonte: *Fanpage Quebrando o Tabu no Facebook*

Figura 39 - Análise III: Comentário 7



Fonte: *Fanpage Quebrando o Tabu no Facebook*

No comentário n. 6, o usuário cita a época em que os portugueses chegaram ao Brasil, estabelecendo a colônia e, posteriormente, trazendo negros da África para serem escravizados, visando fornecer força de trabalho para a expansão territorial do Brasil. O comentário desse usuário entretém uma relação interdiscursiva com a canção *A carne mais barata do mercado é a carne negra*, aludida na publicação da Página QT. Como vimos, esta canção também mobiliza uma memória histórica e discursiva com fatos ocorridos no passado, em que o negro era “comercializado”, ou seja, objetificado e inferiorizado. Ante o exposto, observa-se que esse eixo coloca em relação passado, presente e futuro, como explica Fiorin a seguir:

Numa formação social determinada, operam o presente, ou seja, os múltiplos enunciados em circulação sobre todos os temas; o passado, isto é, os enunciados legados pela tradição de que a atualidade é depositária, e o futuro, os enunciados que falam dos objetivos e utopias dessa contemporaneidade. (FIORIN, 2006, p. 30)

Considerando a operação entre passado, presente e futuro, o comentário n. 7 parece complementar o n. 6, perfazendo um caminho histórico sobre o negro, que caminha entre esses três períodos do tempo. O usuário também cita a objetificação do negro devido ao comércio, e como essa prática se tornou natural devido aos 300 anos de escravização por que

o Brasil passou. O comentário segue explanando sobre a época da abolição, enfatizando que não houve políticas de inclusão social, ou seja, o negro foi descartado e passou a viver nas periferias-favelas. Ainda é exposta a questão da suposta democracia racial, que defende que existe uma sociedade igualitária, chamada, conforme Comin de Carvalho *et al* (2012), de mito, porque se acredita que não é o que realmente acontece. Por fim, há um direcionamento para o futuro, ao ressaltar a necessidade de empatia para com os negros. Em diálogo com essa observação, cabe o pensamento de Bakhtin:

Quando me compenetro dos sofrimentos do outro, eu os vivencio precisamente como sofrimentos *dele*, na categoria do outro, e minha reação a ele não é um grito de dor e sim uma palavra de consolo e um ato de ajuda. Relacionar ao outro o vivenciado é condição obrigatória de uma compenetração eficaz e do conhecimento tanto ético quanto estético. (BAKHTIN, 2003, p. 25)

Portanto, o comentário direciona para a questão do reconhecimento da dor sentida pelo negro historicamente, visando à desnaturalização dessa condição. Este eixo é o que mais se aproxima da reflexão direcionada pela página, pois os usuários conseguem acessar tanto a voz do enunciador quanto o interdiscurso da canção, o discurso do interlocutor (matéria jornalística) aparece apenas como estopim da discussão que é ampliada por discursos disponibilizados pela formação discursiva que trata sobre a defesa do negro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como principal objetivo analisar a representação discursiva sobre o negro, a partir de um *corpus* de mídia constituído por publicações e comentários compartilhados na *fanpage* Quebrando o Tabu, inscrita na rede social *Facebook*, destacando os efeitos de sentido que são atualizados no embate de vozes emanadas a partir de discursos estabilizados (oficiais) e discursos ordinários, em torno da representação do negro na rede social *Facebook*.

Partimos da hipótese inicial de que, com o advento da tecnologia digital, especificamente das redes sociais dispostas na internet em mídias sociais, o discurso da instância de recepção tornou-se mais acessível, adquirindo, conseqüentemente, maior legitimidade, devido ao acesso facilitado e à possibilidade de os sujeitos do cotidiano se reunirem e trocarem informações em um mesmo ambiente, no caso desta pesquisa, na rede social *Facebook*. Além disso, essa instância tornou-se mais heterogênea, haja vista que a circulação dos discursos em ambiente digital é mais rápida e intensa, dessa forma a instância de produção dificilmente consegue prever os efeitos de sentido que produz, pois sempre há algo que lhe escapa no fio do discurso.

No desenrolar da pesquisa, a hipótese inicial pôde ser expandida a partir da observação de um imaginário social construído socio-histórica e ideologicamente pelas classes dominantes e difundido nas mídias sobre o negro, o que se confirmou nas análises do dispositivo comunicacional da *fanpage* Quebrando o Tabu pelas marcas linguísticas depreciativas que denotam exclusão, desigualdade e preconceito em relação a esse grupo. Ademais, foi possível observar também um movimento de reprodução, desconstrução e reconstrução discursiva por meio do embate de vozes sociais.

Para a consecução dos objetivos da pesquisa, percorremos um longo trajeto, a fim de reunir subsídios teóricos que tornassem possível abordar o tema, tendo por fundamento teórico a Análise do Discurso de linha francesa. Desse modo, no primeiro capítulo, o arcabouço teórico desta disciplina permitiu-nos estabelecer as bases das análises, pela compreensão de que todo discurso possui uma dupla face, ou seja, um direito e um avesso (ORLANDI, 2015); ainda, que o discurso é atravessado por outros discursos, o que demonstra seu caráter fundamentalmente dialógico, indicando que tanto os acontecimentos noticiados pelas mídias, quanto as respostas a eles são influenciados e trazem em si outros dizeres, tarefa que cabe ao analista decifrar, como tentamos mostrar ao longo das análises.



Esse quadro teórico foi enriquecido pela concepção dialógica da linguagem e pela teoria da enunciação, fornecendo-nos categorias produtivas para descrever os enunciados e explicar os efeitos de sentido gerados a partir do compartilhamento de cada acontecimento (notícia) na rede social *Facebook*, assim como a própria notícia. Dessa forma, as análises mostram que o diálogo de vozes nas publicações aparece carregado de ideologias construídas e disseminadas no decorrer da história, com destaque para aquelas que colocam os negros em posição de inferioridade, o que demonstra posições de classes em conflito. Além disso, foi possível observar que, ainda na atualidade, é possível identificar discursos ligados à época em que havia a escravização dos negros, conseqüentemente, a objetificação e inferiorização desse sujeito.

No decorrer das análises e ainda pensando a questão ideológica apresentada no primeiro capítulo, identificamos que o discurso sobre o negro propagado nas redes sociais também sofre influência da construção histórica de discursos sociais, científicos e jurídicos sobre esse grupo da sociedade, levando em consideração os estudos relacionados à divisão humana por raças, às leis que, em alguns períodos, não abrangiam os negros, e a forma desumana como eram tratados pelos senhores de escravos.

A partir desses apontamentos, foi possível depreender que ainda existe um imaginário social negativo relacionado ao negro no Brasil, o que influi na constituição desse sujeito na sociedade, afetando tanto a forma como o sujeito negro se reconhece, quanto a maneira como ele é representado socialmente. Evidencia-se, assim, que os sujeitos são interpelados pela ideologia e marcados pelas questões sociais e históricas veiculadas no discurso. Além desses primeiros indícios de conclusão, essa dissertação tornou possível analisar esse movimento discursivo apresentado no primeiro capítulo em ambiente digital, uma vez que o recorte do *corpus* foi realizado a partir das publicações da página *Quebrando o Tabu*, alocada na rede social *Facebook*.

Dessa forma, no segundo capítulo, vimos que, em ambiente digital, o discurso possui uma rápida circulação, o que acarreta inúmeros efeitos de sentido para um mesmo acontecimento, uma vez que este é compartilhado em um ambiente em que os usuários estão ligados a diferentes formações discursivas (redes de sentido). A respeito dessa rápida circulação dos discursos, observa-se que o ambiente digital pode contribuir para propagar o preconceito, tanto quanto para desconstruir discursos carregados de discriminação.

Perscrutar esse ambiente renovado de comunicação também possibilitou observar como o discurso se organiza na rede social *Facebook*, considerando os gêneros analisados

nesta pesquisa – notícia, comentários (bate-papo) e a publicação – que, com o advento da tecnologia digital e das mídias sociais, sofrem modificações substanciais, o que pode ser chamado de transmutação ou reelaboração de gêneros, os quais são reformulados e até recriados em ambiente digital. Contudo, apesar dessas observações, conclui-se que o ambiente digital não é capaz de criar novos gêneros, a não ser de renová-los, sempre partindo de um gênero primário, tratando-se, assim, de um suporte de gêneros do discurso.

Nesse sentido, o segundo capítulo forneceu subsídios para explicar o modo como o discurso se organiza em ambiente digital, considerando-se em particular, a gestão das vozes na rede social *Facebook*, adaptada a partir de Barros (FIORIN, 2010), com base na teoria da enunciação de Benveniste. Sobre essa questão, observamos que as instâncias de produção e recepção do discurso podem ser enquadradas à teoria de Benveniste, uma vez que é possível identificar diferentes níveis enunciativos presentes no dispositivo comunicacional da publicação da página *Quebrando o Tabu*, qual seja o enunciador, o narrador, o interlocutor e suas instâncias respectivas, enunciatário e narratário.

Sobre a instância de produção do interlocutor, observou-se, como já esperado pelo gênero que a comporta (notícia), um posicionamento de isenção com relação à responsabilidade enunciativa, na medida em que o veículo tenta se limitar a noticiar o acontecimento, não emitindo opiniões diretas. No entanto, como proposto por Charaudeau (2006), isto não significa que o acontecimento não seja construído pelas mídias, como pudemos mostrar ao longo das análises, pelas escolhas realizadas pelos enunciadores/narradores/interlocutores, entre outras estratégias linguístico-discursivas (discurso relatado, informações divergentes, entre outras). Em contrapartida, na instância de recepção do discurso, é possível perceber posicionamentos, opiniões e argumentações explícitas, com o objetivo de agir sobre o outro sobre a concordância ou discordância em relação ao acontecimento noticiado. Destarte, o segundo capítulo foi especialmente importante para apresentar ao leitor o ambiente que nos aventuramos a pesquisar, bem como para construir categorias e nos levar a entender como o discurso se comporta em ambiente digital, especialmente nas redes sociais.

Dessa maneira, entender o papel do digital na produção e circulação dos discursos conduziu-nos a observar que se trata de um suporte capaz de modificar a dinâmica do sentido, uma vez que é capaz de ampliar a circulação dos discursos, modificar gêneros discursivos em razão da demanda social no digital e dos mecanismos disponibilizados nesse ambiente, e o mais importante para esta pesquisa: esse suporte de discursos promove a circulação de vozes

sociais não legitimadas e antes abafadas, ou seja, as vozes daqueles que consomem o discurso, denominadas nesta pesquisa sujeitos do cotidiano, responsáveis pelo discurso ordinário.

Nessa perspectiva, percebemos que a rede social consegue agrupar grandes comunidades, trazendo força à voz daqueles que consomem discursos advindos de instâncias oficiais (de poder), haja vista que a maior parte dos usuários que acessam as redes sociais são sujeitos do cotidiano. No decorrer da pesquisa, também observamos que, em alguns momentos, o discurso ordinário invade o ambiente oficial e até se transforma em objeto do discurso, algo verificado já na primeira análise, o que demonstra como esse discurso tem adquirido força.

Ademais, a repercussão do discurso oficial na instância de recepção tanto pode disseminar ainda mais os discursos com marcas de preconceito e discriminação, como desestruturar esses discursos, a partir do que Bakhtin (1998) chama de forças centrífugas, que trabalham para desestabilizar discursos cristalizados.

Esses dois movimentos foram observados nas análises, entretanto, é importante salientar que a busca pela desestabilização dos discursos de preconceito é um grande ganho que esse ambiente traz, desmistificando ideologias e representações construídas sócio-historicamente em um ambiente de debate, no qual o sujeito do cotidiano tem voz e vez, considerando que nem sempre foi fácil ter acesso ao discurso ordinário, assim como esse discurso não era capaz de provocar grandes alterações no discurso oficial, fato modificado pelas redes sociais, pois a instância de recepção não funciona apenas como consumidora do discurso, mas coautora e participante ativa da construção dos sentidos na rede social.

Portanto, analisar essa interação discursiva nos leva a concluir que as redes sociais possibilitam observar as relações sociais de forma ampla e acessível, ainda que mesmo em ambiente digital, não é possível apagar as questões ideológicas e políticas que sustentam o discurso. Dessa forma, esse ambiente torna-se propício para investigar o discurso referente ao negro, considerando que tais ideologias e representações sociais podem ser observadas tanto no discurso oficial quanto no discurso ordinário.

Por fim, chegamos ao terceiro capítulo, dedicado à análise do *corpus* desta pesquisa, para o qual foram selecionados três acontecimentos discursivos que tratavam de episódios em que o negro era personagem principal: 1) Mãe “fantasia” filho de escravo para o *Halloween*; 2) Professor é chamado de macaco e esfaqueado; 3) Morte de músico negro por militares. Esses acontecimentos ocorreram entre 2018 e 2019, apesar de recentes, as análises

demonstraram uma forte conexão com o passado, haja vista que ideologias construídas no período escravocrata ainda repercutem no discurso atual.

Na primeira análise, por exemplo, o período escravocrata é retomado de forma satirizada, estabelecendo uma relação entre esse período e a festividade do *Halloween*. A recepção do acontecimento provoca diversos efeitos de sentido na instância de recepção, entre eles uma grande discussão sobre a caracterização como escravo ser considerada uma fantasia para uma festa de personagens assombrosos, trazendo uma representação negativa para o sujeito negro. Nessa mesma análise, observou-se, ainda, a negação do período escravocrata e da história, o distanciamento desse fato da realidade e a culpabilização do negro pelos acontecimentos da época.

Já na segunda análise, encontramos conexão com a discussão sobre raças, um discurso que parece tão distante, considerando a escola Darwinista e a teoria da evolução, transportada para o campo das ciências sociais com intuito de inferiorizar o sujeito negro no período escravocrata, relacionando-o a raças “ditas” inferiores, o que poderia justificar uma evolução intelectual, moral e física menor em relação aos demais indivíduos. Nessa análise, esse discurso é atualizado quando um professor é chamado de “macaco” e agredido em virtude da cor de sua pele, o que demonstra os reflexos desse cruzamento discursivo ainda na atualidade.

A última análise também aparece carregada com o peso de discursos construídos no decorrer da história, principalmente os discursos advindos das ciências biológicas e jurídicas, que construíram um imaginário social que associa a figura do negro à criminalidade, resultando na morte e incriminação desses sujeitos sem ao menos haver a presunção de culpa. Nessa análise, os inúmeros efeitos de sentido comprovam como esse interdiscurso interfere na representação social desse sujeito.

Nota-se que as três análises demonstram algo já evidenciado na Introdução, a saber, que os discursos construídos no passado que marcam a história do negro no Brasil em relação ao preconceito e à discriminação entrecruzam os discursos realizados no presente, conforme proposição de Fiorin:

Numa formação social determinada, operam o presente, ou seja, os múltiplos enunciados em circulação sobre todos os temas; o passado, isto é, os enunciados legados pela tradição de que a atualidade é depositária, e o futuro, os enunciados que falam dos objetivos e utopias dessa contemporaneidade. (FIORIN, 2006, p. 30)

É importante ressaltar que, apesar de haver marcas depreciativas no ambiente digital, a partir do embate de vozes sociais e do que Bakhtin chamou de dialogismo e interação social, é

possível depreender o que Fiorin denomina nessa citação de futuro, ou seja, os enunciados que falam das utopias e objetivos contemporâneos. Esse enunciado relacionado ao futuro e às utopias é observado nos efeitos de sentido em que os consumidores do discurso, em alguns momentos, tentam desconstruir o imaginário social negativo em busca de construir uma nova representação social do negro, em que a sociedade é conscientizada sobre a história, direitos e igualdade desse grupo em relação aos demais indivíduos. Dessa forma, podemos ainda relacionar essa utopia de Fiorin (2006), a utopia bakhtiniana:

A utopia Bakhtiniana é poder resistir a todo processo centrípeto e centralizador. No dialogismo incessante o ser humano encontra o espaço de sua liberdade e de seu inacabamento. Nunca ele é submetido completamente aos discursos sociais. A singularidade de cada pessoa está no “simpósio universal” ocorre na interação viva das vozes sociais. (FIORIN, 2006, p. 28)

Além de todas as conclusões levantadas até o momento, esta pesquisa nos leva a refletir a respeito do quanto estamos próximos de alcançar a utopia bakhtiniana mediante as possibilidades que o ambiente das redes sociais na internet nos proporciona, considerando que as redes sociais são essencialmente dialógicas e movidas por essa interação viva de vozes sociais que, conforme pôde ser percebido no desenrolar das análises, têm trabalhado para resistir ao processo centrípeto e centralizador, por meio da discussão e desconstrução de discursos eivados de signos do passado, os quais demonstram preconceito e exclusão do grupo social formado por negros.

Portanto, embora o ambiente digital possa contribuir para a disseminação do imaginário social inferiorizante do negro, haja vista a rápida circulação do discurso, evidenciamos que nesse espaço dialógico também há a possibilidade de uma nova construção discursiva, que busca alterar a representação social desse grupo, pois em todas as análises foi possível verificar um embate de vozes sociais, uma vez que, para todos os discursos em que foi possível identificar preconceito, havia uma contrapalavra em busca de desconstruir esse tipo de enunciado, considerando o caráter ideológico do signo linguístico, conforme proposto por Bakhtin/Volochínov (2006).

Desse modo, identificamos inúmeros efeitos de sentido para um mesmo acontecimento, constatando várias marcas depreciativas, tanto no acontecimento, quanto nos comentários, entretanto, primamos por destacar nesta conclusão as novas possibilidades trazidas pelas redes sociais no que concerne à voz dada aos consumidores do discurso que, em muitos casos, têm buscado resistir aos discursos cristalizados e centralizadores, direcionando-nos à utopia bakhtiniana, da qual compartilhamos.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson. **Redes Sociais e Ensino de Línguas**: o que temos de aprender? São Paulo-SP: Parábola, 2016.
- AUTHIER-REVUZ, J. Hétérogénéité montréalaise et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. In: DRLAV – **Revue de Linguistique**, 26, 1982.
- BAKHTIN, Mikhail e VOLOCHÍNOV, Valentim. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora da Unesp/Hucitec, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Editora da Unesp/Hucitec, 1998.
- BARAVIEIRA, Verônica de Carvalho Maia. **A questão racial na legislação brasileira**. Trabalho final apresentado ao Curso de Especialização em Direito Legislativo, realizado pela Universidade do Legislativo Brasileiro – UNILEGIS e Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS. Brasília: 2015, disponível em [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/82/Veronica\\_de\\_Carvalho.pdf?sequence=4](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/82/Veronica_de_Carvalho.pdf?sequence=4)
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- BRAIT, Beth. **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Editora Contexto, 2003.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2007.
- CERTEAU, Michel de. **Artes de Fazer**: A invenção do cotidiano. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. 351 p. Tradução de: Ephraim Ferreira Alves.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- CHAVES, A. S. **Gêneros do discurso e memória: o dialogismo intergenérico no discurso publicitário**. Tese (doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010, 366 f.
- COMIN DE CARVALHO, Ana Paula *et al.* **Desigualdade de Gênero, raça e etnia**. Curitiba-PR: Editora intersaberes, 2012.
- CORACINI, Maria José *et. al.* **Mídia, Exclusão e Ensino**: dilemas e desafios da contemporaneidade. Campinas-SP: Editora Pontes, 2014.
- COSCARELLI, Carla Viana *et al.* **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- DIAS, Cristiane. **Análise do Discurso Digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas-SP: Editora Pontes, 2018.
- FACEBOOK 2009. Company Info. Disponível em <http://newsroom.fb/company-info> (24/07/2019)

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário Aurélio da Língua portuguesa. Curitiba-PR: 4ª ed. Editora Positivo, 2009.

FILHO, Nemézio C. Amaral. O negro na mídia: a construção discursiva do “outro” cultural. **Revista África e Africanidades** – ano 3 – n. 10, agosto, 2010 – ISSN 1983-2354.

FIORIN 2017, acesso em 18 de novembro de 2019, disponível em file:///C:/Users/vanuza.lima/Downloads/33544-111795-1-PB.pdf

FIORIN, José Luiz. Identidade Nacional e Exclusão. In: LARA, G. M. P; LIMBERTI, R. C. P. (orgs.). Representações do Outro: discurso, (des)igualdade e exclusão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FIORIN, José Luiz. Identidade nacional e exclusão. In: LARA, G. M. P; LIMBERTI, R. C. P. (orgs.). **Representações do Outro**: discurso, (des)igualdade e exclusão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Editora Ática, 2006.

FIORIN, José Luiz: **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo-SP: Editora Ática, 2010

FIORIN, José Luiz: **Uma teoria da enunciação**: Benveniste e Greimas. Gragotá, Niterói, vol. 22, n.44, p.970-985, set.-dez.2017, acesso em 18 de novembro de 2019, disponível em <http://dx.doi.org/10.22409/gragota.2017n.44a983>.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo-SP: Edições Loyola, 13ª edição, 2006.

FRANCO, Maiara Ferreira Fraga e SOUZA, Thales Ribeiro de. Descobrimo uma pequena parcela da identidade nacional: mudança ortográfica da palavra “Brasil”. **Revista LENDU – Linguagem, ensino e educação**. Vol. 4, n. 1, 2015.

G1 RIO GRANDE DO NORTE. **Mãe 'fantasia' filho de escravo para festa de Halloween em escola de Natal**: 'Vamos abraçar esse negócio'. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2018/10/29/mae-fantasia-filho-de-escravo-para-festa-de-halloween-em-escola-de-natal-vamos-abraçar-esse-negocio.ghtml>. Acesso em: 09 nov. 2019.

GREGOLIN, Maria do Rosário *et al.* **Discurso e Mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos – SP: Editora Claraluz, 2003.

KOCH, Ingedore. G. Villaça e ELIAS, Vanda Maria. Ler e compreender os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza e Délcio Rocha. São Paulo: Cortez, 3ª edição, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2017.

MALDIDIER, Denise. A inquietude do discurso. Um trajeto na história da análise do discurso: o trabalho de Michel Pêcheux. In: PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice (orgs.). **Legados de Michel Pêcheux**: inéditos em Análise do Discurso. São Paulo: Contexto, 2011.

MALHEIRO, Perdígão. **A escravidão no Brasil: Ensaio Histórico, Jurídico, Social.** Petrópolis – RJ. Editora Vozes, 1976.

MARTINS, Leo; TOMAZELA, José Maria. **Cansativo viver tendo que provar que sou humano, diz professor xingado e esfaqueado.** Estadão. São Paulo, 21 nov. 2019. Disponível em: <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,cansativo-viver-tendo-que-provar-que-sou-humano-diz-professor-xingado-de-macaco-e-esfaqueado,70003097996>. Acesso em: 02 dez. 2019.

MUNANGA, Kabengele e GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de Hoje.** São Paulo: Editora Global, 2006.

MUSSALIM, F. Análise do discurso. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras.** vol. 2. São Paulo: Cortez, 2012, p. 113-166.

ORLANDI, E. P.; Guimaraes, E. R. J. (1986). **Unidade e dispersão: uma questão do texto e do sujeito,** Cadernos PUC.: São Paulo, 1986.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** Campinas-SP: 12ª edição, Editora Pontes, 2015.

PAVEAU, Marie-Anne e SARFATI, Georges-Élia. **As Grandes Teorias da Linguística da Gramática Comparada à Pragmática.** São Carlos: Editora Clara Luz, 2006.

PÊCHEUX, Michel. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** Campinas –SP: Editora da Unicamp, 1997

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Campinas-SP: Editora Unicamp, 2016.

PRIMO, A. **Interação mediada por computador: a comunicação e a educação a distância segundo uma perspectiva sistêmico-relacional.** Tese de doutorado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em informática na educação em março de 2003.

**Quebrando o Tabu.** Facebook: @quebrandootabu. Disponível em: <https://www.facebook.com/quebrandootabu/>.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Editora Meridional, 2019.

SASSINE, Vinicius. 80 tiros: **Conselho manda MPF arquivar investigação de fuzilamento de músico e deixar com procuradores militares.** O Globo. Rio de Janeiro, 11 jun. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/80-tiros-conselho-manda-mpf-arquivar-investigacao-de-fuzilamento-de-musico-deixar-caso-com-procuradores-militares-23731390>. Acesso em: 10 set. 2019.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral.** Tradução de Antônio Chellhini, José Paulo Paz e Izidoro Blinkstein. São Paulo: Editora Cultrix, 2010.

SAYURI, J. O quebrador de tabus. Revista Trip, disponível em <https://julianasayuri.com/2016/07/26/revista-trip-2/>, acesso em 12 de setembro de 2019.

SILVA, Dagmar Vieira Nogueira *et. Al.* Observações sobre o Texto e o Sentido na Era dos Emojis. Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos Suplemento: Anais da XII JNLFLP 1177. **Revista Philologus**, ano 23, n. 69. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2017

SILVEIRA, Juliana da. **Rumor(es) e Humor(es) na circulação de hashtags do discurso político ordinário no Twitter.** 2015. 200 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Letras, Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.



TELLES, André. **A revolução das Mídias Sociais**: Estratégias de marketing digital pra você e sua empresa terem sucesso nas mídias sociais. São Paulo: Editora M. Books do Brasil. 2010.

VOLOCHÍNOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia**. São Paulo-SP: Editora 34 Ltda., 2019.